

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE**

ANNIE TARSIS MORAIS FIGUEIREDO

**“O FASCISMO AINDA ESTÁ CÁ DENTRO”, OU A ESCRITA COMO COMBATE
EM *A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS*, DE VALTER HUGO MÃE**

CAMPINA GRANDE - PB

Fevereiro, 2016

ANNIE TARSIS MORAIS FIGUEIREDO

**“O FASCISMO AINDA ESTÁ CÁ DENTRO”, OU A ESCRITA COMO COMBATE
EM *A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS*, DE VALTER HUGO MÃE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI – da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Literatura e Estudos Interculturais

Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Estudos Culturais

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega

CAMPINA GRANDE - PB

Fevereiro, 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F475f Figueiredo, Annie Tarsis Morais.

"O fascismo ainda está cá dentro", ou a escrita como combate em a máquina de fazer espanhóis, de Valter Hugo Mãe [manuscrito] / Annie Tarsis Morais Figueiredo. - 2016. 93 p.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa".

1. Biopoder. 2. Biopotência. 3. Fascismo. 4. Valter Hugo Mãe. 5. Literatura portuguesa contemporânea. I. Título.

21. ed. CDD P869

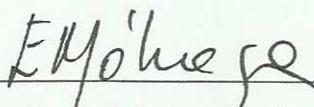
ANNIE TARSIS MORAIS FIGUEIREDO

**“O FASCISMO AINDA ESTÁ CÁ DENTRO”, OU A ESCRITA COMO
COMBATE EM *A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS*, DE VALTER HUGO
MÃE**

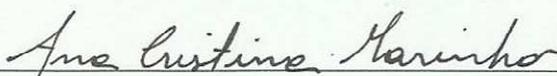
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Literatura e Interculturalidade – PPGLI – da
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às
exigências para obtenção do título de Mestre.

Defesa: **29** de fev. de 2016.

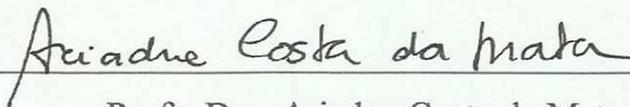
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega
Orientadora - UEPB



Profa. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio
Examinadora Externa - UFPB



Profa. Dra. Ariadne Costa da Mata
Examinadora Interna - UEPB

*à minha avó dalva que tanto amo e vive a velhice.
à minha mãe que não a pôde viver.*

AGRADECIMENTOS

“um homem não é independente a menos que tenha a coragem de estar sozinho” (halldór laxness, na epígrafe d'*a desumanização*, de valter hugo mãe). esse percurso de dois anos do mestrado não poderia ter acontecido sem a presença de pessoas que tornam/tornaram minha vida possível e plena, gratidão:

minhas irmãs kaliendra e kaline, por junto à vozinha dalva formarem o composto materno perfeito que me nutriu e guiou nos últimos quinze anos. amo vocês infinitamente.

minhas sobrinhas bruna e júlia, por fazerem dos meus dias mais alegres. seus nascimentos me trouxeram uma felicidade que há muito tão sentia.

meu sobrinho baby rodrigo, que mesmo tão pequenininho me ensina que viver é algo frágil e necessita de muito cuidado.

meu amor thiago, por ser minha força motriz na solidão da escrita e por seguir ao meu lado sempre, compreendendo o quão valioso é a partilha do que vivemos com quem amamos. te amo tanto, xuxu!

tio zeno, que mesmo distante faz parte de cada conquista minha e apoia/celebra os passos que dou. espero cada vez mais estar à altura da possibilidade que você me deu.

minha sogra d. ieda e meu sogro sr. nildo, pela força, cuidado e atenção durante os quatro últimos anos. amo vocês.

vanessa cavalcanti, pela amizade sincera ao longo da última década. sua amizade é uma das coisas mais fantásticas que venho experienciando. amo você, és meu anjo da guarda.

paulo souto maior, que desde a graduação (interrompida) em história vem fazendo parte da minha vida de modo marcante como só sua gargalhada pode ser, sua amizade equilibra trocas sobre vida adulta e ensino/academia.

profa. teresa neuma campina, pelo afeto e pela sensibilidade que me foram marcantes no início do mestrado. tenho um imenso carinho pela senhora.

prof. edson tavares, pelo carinho e pela solicitude que demonstrou ao abrir um espaço em suas aulas de literatura portuguesa contemporânea para que eu estagiasse.

colegas do ppgli, especialmente: micheline, kézia, rodolfo, oziel, aldo, clarissa e cleriston. os dias de aula e labuta do mestrado ficaram mais leves com vocês.

profa. e orientadora elisa mariana, por estender meus horizontes me norteando nesta pesquisa e pela liberdade dada. adorei nosso encontro na vida [acadêmica], aprender contigo foi e é muito bom.

profa. ana marinho, por aceitar meu convite para participar da banca e por analisar meu texto.

profa. ariadne costa, por ao final do mestrado (em literatura e ética) mostrar que sabe e o mais importante, tem compromisso e responsabilidade pelo lugar que ocupa enquanto mulher e professora. gratidão também pela leitura atenciosa do meu texto na qualificação e na defesa, suas dicas e apontamentos foram fundamentais.

prof. luciano justino, pela criatividade e sabedoria teóricas e por conduzir discussões de assuntos difíceis a ponto de acharmos fáceis. obrigada também por fazer parte da minha banca de qualificação e por contribuir com indicações de leituras essenciais para que eu chegasse até aqui.

profa. zuleide duarte, cuja sabedoria me ensinou - para além dos autores e teóricos que me indicou - que a vida mesmo aparentemente injusta e péssima traz motivos para se viver e pessoas para se amar.

professores do ppqli, especialmente: antônio de pádua, eli brandão, antonio carlos, rosângela queiroz e geralda nóbrega que animaram e movimentaram meu gosto pela pesquisa em literatura. cada um contribuiu ao seu modo para o meu crescimento na pós.

aldaiza britto, pela paciência e alegria que expressa em nos esclarecer assuntos burocráticos.

coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (capes), pelo auxílio financeiro na compra de livros e materiais que possibilitaram esta pesquisa.

o que a literatura faz é o mesmo que acender um fósforo no campo no meio da noite. um fósforo não ilumina quase nada, mas nos permite ver quanta escuridão existe ao redor.

william faulkner

RESUMO

Esta dissertação se ocupa da escrita do narrador-personagem Sr. Silva e o combate travado contra os modos fascizantes que há em nós e no mundo. Abordar o contemporâneo e a biopolítica (Negri, 2001; Agamben, 2002; Safatle, 2015) através d'*a máquina de fazer espanhóis* (2011), do autor português valter hugo mãe, requer a compreensão do lugar dos velhos (Debert, 1999; Navarro-Swain, 2003; Brum, 2010;), bem como dos portugueses (Lourenço, 2001; Reis, 2004) na conjuntura sócio-política atual. A escritura é marcada por uma pluralidade de discursos sobre o passado salazarista, sobre a velhice e sobre o atual estado das coisas dentro do que ainda se chama democracia. A biopotência é a criação, a transformação concreta de um possível em meio ao esgotamento e ao confinamento da vida, desse modo, a escrita de Sr. Silva presentifica a condição dos que são vistos como abjetos, que vivem nos “bastidores do social”, espaços que lhes são reservados devido ao modelo de individualização, modelo este conectado às formas de vida específicas produzidas pelos sistemas de normas e poder. A hipótese, então, é a de que toda essa escrita/produção/fabricação do velho dentro do asilo perfaz uma crítica e um alerta aos modos fascizantes, porém apontando sempre seu avesso que é a relação profunda com o outro e a criação de uma *máquina de guerra* (Deleuze, 1997) em devir-revolucionário constituída de potência de vida, que neste caso, é a escrita. Dessa maneira, um tempo voltado ao coletivo é requisitado em contraponto à banalidade do ódio ao outro.

PALAVRAS-CHAVE: Biopoder. Biopotência. Fascismo. valter hugo mãe. Literatura Portuguesa Contemporânea.

ABSTRACT

This dissertation studies the writing of character-narrator Mr. Silva, and the battle fought against the fascist ways within us and in the world. Discussing contemporaneity and biopolitics (Negri, 2001; Agamben, 2002; Safatle, 2015) through Portuguese author valter hugo mãe's *a máquina de fazer espanhóis* (2011) demands an understanding of the space occupied by the elderly (Debert, 1999; Navarro-Swain, 2003; Brum, 2010), as well as the Portuguese's lieu (Lourenço, 2001; Reis, 2004) in the current sociopolitical conjecture. The writing is marked by a plurality of discourses about the past Salazar era, about old age, and about the current status of things in what is still called democracy. Biopotency is creation, the concrete transformation of a possibility in the midst of life's expiration and confinement. Thus, Mr. Silva's writing presents the condition of those seen as abject, who live in the “social backstages”, spaces reserved to them because of the individualization model connected to the specific life forms produced by the norm and power systems. Hence, the hypothesis is that all this writing/production/fabrication of an old man confined in an asylum becomes a criticism and an alert about fascist ways, also pointing its opposite, which is the profound relationship with the other, and the transformation of *a war machine* (Deleuze, 1997) into a revolutionary imperative constituted by life potency, which in this case is the writing. This way, a time collectively shared is taken as a counterpoint to the banality of the hate for one another.

KEYWORDS: Biopotency. Biopower. Fascism. valter hugo mãe. Portuguese Contemporary Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – “HÁ QUE DESISTIR DE UTOPIAS PARVAS”: A LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA E A PRESENTIFICAÇÃO	12
1.1 A metaficção historiográfica	14
1.1.1 O individual e o coletivo: a confluência de motivos em Sr. Silva	26
1.2 A biopolítica na escrita do velho	30
CAPÍTULO 2 – “APRENDER A SOBREVIVER AOS DIAS”, OU A ESCRITA COMO RESISTÊNCIA	41
2.1 Escrita complexa e a experiência de envelhecimento	42
2.2 Escrever/resistir: esgotamento e criação	48
CAPÍTULO 3 – “O FASCISMO AINDA ESTÁ CÁ DENTRO”, OU A ESCRITA COMO COMBATE	64
3.1 Biopoder e biopotência: as relações do lar como marcas do mundo contemporâneo ...	65
3.2 O propósito democrático do livro, ou a máquina de retirar o fascismo dos homens	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	88

INTRODUÇÃO

O que seduz pensar a literatura contemporânea aqui é a noção de desvalorização das relações humanas profundas em meio ao que compreendemos por biopoder, é esta questão que subjaz as seis ficções do autor português que estudamos. Paralela à questão das relações humanas está uma crescente onda de fundamentalismo que corrobora para a desvalorização do outro. Uma visão de mundo autoritária com seu instinto tanático se fortalece paralela ao crescimento de grupos minoritários que defendem a liberdade e seus direitos.

Desse modo, o que trazemos nesta pesquisa sobre os portugueses e sobre os velhos é sobre todos nós, sobre este momento em que vivemos. Este tempo presente tão grávido de fascistas. O niilismo e o fanatismo que resultam em manifestações de ódio ao outro, ao diferente, são trazidos n'*a máquina de fazer espanhóis* (2011), de valter hugo mãe, de modo atualizado e é neste sentido que caminham as indagações dos velhos na narrativa. O presente estudo ora parece uma escuta das experiências engendradas no asilo, ora uma análise da escrita de Sr. Silva e das relações entre os velhos. Esclarecemos mais detalhadamente.

A obra *a máquina de fazer espanhóis* (2011) é o último volume da tetralogia das idades do Homem – os outros são: *o nosso reino*, *o remorso de baltazar serapião*, *apocalipse dos trabalhadores* – fechando o ciclo dos seus romances grafados em letras minúsculas que constitui o projeto inicial do autor. A combinação de uma limpeza visual com uma vontade de democratização das palavras, além de certa aceleração no ritmo da trama, faz com que sua escrita se aproxime à liberdade e fluidez da oralidade e do pensamento.

A história inicia com o narrador de onisciência seletiva múltipla, António Jorge da Silva (doravante Sr. Silva), um velho de oitenta e quatro anos em uma sala de espera de um hospital do Porto aguardando resultados sobre sua esposa Laura que sentiu uma má disposição após um lanche, e logo no dia seguinte, de surpresa e sem aviso, como só a morte acontece, ele recebe a notícia de que a vida parou para sua companheira com quem esteve durante quarenta e oito anos.

Após a morte da esposa, o velho é colocado pelos dois filhos no asilo *Lar da Feliz Idade*. Com “dois sacos de roupa e um álbum de fotografias” (MÃE, 2011, p. 23), Sr. Silva tem que reconstruir sua vida e aguardar a morte com o pouco que lhe foi

reservado. No lar, ele conhece quatro velhos que irão modificar sua concepção de família e fazer revelar problemas essenciais ao coletivo. É com estes quatro amigos que Sr. Silva mistura suas percepções, seus sentimentos e pensamentos fazendo surgir diversos ângulos através de uma visão central.

Ao lermos as palavras finais do velho: “angústia, sinto angústia” (MÃE, 2011, p. 250) vê-se que o percurso de autodescoberta e ordenação de questões existenciais não faz acabar o sentimento de “vertigem de liberdade”, para utilizar um termo kierkegardiano ao estudar a angústia. Este sentimento na obra advém de uma ansiedade pelo que virá, uma liberdade advinda da democracia parece se resignar frente aos problemas sociais que Portugal vive hoje.

O fascismo que ronda a narrativa possui características semelhantes ao da década de 20 a 40 que emergiu em meio às crises econômicas nos países da Europa e cujas características principais eram o totalitarismo, o militarismo, o nacionalismo, a censura, a propaganda, a violência contra minorias e a xenofobia. Defendemos que a presença da ideologia fascista não está somente em grupos partidários, todavia e principalmente está espalhada em todos, compondo quase que invisivelmente práticas e discursos do nosso cotidiano.

Tal qual o feixe de madeira com um machado romano, símbolo do movimento italiano de Benito Mussolini, os fascistas contemporâneos querem cortar e subtrair o que é criado como diferente e inimigo em nome da dominação e do dinheiro. Porém, não basta que acusemos algumas pessoas, pois como teme o velho, “o fascismo ainda está cá dentro”, este é seu modo de evocar a singularidade e liberdade de cada um e ir contra o biopoder que tiraniza o humano e suas relações com o outro. É na valorização da alteridade e da escrita enquanto combate que constitui o campo de força e revolução biopotente do livro.

Portanto, nosso olhar está sobre a escrita de Sr. Silva, personagem que nos concede sua focalização por meio da escrita diária de tom autobiográfico. E o que nos faz pensar sobre a resistência e combate pela escritura é a conexão que há entre a noção de criação em meio ao esgotamento, ou seja, de como fazer viver uma vida que é capturada, e ainda, como lutar por melhorias e por outras formas de se fazer/pensar a democracia.

Nossa análise se constrói pela combinação de leituras teóricas realizadas sobre as temáticas: biopoder, biopotência e velhice. Enquanto uma experimentação, intercruzamos os conceitos às ideias confeccionadas no próprio seio da narrativa. Assim

sendo, são quatro as instâncias centrais da nossa pesquisa: literatura-escrita-história-biopolítica. Elas se unem para fabricar saberes sobre o ser no mundo hoje.

Quanto à estrutura, o trabalho está dividido em três capítulos. O inicial possui duas seções e uma subseção. Nelas buscaremos compreender *a máquina de fazer espanhóis* (2011) como *metaficção historiográfica*, para utilizar o termo atribuído por Linda Hutcheon (1991), por este gênero ter o passado como *modus operandi* e local de possibilidade para questionamentos contemporâneos. Ainda, analisaremos o entrelaçamento da biopotência à escrita do velho, adotando a noção de Deleuze e Guattari (1997) de *máquina de guerra* para caracterizar tal escrita como potência revolucionária.

O segundo deles olha para a experiência de envelhecimento e para a resistência articuladas na escrita de Sr. Silva. Temos como centro a dupla instância do esgotamento e da criação, teorizada por Peter Pál Pelbart (2013) para então adentrarmos nas questões referentes à escrita e ao combate das ações fascizantes que nos cercam cotidianamente, ponto central da nossa análise.

No terceiro e último capítulo, articulam-se os conceitos de biopoder e de biopotência. Para isso, atravessamos um percurso que foi desde a formação da ideia da biopolítica por Michel Foucault (1999), bem como pela atualização desse conceito por Antonio Negri (2001/2005), Vladimir Safatle (2015) e Giorgio Agamben (2002), pois ao estudar a biopolítica buscamos olhar de maneira vitalista e não derrotista o biopoder, uma vez que este resguarda seu revés, a biopotência.

Em suma, abrem-se as possibilidades e múltiplos feixes para se estudar o contemporâneo nas literaturas do presente. Olhar para o devir-revolucionário da escrita do velho pode ser estendido ao âmbito do poder de transformação das produções literárias, não mais com um olhar romantizado, porém atentando-se para os fluxos de vida que o ato de escrever possui assim com as outras múltiplas ações do humano.

CAPÍTULO 1 - “HÁ QUE DESISTIR DE UTOPIAS PARVAS”: A LITERATURA CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA E A PRESENTIFICAÇÃO

A literatura portuguesa recente é uma prolongação de certa mudança de paradigma, seja em termos conceituais ou em termos práticos. É consensual que após a Revolução dos Cravos¹ (1974), ou seja, após aquele abril, houve uma abertura gradual para a discussão de assuntos complexos sobre Portugal, a possibilidade de voltar-se para o passado e reescrevê-lo à luz do presente ganhou força na produção artística do país.

Escritores preocupados com o presente (seus problemas e seus anseios) passaram a compor em suas narrativas a noção de um tempo heterogêneo cheio de extratos advindos do passado seja ele remoto ou recente. Como exemplos centrais dessa característica na literatura portuguesa pós-74, têm-se: José Saramago, António Lobo Antunes, Augustina Bessa-Luís, Dulce Maria Cardoso, Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno, Teolinda Gersão, Lídia Jorge, Mário de Carvalho, Miguel Sousa Tavares, Gonçalo M. Tavares, valter hugo mãe², entre outros; essa pequena listagem, portanto, traz autores que têm em comum a problematização do conhecimento histórico pela escrita.

Tais aspectos nos fazem perceber que os autores não se sentem libertos da necessidade de denúncia, porém a denúncia proposta nasce de uma desesperança peculiar, há a descrença nas utopias que remetiam a um futuro, essas narrativas manifestam uma urgência conectada a uma preocupação com o agora. Propondo uma intervenção imediata, esses escritos voltam-se ao passado não para valorizá-lo de modo ufânico, mas, sobretudo como um tempo que coexiste ao presente.

Destacamos aqui como a escrita de valter hugo mãe (doravante VHM), precisamente em *a máquina de fazer espanhóis* (2011), resulta de uma experiência/uma relação com o tempo, por isso, este capítulo inicial está organizado em duas seções e

¹ Revolução dos Cravos ou Revolução de 25 de abril de 1974 foi o levante social que deu fim ao regime ditatorial do Estado Novo em Portugal, este movimento foi liderado por militares que participaram da Guerra Colonial Portuguesa na África. Este acontecimento marca a transição de Portugal para a democracia e ficou popularmente conhecido por Revolução dos Cravos por ter havido uma distribuição de cravos vermelhos entre civis e soldados, quem começou a distribuição acidentalmente foi a florista Celeste Caeiro, ela não sabia que essas flores se tornariam o símbolo da Revolução.

² valter hugo mãe nasceu em Saurimo (Angola), mas aos dois anos, logo após à Revolução dos Cravos, retorna com sua família para Portugal. Mãe é diverso, passeia pela poesia, prosa e dramaturgia; ele também é editor, artista plástico, vocalista da banda Governo, apresentador de programa na Porto TV e colunista da “Casa de papel” no jornal *Público* e “Autobiografia imaginária” no *Jornal de Letras*.

uma subseção, nomeadamente: *A metaficção historiográfica, O individual e o coletivo: a confluência de motivos em Sr. Silva e A biopolítica na escrita do velho*. Propomos situar a obra *a máquina de fazer espanhóis* (2011) e o contexto histórico português com que iremos dialogar ao longo de todo percurso do estudo, são eles o salazarismo (1933 - 1974) e a adesão e participação de Portugal na União Europeia (1986 - aos dias atuais). Se o diálogo crítico entre o fazer literário e a escrita da história ocorre, defenderemos que VHM através de sua ficção enseja uma reflexão sobre a escrita/revisão da história e como esta ação carrega uma potência crítica para o tempo presente.

No segundo momento esclareceremos aspectos formais do recorte analítico, especificando o ponto de vista adotado a partir da relação entre o individual e o coletivo na composição de Sr. Silva. O terceiro momento focaliza o entrelaçamento da biopolítica à escrita, adotaremos a noção de Deleuze e Guattari (1997) de *máquina de guerra* para analisarmos a escrita de potência revolucionária do velho. Sobre a presentificação na literatura contemporânea diz-nos Susana Scramim (2007, pp. 27-28):

estamos diante do tempo como que um caleidoscópio, toda a experiência histórica que parece ser-nos oferecida a cada instante é mediada por uma enorme quantidade de dispositivos que têm a função de capturar nossa subjetividade e convertê-la em elementos produtivos.

É essa concepção de tempo presente com camadas advindas de outro tempo que Sr. Silva leva em consideração, a relação que sua escrita mantém com o tempo é de “con-temporização”, assemelhando-se ao eterno retorno³ nietzschiano. A escrita do velho intercalada pela dor e pelos assaltos de felicidade mistura o passado e as pequenas vivências cotidianas dentro do lar. Por exemplo, ao falar sobre Salazar e a ligação de seu governo com a Igreja Católica ele brinca e se diverte no asilo com uma imagem de Nossa Senhora de Fátima (padroeira de Portugal), de modo um tanto desrespeitoso por fazê-la de boneca. Ou o inverso, ao falar sobre o amor que sentia pela família discorre sobre a solidão e sofrimento por ser colocado no asilo.

³ O conceito de *eterno retorno* (Ewige Wiederkunft), de Friedrich Nietzsche parece convidar o leitor para uma experiência de pensamento que visa a inversão da lógica temporal tipicamente judaico-cristã – de cunho agostiniano ou ainda cronológica – para a instauração de uma perspectiva radicalmente distinta. A ideia encontra uma de suas mais significativas representações no aforismo 341 do livro *A gaia ciência* (1882), onde por meio de uma alegoria filosófico-literária o autor conjura a figura de um demônio que se aproxima do leitor e afirma: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é infelizmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!” (NIETZSCHE, 2012, p. 205). A questão levantada pela passagem revela o experimento nietzschiano, que acaba tomando forma de um gênero de diagnóstico existencial.

1.1 A metaficção historiográfica

Tudo é real menos a guerra que não existiu nunca: jamais houve colônias, nem fascismo, nem Salazar, nem Tarrafal, nem PIDE, nem revolução, jamais houve, compreende, nada, os calendários deste país imobilizaram-se há tanto tempo que nos esquecemos deles, marços e abris sem significado apodrecem em folhas de papel pelas paredes, com os domingos a vermelho à esquerda numa coluna inútil.

António Lobo Antunes

VHM, para encerrar seu primeiro projeto literário em prosa, escolhe a velhice e o asilo como metáforas da atual situação dos portugueses e de Portugal. O livro é escrito em primeira pessoa, Sr. Silva é responsável pela feitura de uma escrita diarística e de memórias que acaba estrategicamente por se tornar sua autobiografia⁴, explico. Seus escritos nascem da tentativa de resistir aos dias no asilo, assim sendo, descrições das suas vivências cotidianas se intercalam à recapitulação da sua vida antes do asilo.

O espaço de confinamento dos velhos acaba sendo uma espécie de mundo dentro do mundo, as regras e os acontecimentos de dentro do asilo demarcam um lugar alheio e ao mesmo tempo totalmente interligado à vida lá de fora; como se esse distanciamento do fluxo social proporcionasse uma visão melhor sobre os aspectos vivenciados pelos portugueses, mais claramente, como se o grupo de velhos eleitos por VHM debatessem a história e a atual ausência de caminhos do país, *a máquina de fazer espanhóis* (2011) se localiza na encruzilhada dos discursos literário, histórico e político.

Porém, a perspectiva adotada nesta pesquisa está para além do discurso literário como ressignificante do discurso histórico ou da memória histórica, ou seja, além do simples olhar sobre marcadores do passado no texto literário para comprovar o que (não) se sabe do discurso histórico. Ir pelo caminho mais frutífero é interligar tempos e espaços, é compreender o olhar sobre o passado como gesto fundamental ao contemporâneo, dando luz às questões do tempo presente; sendo, portanto, a escritura sobre o passado um lugar de reflexão crítica sobre a atualidade.

Isto é claramente possível ao adentrarmos nas literaturas portuguesas atuais, composições poéticas que dialogam com diferentes tempos históricos colocando em

⁴ Autobiografia no sentido de que “trata-se de uma biografia, ou história de uma vida que o próprio autor elabora” (MOISÉS, 2013, p. 47), expondo sua existência. Neste caso, é uma autobiográfica fictícia, mas que por outro lado não o é para Sr. Silva.

destaque novos arranjos da escrita, sem desse modo, desconsiderar o já constituído; produções contemporâneas compostas por confluências diversas que geram a problematização da história e do contemporâneo.

Neste estudo, a literatura não é mero apêndice para referir-se à história de Portugal, mas é o lugar para a legitimação de uma contra-história, ou seja, se coloca como uma reescritura crítica da História oficial. Assim sendo, parte da escrita de Sr. Silva é ancorada nas vivências passadas que vão ressurgindo de maneira a criticar aspectos histórico-políticos. Para começo de análise, discutiremos o termo *metaficção historiográfica*⁵, de Linda Hutcheon para elucidar alguns pontos fulcrais da obra.

Entre os anos de 2010/2011 num asilo chamado *Lar da Feliz Idade*, no Porto, após o falecimento de sua esposa Laura, o barbeiro aposentado de oitenta e quatro anos Sr. Silva é colocado pelos dois filhos no lar, tal abandono e exílio constituíram o início de resignificação da vida do velho, uma vez que na dor e sofrimento percebeu ainda ser possível existir e possuir vontades. É no asilo que também re-pensa algumas vivências passadas que lhe inquietavam.

Na narrativa, dialogar com diferentes tempos históricos é configurar um novo ponto de vista em torno das textualidades sobre o passado de Portugal. Nela o próprio fazer literário se vira para si mesmo, torna-se autoconsciente e questiona a produção histórica. No fragmento em seguida, Silva da Europa⁶ deixa claro para Sr. Silva a responsabilidade social da sua escrita, leiamos: “precisamos que cada um exerça aquilo para que a natureza o dotou e que favoreça o coletivo” (MÃE, 2011, p. 60).

Em *Poéticas do pós-modernismo – história, teoria e ficção* (1991), Linda Hutcheon expõe que na literatura das décadas de 80/90 passa a “haver um novo desejo de pensar historicamente, e hoje pensar historicamente é pensar crítica e contextualmente” (1991, p. 121), por isso, em seu *Poéticas do pós-modernismo*

⁵ Linda Hutcheon define esse conceito em 1988, portanto as obras literárias que analisa são referentes à década de 80, bem como os aspectos discutidos. Assim sendo, o conceito de *metaficção historiográfica* nos serve tendo em mente que algumas mudanças epistemológicas no século XXI ocorreram e que algumas falas da canadense tornaram-se lugar comum, ou seja, aconteceu uma mudança no olhar crítico. Mesmo que tomemos tal conceito para início de conversa ao longo da nossa análise outras perspectivas serão nosso foco. Não queremos fechar a *máquina de fazer espanhóis* nessa categorização, isso seria muito limitador, porém não podemos deixar de trazê-la para o cerne do nosso estudo como marco no nosso levantamento bibliográfico.

⁶ São os amigos silvas do lar: [1] António Jorge da Silva – Sr. Silva, [2] Cristiano Mendes Silva - Silva da Europa, [3] João da Silva Esteves – Sr. Esteves, [4] Álvaro Silva Pereira – Sr. Pereira e [5] Anísio da Silva Franco – Sr. Anísio. Sr. Silva, o narrador-protagonista e seus quatro amigos formam uma família fraterna no lar.

encontramos conceituado um modo de se elaborar ficção, que é a *metaficção historiográfica*.

Hutcheon coloca que para Umberto Eco há três maneiras de se narrar o passado na ficção: [1] fábula, [2] a estória heroica e [3] o romance histórico. Porém a autora adiciona outra, [4] a *metaficção historiográfica*. Essa presença do passado na “ficção pós-moderna⁷ sugere que reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico” (1991, p. 147), logo olhar para o tempo decorrido com os olhos do presente é questionar a verdade por trás dos fatos, impedindo que ele se feche em uma noção irrefutável.

Resumidamente as *metaficções historiográficas* são narrativas que questionam a história e a arte enquanto depositárias de valores atemporais e universais, examinando o caráter plural das textualidades, explorando e questionando os conhecimentos históricos nos seus processos de ficcionalização, indiciando a impossibilidade de apreensão da totalidade do passado.

Recapitulando, a *metaficção historiográfica* é uma ficção que passa a se autorrefletir na própria feitura do texto literário enquanto problematizadora das escritas da história. A problematização surge de maneira explícita ou implícita como no encontro com Silva da Europa em que Sr. Silva pensa: “e ele, o silva da europa, o peito inchado de orgulho como se tivesse conquistado tudo sozinho” (MÃE, 2011, p.12), no pensamento do velho subjaz o ideal “orgulhosamente sós” do regime salazarista, em que as relações internacionais estavam enfraquecidas, comércio no exterior estava em baixa e as fronteiras estavam fechadas, daí a necessidade de se criar a ilusão da autossuficiência entre os portugueses.

Em *a máquina de fazer espanhóis* (2011) a reescritura do passado não “é nostálgica ou saudosista em sua reavaliação crítica da história” (HUTCHEON, 1991, p. 14). Os passados da sociedade e da arte comparecem em um diálogo irônico e nevrálgico, é como afirma a estudiosa tomando uma fala do arquiteto italiano Paolo

⁷ Em conferência intitulada “Reconsiderando o romance histórico”, realizada na Universidade da Califórnia em 2004, Fredric Jameson diz em um tom ranzinza que “o sentido da história sofreu tamanha atrofia que nem o passado nem o futuro têm para nós hoje em dia a urgência e a pertinência que tinham nos séculos XIX e XX. Tais imagens nostálgicas são uma tentativa desesperada de alimentar esse anseio, mesmo com materiais espúrios” (p. 201), a análise feita nesta dissertação aponta justamente para o contrário, o sentido da história expandiu-se e encontra-se dessacralizado nas mínimas recorrências da ação do tempo e do humano.

Portoghesi, “o passado cuja presença defendemos não é uma idade de ouro que deva ser recuperada” (HUTCHEON, 1991, p. 16).

Na escrita de Sr. Silva vemos desconstruções referentes aos aspectos que contribuíram para a criação de estereótipos portugueses para iludi-los durante o período ditatorial, então, é para des-enganar os outros e a si mesmo que Sr. Silva decide escrever. Ao invés de defender o ideal de coragem e bravura inerente aos portugueses, Sr. Silva destila considerações sobre a covardia dos portugueses, afirma: “era da cultura, o estupor da cultura que nos mascara cada gesto” (MÃE, 2011, p. 26), serem mornos às tomadas de decisões no salazarismo e com medo de serem alvos de violências físicas permitiu que o regime durasse muito mais tempo.

Para compreendermos a conjuntura política do Estado Novo português temos que voltar a 1930, ano em que Portugal mostrou ter sido afetado profundamente pela Grande Depressão econômica. Em nome da restauração financeira o partido conservador católico ganhou força e Salazar que era até então ministro de finanças aproveitou o fortalecimento de grupos extremistas e tornou-se, por golpe, governante do país em 1933.

Com um governo marcado pela moralidade cristã, a República de Salazar possuía um absoluto respeito pela Igreja Católica, a associação dessas duas instituições possibilitou “um controle social de ferro que mantinha a ordem quando o emprego rural desapareceu. A fome era uma ameaça, a tuberculose propagava-se, aumentavam o número de grávidas e a mortalidade infantil, a emigração estava proibida” (BIRMINGHAM, 2015, p. 185). Alguns avanços econômicos ocorreram, desenvolvimentos industriais de algumas áreas também, porém foram em situações deploráveis que a maioria dos portugueses viveram por quarenta anos até findar o regime.

Se a conjuntura política é trazida à tona e os velhos representam as várias singularidades e opiniões, nota-se que a ficção histórica contemporânea possui certa distância do romance histórico. A *metaficção historiográfica*, como explica a teórica canadense, não é uma versão do romance histórico nem mesmo do romance não-ficcional. Por isso, é diferente do romance histórico desenhado em *Eurico, o Presbítero* (1844), de Alexandre Herculano⁸, que acaba por limitar seus personagens em “tipos”.

⁸ Alexandre Herculano foi o escritor português (1810-1877) que inaugurou o romance histórico em Portugal, ele escreveu também *O monge de Cister* (1948) e *A abóbada* (1851).

Em *a máquina de fazer espanhóis* (2011) os personagens não cabem em perfis fechados.

As figuras, os “tipos” ou personagens planas igualam equivocadamente as singularidades de diversas classes sociais presentes na narrativa, anulando cada particularidade dos personagens. Para Herculano, os verdadeiros presbíteros são todos do mesmo jeito, bons e heróis; já os muçulmanos são todos igualmente bárbaros. O autor segue a lógica de exaltar certas características que fortificam o nacionalismo e, para isso, trata a presença mulçumana na Península Ibérica como uma invasão que tivesse que ser realmente detida, construindo em seu romance uma defesa da expulsão dos árabes pelos cristãos.

A ficção contemporânea abre uma propagação de modos plurais de se construir uma narração e também de escolher quem a habita. Os protagonistas das narrativas são os ex-cêntricos, os homens ordinários, os marginalizados e as figuras periféricas da história e possuem um lugar para além da simples figuração, pois o heroísmo épico não vigora, sendo a vez das conquistas cotidianas pontuais dos múltiplos.

Aspecto fundamental é a do ex-cêntrico, a possibilidade de se escutar os que estão à margem. A figura do “ex-cêntrico” que Hutcheon fala, em similitude, é o “homem ordinário”, de Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano* (1998). São indivíduos supostamente entregues à passividade e à disciplina, mas suas burlas para conseguir sobreviver comprovam que “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 1998, p. 38). São aqueles que são marginalizados, mas vistos como testemunhas históricas; a exemplo dos retornados portugueses, este é o lugar que ocupa o próprio autor VHM, que sofreu preconceitos ao retornar após o abril de 1974 por ser uma criança nascida em Angola. Então, olhar para os ex-cêntricos é atentar para a exclusão realizada pela história oficial “do que empobrece ou enfeia o brio da nação”.

Podemos ver no trecho seguinte que a fala do Sr. Silva elucida o lugar de homem comum, iguais aos outros muitos que por aí existem, e ainda a ironia no final do trecho sobre o possível aspecto de heroísmo que teve na vida trazendo para si e para as várias pessoas simples uma importância singular, lemos:

fiz uma cabeça de periferia, paisagista, um pouco ao largo das coisas, longe de ter influído nas decisões. a minha história é a de todos os homens. não é história nenhuma, não tem novidade. passei nenhum heroísmo senão o de ter chegado a velho e apaixonado, que muitos não o conseguiriam e talvez o tivessem querido tanto quanto eu. (MÃE, 2011, p. 94)

Em contraste a *Eurico, O presbítero*, temos na literatura portuguesa contemporânea, a exemplo de *História do Cerco de Lisboa* (2011), de José Saramago, a visão de um personagem comum e também “silva”⁹ (revisor de textos) que nos conta uma nova história em torno do Cerco de Lisboa, ao passo que a reconquista cristã (séc. XII) ganha um enfoque crítico. Notamos que a volta ao medievo realizada por Saramago coloca a literatura como maquinaria fundamental às transformações do conhecimento e questionamento da veracidade da escrita oficial da história, abrindo outra possibilidade de interpretação sobre as Cruzadas e o confronto entre portugueses e muçulmanos, como podemos ler em:

Raimundo Silva olhou o papel, Ouvida, então agarrou na esferográfica para prosseguir o relato, mas percebeu que tinha cérebro vazio, outra vez uma página em branca, ou negra de palavras sobrepostas, entrecruzadas, indecifráveis. Depois do que declarara D. Afonso Henriques, não tinha mais que, por palavras suas, contar o milagre de Ourique, introduzindo lhe, claro está, a esperada porção de cepticismo moderno, aliás autorizada pelo grande Herculano, e dando soltas à linguagem, ainda que sem exercer o comedimento, por não serem os revisores habituais arautos de ousadias em matéria tão vigiada pela opinião pública. (SARAMAGO, 2011, p. 127)

A alteração do documento operada por Raimundo Silva na obra dessacraliza uma pretensa verdade histórica estabelecida pela historiografia oficial, inspirada na escola metódica de fins do século XIX, permitindo que qualquer um ocupe o lugar de escrevente com sua perspectiva distinta. A ironia no momento que escreve uma versão sobre a batalha de Ourique de “cérebro vazio” traz de maneira velada a presentificação, ao passo que o tempo presente surge cheio de possibilidades para pensar sobre o tempo vivido e quem o escreveu para nós.

E esse trecho diz mais, faz com associação direta a Alexandre Herculano, o primeiro a escrever romances históricos em Portugal. A “porção de cepticismo moderno” já encontrada em Herculano é mais acentuada em Raimundo Silva que introduz a partícula “não” aos escritos que revisa e com isto adiciona um ponto de vista crítico sobre o que aconteceu. A negação do protagonista de Saramago é também feita por Sr. Silva e grande número de narradores e personagens da literatura portuguesa recente. São os tipos históricos de modelos lineares e cristalizados que a *metaficção*

⁹ O sobrenome Silva é substantivado na obra de Valter Hugo Mãe. Os silvas são os camponeses e são todos os indivíduos portugueses comuns, ou seja, é quando “o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo” (DELEUZE, 1995, p. 15).

historiográfica crítica, defendendo então a pluralidade de personagens, bem como de lugares de pertencimento sem modelos pré-determinados e encerrados.

Hutcheon retoma a visão de György Lukács em estudo sobre o romance histórico iniciado por Walter Scott no séc. XIX. É em *O romance histórico* que Lukács (2011, p. 28) propõe “uma investigação da interação entre o espírito histórico e a grande literatura, que retrata a totalidade da história, e isso apenas em relação à literatura burguesa”. O estudioso realiza uma apurada investigação em torno do romance histórico, esse como fruto do romance social. É a partir da análise de personagens medianos e prosaicos que Lukács discorre sobre o realismo clássico e a noção de espelhamento estético.

O pensador húngaro repara o caráter popular da obra de Walter Scott e escritores da mesma época que marcaram de certa forma a superação do Romantismo. Porém, as personagens comuns scottianas não possuíam profundidade psicológica, os aspectos históricos e acontecimentos sociais eram mais importantes que o lugar ocupado pelas personagens na obra. *O romance histórico* (2011) foi escrito entre os anos de 1936 e 1937 e publicado em 1947, talvez por isso no último capítulo do livro fica clara a crítica que Lukács faz ao crescimento do fascismo e à necessidade de ir contra tal aspecto político na Europa.

Como Lukács defende que houve um desenvolvimento, uma ascensão e um declínio do romance histórico, podemos dizer que Hutcheon retoma tais discussões a partir de sua análise e defende uma reconfiguração do romance histórico chamando-o de *metaficção historiográfica*, como destacamos acima. Logicamente essa passagem e mudança na nomenclatura não podem embaralhar algumas noções, é necessário sabermos que essa perspectiva de escrita literária está conectada ao que compreendemos por poéticas contemporâneas. No século XIX a noção de reavaliar/produzir o passado estava conectada à busca por uma identidade, uma fonte de orgulho e de renascimento nacional de forma a legitimar o presente, pois esse era o escopo político da/na literatura da época.

São os ex-cêntricos que contestam esse poder e/ou essa escrita da história oficial. A presentificação do passado na *metaficção historiográfica* se dá pelos escombros e rastros encontrados e ordenados na narrativa, existindo assim, uma eliminação da distância entre os tempos e espaços. E essa presença do passado no enredo ocorre através da intertextualidade.

Para compreendermos a intenção da escrita em a *máquina de fazer espanhóis* (2011) temos que compreender que Sr. Silva visa criticar o acomodamento ao *status quo*, essa inércia atual das coisas no Portugal do presente. Pensar o quanto “somos um país de cidadãos não praticantes. ainda somos um país de gente que se abstém” (MÃE, 2011, p. 154), é atentarmos para o eco do moralismo, da religião e da educação de antigamente nos tempos atuais e para a letargia em que estamos alocados, como se não soubéssemos o que fazer com o que conquistamos. O fragmento abaixo esclarece essa pacificidade e falta de resistência frente aos problemas sociais:

é o que fez a liberdade, acrescentou. um dia estamos desconfiados de tudo, e no outro somos os mais pacíficos pais de família, tão felizes e iludidos. e podemos pensar qualquer atrocidade saindo à rua como se nada fosse, porque nada é. as ideias, meu amigo, são menores nos nossos dias. não importam. as liberdades também fazem isso, uma não importância do que se pensa, porque parece que já nem é preciso pensar. sabe, é como não termos sequer de pensar na liberdade. (MÃE, 2011, p. 11)

Sr. Silva não se refere ao passado de forma nostálgica, por mais que em alguns momentos ao se referir à sua esposa Laura e filhos possa parecer que sim, contudo, a relação que o ex-barbeiro mantém com o passado é cheia de tensão e problematização, desta maneira, não há um retorno ingênuo, ele busca revisar suas atitudes e questioná-las, pois é a escrita “que me levaria atrás no tempo para reviver e compreender a experiência” (MÃE, 2011, p. 38), diz o velho. E ao fazer isto, busca refletir sobre sua ação e à dos portugueses frente ao salazarismo na tentativa de compreender os anos de repressão e explicar seu remorso de não ter sido contra o regime.

Sr. Silva se faz uma severa crítica por causa da imobilidade frente à política implementada pelo Estado Novo, conseguindo assim visualizar as ruínas da glória da nação, como um embuste que marca a identidade dos portugueses. O repensar o passado do velho e dos seus amigos do asilo recai antes de tudo sobre o presente, este presente que possui semelhanças ao momento em que a ditadura acontecia. Mas ainda, em refletir sobre a presença de uma vontade de retorno à veneração de uma figura que coloque ordem, traz o perigo de voltar a prevalecer noções como raça e pátria, sobrepondo-se à liberdade individual, na tentativa de explicar essa estranha vontade, Silva da Europa conclui:

estamos para aqui todos fascistas, com pensamentos de um fascismo indelével a achar que antigamente é que era bom. este é o fascismo remanescente que vem das saudades. sabe, acharmos que salazar é que arranjará isto, que ele é que punha esta juventude toda na ordem. [...] quando

dizemos que antigamente é que era bom estamos só a ter saudades, queremos na verdade dizer que antigamente éramos novos, reconhecíamos o mundo como nosso e não tínhamos dores de costas nem reumatismo. é uma saudade de nós próprios, e não exatamente do regime e menos ainda do salazar. (MÃE, 2011, p. 116)

Passando pelo contexto ditatorial salazarista de Portugal e ao estado imputado pela União Europeia, bem como a relação dos portugueses com seus vizinhos espanhóis, o ângulo histórico e político se entrelaçam na narrativa para compor as falas dos velhos do *Lar da Feliz Idade*. A revisão da existência em Sr. Silva é uma recuperação problematizada ao notar que o modo em que viveu/vivia não cabia mais.

Foi com o “sentimento doloroso da existência impregnado de doçura e de resignação” (LOURENÇO, 2001, p. 40) que os portugueses, mais precisamente, que os velhos do asilo passaram a refletir sobre o passado ditatorial português e sua passagem para uma democracia meio turva em meio à aniquiladora economia da União Europeia. Afirmações e ataques de princípios de valor, ordem, sentido, controle e identidade são narrados por Sr. Silva, esta é a sua maneira de guerrear contra o fascismo ainda presente nos homens.

Aqui, abrimos um parêntese na discussão para colocar uma nota emblemática sobre a escolha de um barbeiro como protagonista. Em janeiro de 2011, um ano após a publicação da obra em Portugal (2010), faleceu o barbeiro de Salazar e com ele o mito de que o grande ditador (e herói para alguns) ao morrer caiu na cadeira como se era sabido até então. Manuel da Encarnação Marques, o barbeiro de Salazar que se encontrava no asilo *Inválidos do Comércio* (Lisboa), ao contrariar o mito da morte de seu chefe em três de agosto de 1968, fez repensar o quão humana foi a figura de Salazar, que como qualquer pessoa tombou no chão ao falecer, sendo igualmente comum diante da morte.

Além dessa ligação, sobre o lugar ocupado pelo barbeiro na sociedade portuguesa, diz João J. Pissarra (2009), professor da Universidade de Lisboa e pesquisador em Psicologia Social e Comunicação Política:

Os barbeiros são contentores de confidências, herdeiros de cirurgiões, dentistas, enfermeiros, letrados sem letras, que escreviam e liam cartas ao povo com a mesma suavidade de dizer por entre linhas recados cruzados entre clientes, enquanto aparam cabelos e barbas. No imaginário de muitos de nós, existe um misto de medo, espanto e admiração pelos profissionais deste ofício, fruto do conjunto de ferramentas que utilizam ou utilizaram no seu trabalho (navalhas, pentes, tesouras, lancetas, ventosas, sabão, pedras de amolar, bacia de cobre, escalpelos, espelhos, escarificadores, alçapremas,

turqueses e sanguessugas) e o grau de proximidade ou mesmo de intimidade no contacto com os clientes. São inúmeros os paralelismos entre ir ao barbeiro e o contacto com o psicanalista ou a prática da confissão noutros tempos. O barbeiro sabe demais da intimidade e dos seus clientes e talvez por isso o seu poder social nas comunidades rurais permaneça activo. Em contexto urbano, o barbeiro do bairro recriou e talvez ainda recrie esta atmosfera tipicamente associada ao universo masculino. Os barbeiros e as barbearias, continuam a ocupar um lugar central na vida de muitos bairros de Lisboa. A recuperação da memória social destes ambientes, continua a ser um desafio para a história e modos de vida na nossa cidade.

No fragmento acima, a figura do barbeiro é posicionada como aquele que invisível e sutilmente participa das relações sociais de modo astuto, já que sua barbearia é um local público e que possui/produz relações de intimidade com seus clientes. O saber e as descobertas de que dispõe faz em parte o que Michel de Certeau, no já citado *A invenção do cotidiano* (1998), chama de produção escondida de táticas que acabam subvertendo o poder que lhe limita. Em duas linhas Sr. Silva se define como: “fui barbeiro, e li livros, como deviam ler todas as pessoas para ultrapassarem a condição pequenina do quotidiano e das rotinas” (MÃE, 2011, p. 93), elucidando que não se pode subestimar um barbeiro como ele e que a criatividade e saberes são dispersos.

Sr. Silva desgasta, dessacraliza alguns valores e crenças conservadores que não dávamos conta de que não se sustentavam mais, nos fazendo pensar criticamente algumas noções sobre a vida. Sr. Silva escreve para confrontar e subverter noções comuns aos portugueses.

Sobre *Os Lusíadas*, Sr. Anísio, um dos velhos e amigo de Sr. Silva, diz: “tem razão, escrevem para aí umas porcarias e a gente fica séculos a vaticinar por especulação” (MÃE, 2011, p. 92), passando por Camões, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Amália Rodrigues e Eugénio de Andrade, artistas portugueses são criticados por terem corroborado (muitos cooptados pelo discurso oficial) para a sustentação do regime militar, e por terem sido elementos-chave para criações identitárias em nome de uma nação.

Esses ataques em mostrar alguns bastidores e releituras de grandes personalidades portuguesas apresenta a necessidade de se questionar as versões admitidas. No trecho acima fica clara a “indissolúvel relação entre a produção cultural e suas associações políticas e sociais” (HUTCHEON, 1991, p. 71), portanto a literatura enquanto produção artístico-cultural pode ou não potencializar o aparelho de Estado.

Nosso narrador e seus amigos do lar discutem sobre “as heranças castradoras de uma educação com idas à missa” (MÃE, 2011, p. 81), educação portuguesa que é tão

repressora e de pés fincados na religião. Tal educação, para esses habitantes do lar, é o motivo maior para colocá-los numa posição fascista em relação à vida nos dias atuais, ou seja, numa posição carregada de ódio ao outro e vontade de eliminação da diferença em prol de uma ordem e prosperidade ilusórias fincadas na injustiça e medo. A ideia de que a educação é o trabalho de uma vida toda também irrompe na obra, pois é na velhice que certo tipo de esclarecimento lhes chega. Compreensão como a anunciada por Silva da Europa sobre a presença dos modos fascizantes nas relações atuais:

o fascismo. colega silva, ainda está cá dentro, é muito difícil tirarmos das ideias a educação que nos deram de crianças. podemos ser todos inteligentes como super-homens, adultos feitos à maneira e pensantes livremente, mas a educação que nos dão em crianças tem amarras para a vida inteira e, discretamente, aqui e acolá os tiques fascistas hão de vir ao de cima. já nem nos damos conta (MÃE, 2011, p. 91).

Essa escrita consciente de Sr. Silva discute as diversas consequências de se participar de um momento como o ditatorial e o de plena ilusão de liberdade atual, já que ambos os momentos apontam para uma desvalorização do ser humano. Por isso a importância da problematização da dignidade humana colocada pelo autor, aspecto, aliás, discutido em suas prosas até agora publicadas, nos dando a liberdade de dizer que esse é o grande tema que ronda sua obra.

Sr. Silva tem a lucidez de que não pode confiar nos elementos identitários fabricados como grandes símbolos culturais, ele está interessado em mostrar seu olhar e de seus amigos pelas brechas dessas grandes produções. Consciente de que suas versões precisam ser expostas, como uma espécie de acerto de contas com seus mortos, seja o amigo morto pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) ou os outros inúmeros mortos pelo regime que lhe são anônimos. Sua escrita nasce à revelia de sua condição passada e também presente. A respeito dos mortos pelo regime e da passagem do fascismo à democracia (da entrada de Portugal na globalização), lê-se:

foi porque o mataram, e vejo bem que o matassem, irrequieto e indomável como era, terá padecido achando que a pátria o lembraria por aquilo, que o homenagearia por aquilo, que faria com que valesse a pena acabar a vida aos trinta sem conhecer a extensão do mundo quando não se vive mais num regime fascista e o mundo passa a ser transfronteiriço e criativo. (MÃE, 2011, p. 184)

Em meio à solidão no asilo, ao ambiente branco em que se instala certo vazio dentro do seu ser, Sr. Silva preenche as folhas também brancas com sua escrita gritante e tocante aos acontecimentos sobre os quais não pôde dizer uma só palavra. O medo de

ser pego durante o regime é findo na possibilidade de contar trazida pela velhice. O medo, o ressentimento e o remorso na narrativa são figurados pelos pesadelos com os abutres que lhe comem o corpo aos poucos durante as noites no asilo.

Porém, essa solidão é preenchida pela escrita e pela amizade que faz com alguns utentes do *Lar da Feliz Idade*, ao passo que os acontecimentos são revistos por esses últimos portugueses ainda vivos que passaram quase metade da vida sob os poderes ditatoriais. No presente são velhos e estão preocupados com questões relacionadas à cidadania e à dignidade portuguesa, à ameaça de retornar ao estágio anterior de deserto de liberdade.

Desconfiar das instituições de produção de saber é passo fundamental para se encontrar probabilidades de burlar as redes de disciplina e biopoder. Neste sentido, biopoder é o poder sobre a vida. É “um poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e ordená-las mais do que a barrá-las, dobrá-las ou destruí-las” (FOUCAULT, 1999, p. 128), ou seja, é um modo de se fazer viver e apreender a vida em todas as suas instâncias. Com isso, o homem ordinário e sua “criatividade cotidiana”, como diz Certeau, acaba por possuir uma potência revolucionária, pois Sr. Silva e seus fazeres (ler, escrever, barbear) fabricam operações que visam alterar/subverter os mecanismos de poder.

Nosso narrador habita seu mundo interno estando tal mundo condicionado às circunstâncias históricas e políticas. A atenção, a consciência e a disciplina em exteriorizar seus sentimentos surgem como a aspiração da verdade e acerto de contas antes da morte, e, para ir contra o esquecimento e o lugar em que colocamos esses acontecimentos históricos por conformismo, comodismo e covardia, como no trecho abaixo e também como se pôde ler na epígrafe escrita por António Lobo Antunes desta seção:

é preciso que se suje o nome de salazar para todo o sempre. é preciso que o futuro lhe reserve sempre a merda para seu significado, para que os povos recordem como foi que um dia um só homem quis ser dono das liberdades humanas. para que nunca mais volte a acontecer que alguém se suponha pai de tanta gente. Este tem de ser um nome de vergonha. o nome de um porco. para que ninguém, para a esquerda ou para a direita, volte a inventar a censura e persiga os homens que têm por natureza o direito de serem livres” (MÃE, 2011, p. 137).

Com seus ideais mascarados (“Deus, pátria e família”) a autocracia salazarista durou muito tempo e nos dias atuais certo saudosismo paira sobre os portugueses que vêm presenciando a crise na economia e em outros setores. Esses portugueses

defensores da necessidade de um governante como Salazar passam a achar que as condições de “antigamente” é que eram melhores. O esquecimento coletivo acaba por retirar uma lucidez advinda da vivência da ditadura e a escrita de Sr. Silva luta contra o perigo de novamente levarmos nosso fascismo à práticas de destruição do outro. Fascismo/práticas fascizantes/microfascismo, aparecem neste estudo no sentido de sentimento de aversão ao outro e ao diferente, podendo acontecer de diversos modos e em diversas circunstâncias.

1.1.1 O individual e o coletivo: a confluência de motivos em Sr. Silva

*Minha voz não pode muito
Mas gritar eu bem gritei!*

*Edu Lobo e
Gianfrancesco Guarnieri*

Explorar como a escrita de intimidade e a reescrita da história se entrecruzam corrobora o jogo entre o individual e o coletivo na obra. Portanto, o que se encontra em *a máquina de fazer espanhóis* (2011) são vários fluxos de conexões infinitas. Para compreendê-los melhor, os conceitos de “máquina” e de “máquina de guerra”, de Deleuze e Guattari (1997) enriquecem a análise da escrita do velho.

Em Sr. Silva “o luto profundo, a reação à perda de uma pessoa amada, contém o estado de ânimo doloroso, a perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que este não faz lembrar o morto” (FREUD, 2011, 47), a experiência da perda de sua esposa Laura traz novos sentimentos que contribuem numa alteração subjetiva que facilmente encontramos em sua autobiografia.

Retomando cronologicamente algumas vivências do nosso narrador, podemos afirmar que seus relatos começam a partir do seu casamento com Laura, cuja união resultou em dois filhos. Pessimistas por causa da situação de pobreza mesmo trabalhando exaustivamente, Sr. Silva e sua esposa começaram perceber a perversidade que era o regime salazarista. O medo e a esperança cegavam os dois, o medo pelo destino dos filhos os aprisionavam à lógica do governo, já a esperança os capturava pela crença em um futuro melhor.

A escrita do velho é permeada por vontade de autoanálise cotidiana e reflexão sobre o passado. As regras do asilo e as regras na época do regime se assemelham nos modos de disciplinarização, de produção de corpos dóceis¹⁰. As ações dos velhos são limitadas a um monte de regras e rotinas. Os problemas internos que predominam na escrita de Sr. Silva, são: o luto, pela perda da esposa e vida social; o remorso, por ter entregado um homem à PIDE e o ressentimento, por ter sido oprimido pelo regime.

Ao destilar seus conflitos, discussões caras aos atuais portugueses vão sendo feitas, como por exemplo, a problematização do mito dos portugueses corajosos e desbravadores, a situação econômica de Portugal, o alto índice de envelhecimento no país e o nosso foco, o crescimento de discursos e vontades fascistas que sentem a falta de um governante que lhes ponham ordem na casa. Pois como a defende Birmingham (2015, p. 202), “o velho Salazar [...] continuou vivendo, assim como suas políticas”, é o que pode-se notar.

Corrupções de Cavaco Silva (atual presidente de Portugal) e ministros, dívidas internacionais com a zona do euro, elevado índice de desemprego e alto indicador de envelhecimento da população contribuem para o valor que a obra possui, com discussões urgentes ao contemporâneo. O corpo como realidade biopolítica paira, os velhos representam o Portugal envelhecido, no sentido metafórico de nação despedaçada e no sentido biossocial de contraponto entre os cinco países que possuem mais velhos na Europa com necessidade de uma política de natalidade (com procriação medicamente assistida).

A ausência de um forte apoio da sociedade civil para os velhos, bem como para o combate aos retrocessos sofridos com os governos atuais, é estrategicamente abordado na obra. Se, em Portugal, um quarto da população é de velhos, faz-se necessário uma revisão da lei das rendas e do corte nos passes sociais referentes aos transportes públicos, acesso aos planos de saúde e combate às violências contra os velhos. Com esse alto número de velhos, lares ilegais surgiram e a falta de reconhecimento público sobre as temáticas relacionadas ao envelhecimento fazem as pessoas mais velhas em Portugal lidarem com a falta de medidas e austeridade.

¹⁰ Na terceira parte de *Vigiar e Punir* intitulada “Disciplina”, Foucault expõe vários esquemas de disciplina dos séculos XVII e XVIII. Neste trecho vemos a explicação do que seja um corpo dócil ou disciplinarizado: “o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 1987, p. 119).

Esse movimento individual-coletivo nos leva à noção de contemporâneo, do filósofo italiano Giorgio Agamben. Este cita em seu ensaio intitulado *O que é o contemporâneo?* (2009) parte do poema “O século” (1923), do russo Osip Mandelstam para com as metáforas por ele trazidas para discutir o tempo passado e o tempo presente. Para o pensador italiano, o sujeito resulta das relações corpo a corpo com os outros viventes e os dispositivos, o que nos leva a pontuar que em *a máquina de fazer espanhóis* (2011) as relações são inscritas no âmbito do asilo e dos mecanismos de poder relacionados a uma intervenção da medicina, em que os velhos sobrevivem juntos ao sistema que foram inseridos, dentro de um maior que é a própria sociedade.

Nas relações com os outros velhos, Sr. Silva entrevê uma possibilidade de ainda ter vontade de viver. Para o filósofo italiano, ser contemporâneo é ser intempestivo, usando a noção nietzschiana, portanto a definição primeira de contemporâneo que ele traz é a de que é um sujeito que pertence ao seu período, mas que ao mesmo tempo não coincide perfeitamente com este, pois se incomoda.

Logo após, ele nos lança uma ideia de que é através do deslocamento, do anacronismo que o contemporâneo é capaz de apreender e perceber o seu próprio tempo, porém essa “discronia” não está conectada à nostalgia de outro tempo, ela é o não se satisfazer com o tempo presente e mesmo assim saber que se pertence a este. Dessa maneira, para o contemporâneo não há fuga do tempo agora.

É no sentido agambeniano que podemos afirmar que Sr. Silva é contemporâneo, ele consegue manter o olhar sobre o nosso tempo, o presente. É usando a estratégia *chiaroscuro*, que o autor italiano defende a necessidade de perceber o escuro e não as luzes do nosso tempo. Portanto, na obra, o velho é capaz “de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” (AGAMBEN, 2009, p. 63), e entrevê no presente a lucidez necessária para a transvaloração.

Porém, é precisamente ao explicar o conceito de arcaico/arqueologia/*arquê* que Agamben nos lança consciência sobre a ignorância que poderíamos cultivar ao tratar o tempo passado no texto literário. É necessário ver o passado no texto “como embrião que continua a agir nos tecidos do organismo maduro e a criança na vida psíquica do adulto” (AGAMBEN, 2009, p. 69): eis uma escrita nutrida pelo presente.

Essa distância e ao mesmo tempo proximidade com o passado é um fundamento contemporâneo, ao passo que “a origem, em nenhum ponto pulsa com mais força que no presente” (2009, p. 69), esse tempo “saturado de agoras”, como defendia Benjamin nas suas teses sobre história. Poderia ser mais remoto, mas os embates fundacionais de

Portugal e Espanha com suas experiências paralelas de regimes ditatoriais levaram a uma consubstanciação dos países ibéricos na trama sobre o presente:

portugal ainda é uma máquina de fazer espanhóis. é verdade, quem de nós, ao menos uma vez na vida, não lamentou já o facto de sermos independentes. quem, mais do que isso até, não desejou que a espanha nos reconquistasse, desta vez para sempre e para salários melhores. [...] assim a virar para o lado de lá da fronteira, onde se come mais à boca grande e onde sempre houve mais ritmo no sangue. aqui, enquanto houver um salazar em cada família, estamos entregues ao inimigo. (MÃE, 2011, p. 185)

É preciso nos dar conta do que Agamben chama de “*facies* arcaica do presente” e em movimento contrário para que a “invisível luz que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora” (2009, p. 72). O tempo passado ressoando no presente e confluindo-se acabam sempre por responder indagações sobre questões recentes, pois “há que desistir de utopias parvas, dessas que facilmente são substituídas por outras hipóteses, como sucedâneos perfeitos” (MÃE, 2011, p. 156). Nesse sentido, Sr. Silva nos leva a encarar a vida sem o consolo das ilusões, indicando o fato de que as possibilidades de mudanças significativas estão nos homens.

O movimento individual-coletivo é contemporâneo, no sentido de sobreposição de motivos pessoais e gerais. Se a escrita do velho possui uma definição de tempo em que causas fundamentais ao humano são revistas, como o fascismo e o lugar da democracia, ou o que caracteriza esses modos políticos na atualidade. A atenção dada a estes movimentos denuncia uma forma de poder que está instituída em todas as esferas da vida, por isso a necessidade em dar atenção aos rumos da ideia de igualdade tida como ponto de partida para se atingir de modo concreto os domínios da vida.

Por fim, a esfera privada e pública se aliam a motivos bem claros em Sr. Silva. Este ao atentar para o tempo presente faz anotações precisas sobre suas experiências para elucidar um processo de caminhada em oposição às formas oligárquicas do poder, residindo aí um retorno estratégico a um passado português em que houve o ápice do controle estatal para assinalar o distanciamento atual do que compreendemos por democracia e melhoria coletiva, este é o perigo que ronda.

1.2 A biopolítica na escrita do velho

*Ai, palavras, ai palavras,
que estranha a potência, a vossa!
[...]
A liberdade das almas,
ai! Com letras se elabora...*

Cecília Meireles

a máquina de fazer espanhóis (2011), com exceção dos capítulos cinco e dezessete (que leva o título do livro), é escrita em primeira pessoa, Sr. Silva vai configurando sua distinta autobiografia, uma vez que na escritura de Sr. Silva notamos que “a linguagem torna-se o meio para a autodescoberta e autocriação, o caminho para combater as trevas e preencher o vazio, e para encontrar o que realmente está lá” (LIFSON, 1979 *apud* MOISÉS, 2013, p. 47).. Esses dois capítulos de desvio (o 5º e o 17º) possuem letras iniciais maiúsculas e uma entonação distinta marcada pela presença do discurso direto e dos sinais gráficos de interrogação e exclamação.

Ambos acabam inserindo na narrativa uma trama paralela que constitui uma homenagem ao escritor português Francisco José Viegas¹¹ e seus romances policiais. Na narrativa há um incêndio dentro do asilo e três utentes morrem. Os investigadores dessas mortes são o inspetor de polícia judiciária do Porto Jaime Ramos e seu assistente cabo-verdiano Isaltino de Jesus. Tomados de empréstimo, são personagens que aparecem tal como nos romances de José Viegas, ou seja, fanáticos pelo clube futebolístico do Porto. É através dos detetives e da velha Leopoldina, outra vivente do lar, que o futebol é trazido à tona como uma ferramenta do governo de Salazar para cooptar os portugueses. Por esse motivo, Sr. Silva afirma em determinado ponto do enredo:

ainda hoje ouço os velhos comentarem que o paizinho fez tudo para que o benfica personificasse a glória da nação. era como ter um exército do desporto, uma seleção, pois, que fora constituída e adotada por coração depois do erro que fora esperar do sporting tal coisa. o regime orgulhava-se do plantel com as importações africanas, quando ainda a europa não percebera vantagem em ir buscar negros para reforço de suas equipas. e todas as pessoas passaram a ser benfiquistas encurralados. o que significava que

¹¹ Escritor de romances policiais portugueses, algumas de suas obras são: *Crime em Ponta Delgada* (1989), *Morte no Estádio* (1991), *Um crime na exposição* (1998) e *A poeira que cai sobre a Terra* (2006). José Viegas surge na narrativa através de seus personagens de investigação Jaime Ramos e Isaltino de Jesus, uma homenagem de valter hugo mãe aos clássicos policiais que leu na juventude.

eram benfiquistas porque a oposição já não era nenhuma e todos queriam adorar campeões, e era ver o entusiasmo do ditador com o futebol dos encarnados [...] isso propunha atenuar consideravelmente as minhas desconfianças, nem sempre lúcidas, acerca do regime. porque ficava o porto para uma paixão local, e o benfica para o esplendor nacional, como apreciam ser equilibradas e correctas assim as coisas. (MÃE, 2011, pp. 81-82)

O futebol era uma das principais formas de lazer na época do regime e estava vinculado às propagandas do Estado Novo. Há a defesa dos três efes que sustentavam o controle: Fado, Futebol e [Nossa Senhora de] Fátima. Os três são alvos de críticas pelo Sr. Silva e seus amigos. O futebol politizado visava estar a serviço da nação, educar de acordo os ideais apregoados pelo governo salazarista. Benfica e Sporting em campo e com suas saudações fascistas ao início dos jogos corroboravam para que o aspecto popular do futebol auxiliasse a repressão.

Já nos demais capítulos das minúsculas¹², o discurso indireto-livre, a primeira pessoa na voz narrativa e a ausência de pontuações para a indução de opinião demonstra o projeto literário do autor em democratizar minimamente as palavras e abrir possibilidades para várias significações. Com os nomes próprios de alturas iguais, e sem os sinais marcadores da dúvida e da surpresa, é instaurada certa liberdade para que o leitor tome alguns rumos.

Dito isto, essa escrita artesanal de experiências e saberes que é fabricada por Sr. Silva, juntamente aos seus amigos do asilo, é um lugar para a discussão de múltiplos temas da vida humana e do mundo. A história é reinventada, relativizada, no momento em que o biopoder é desestabilizado pelas táticas dos velhos asilados, como também já foram no passado do regime salazarista.

O velho vê a importância do jovem que conheceu e entregou à PIDE, pois “ao contrário de se ter habituado à ditadura, andava a miná-la como sabia, criando brechas aqui e acolá para que ao menos se soubesse que o povo gangrenava descontente” (MÃE, 2011, p. 132). É um pouco desse aprendizado que quer nos passar, é exatamente isto que busca fazer no asilo. Por isso a aproximação da discussão sobre o tempo vivido, escrita da história e biopolítica na escrita do velho, sendo “‘biopolítica’ é um termo cunhado provavelmente por Rudolph Kjellén em 1920, para descrever sua concepção de Estado como uma “forma vivente” (Lebenform) provida da organicidade própria a uma

¹² VHM sofreu influência do poeta português Al Berto e sua poética “limpa” visualmente, fato é que Mãe escreveu uma tetralogia com letras minúsculas para criar um efeito de leveza da oralidade, para que o leitor entre em contato com a fluidez da fala/pensamento e se aproxime com o discurso real, natural cotidiano. Já sobre as pontuações ele afirmou que elas passam a politizar a língua, por deixar nas mãos do leitor a decisão da entonação e rumo que quer dar.

forma biológica” (SAFATLE, 2015, p. 411). Nesse sentido, a partir do conhecimento histórico podemos instaurar lutas mais frutíferas às condições de poder soberano que por aí se encontram.

Destacamos, ainda, que as instâncias da nossa pesquisa (escrita, história e biopolítica) se unem numa espécie de novelo, se embaraçam para tecer saberes sobre o ser no mundo. Desmembramos aparentemente estes saberes para o melhor vislumbre da confluência e das respostas às nossas indagações, ou seja, realizamos, na narrativa, recortes formais e temáticos necessários para clarificar nossa investigação.

A obra analisada fala de acontecimentos históricos pela via da escrita. Em conversas densas ou descontraídas, Sr. Silva e os velhos confeccionam um conhecimento sobre o passado. Em *a máquina de fazer espanhóis* (2011) algumas perspectivas são trazidas à tona, os velhos muitas vezes discordam uns dos outros sobre determinados fatos, produzindo opiniões contrárias e ocupando posições distintas. Por exemplo, temos um grupo familiar construído pela fraternidade composto por: Sr. Silva, Silva da Europa, Sr. Pereira, Sr. Anísio e Sr. Esteves; e Silva da Europa, que em contraposição ao Sr. Silva, defende a entrada de Portugal na União Europeia e possui uma cosmovisão mais otimista em torno da velhice.

Os vários discursos produzidos pelos velhos são embates fluídos que fazem do passado um tempo não-linear, porém capsular, simultâneo e de construção subjetiva. E a escrita, na tentativa de captá-lo, se insere na confluência de tempos. Na obra encontramos uma concepção antinormativa do tempo, rompendo com a linearidade, ao produzir descontinuidades. Sr. Silva, ao completar seu primeiro ano no asilo constrói o seguinte entendimento sobre o tempo:

o tempo não é linear. o tempo vicia-se em ciclos que obedecem a lógicas distintas e que se vão sucedendo uns aos outros repondo o sofredor, e qualquer outro indivíduo novamente num certo ponto de partida. é fácil de entender. quando queremos que o tempo nos faça fugir de alguma coisa, de um acontecimento, inicialmente contamos os dias, às vezes até as horas, e depois chegam as semanas triunfais e os largos meses e depois os didáticos anos. mas para chegarmos aí temos de sentir o tempo também de outro modo. perdemos alguém, e temos de superar o primeiro inverno a sós, e a primeira primavera e depois o primeiro verão, e o primeiro outono. e dentro disso, é preciso que superemos os nossos aniversários, tudo quanto dá direito a parabéns a você, a datas da relação, o natal, a mudança dos anos, até a época dos morangos, o magusto, as chuvas de molha-tolos, o primeiro passo de um neto, um regresso de um satélite à terra, a queda de mais um avião, as notícias sobre o brasil, enfim, tudo. e também é preciso superar a primeira saída de carro a sós. o primeiro telefonema que não pode ser feito para aquela pessoa. a primeira viagem que fazemos sem a sua companhia. os lençóis que mudamos pela primeira vez. as janelas que abrimos. a sopa que preparamos para comermos sem mais ninguém. o telejornal que já não comentamos, um

livro que se lê em absoluto silêncio. o tempo guarda cápsulas indestrutíveis porque, por mais dias que se sucedam, sempre chegamos a um ponto onde voltamos atrás, a um início qualquer, para fazer pela primeira vez alguma coisa que nos vai dilacerar impiedosamente porque nessa cápsula se injeta também a nitidez do quanto amávamos quem perdemos, a nitidez do seu rosto, que por vezes se perde mas ressurgue sempre nessas alturas, até o timbre da sua voz, chamando o nosso nome ou, mais cruel ainda, dizendo que nos ama com um riso incrível pelo qual nos havíamos justificado em mil ocasiões o mundo. (MÃE, 2011, pp. 105 – 106)

O velho ao concluir o ciclo de um ano no asilo se equivocou pensando que ao vivenciar sozinho pela primeira vez as datas comemorativas superaria o sofrimento da perda. Todavia, o tempo encapsulado a que se refere guarda sobreposições de tempos que se repetem e que se recriam no presente, desmantelando a ideia sobre o tempo cronologicamente linear, pois no seu tempo de vivência experimenta rupturas e continuidades que dinamicamente ressurgem e fogem do seu domínio.

A escrita, então, não é mero receptáculo do que passou, mas é produtiva, possui uma estrutura de possibilidades; compreendemos a ação de escrever como uma atitude ativa n'*a máquina de fazer espanhóis* (2011) enquanto uma estrutura para questionamentos histórico-políticos, se constituindo uma *máquina de guerra* versus o aparelho de Estado. Portanto, a biopolítica é aparentemente o oposto do biopoder, o uso da vida e do corpo como arma de luta que busca combater o poder sobre a vida é a relação que adotaremos.

O filósofo italiano Antonio Negri (2001), diferentemente de Foucault, distingue o biopoder da biopolítica, realiza essa separação teórica tendo em vista a diferenciação do momento moderno para o contemporâneo. Se o biopoder capta a vida em todas as suas formas, esta passa a ser também local de resistência. A escrita do velho que emprega força física e afetiva torna-se uma produção biopolítica da subjetividade¹³. Sem querer adentrar ao conceito de trabalho imaterial de Negri focaremos na sua designação de biopolítica.

O fenômeno da globalização e a lei do mercado mundial com seu foco no poder financeiro nos traz a limitação de que o poder do povo é o do mercado livre. Se não há o lado de fora do capital, todo nosso trabalho e lazer já foram cooptados, “o adjetivo biopolítico indica, assim, que as distinções tradicionais entre o econômico, o político, o

¹³ Quando falamos em subjetividade, pensamos em processos de subjetividade ao modo que Deleuze e Guattari vêm em seus *Mil Platôs*, por exemplo. A subjetividade como (re)produção que não cessa, que se produz no cotidiano, nas relações e no entrecruzamento de instâncias individuais, sociais, técnicas e institucionais.

social e o cultural tornam-se cada vez menos claras” (NEGRI; HARDT, 2005, p. 150). Entretanto, não há somente passividade frente aos sistemas capitalista e governamental, pois ao produzirmos bens materiais e de consumo, produzimos também outros tipos de relações e outros tipos de laços, ou seja, novas redes de vida surgem.

Desta forma, pode-se chamar de trabalho biopolítico essas vias abertas não tão negociáveis que o capital e os poderes formais não podem conter. Por exemplo, a pausa do tempo frenético, os afetos, uma subjetividade em revolta. Redesenhar a vida um pouco distante da lógica do lucro, não ser movido pelo niilismo, mas sim pelo desejo, pelas múltiplas formas de desejo.

Em *Exílio – seguido de Valor e afeto* (Negri, 2011), a definição de *biopolítica produtiva* aparece. Nota-se que o conceito não é estático, biopolítica é a constante resposta de resistência da vida ao poder que a oprime. É na vida que se encontra a potência revolucionária contra o biopoder, pois se o poder envolve a vida, a vida por sua vez envolve o poder, por conseguinte, o par dominação/resistência está para biopoder/biopolítica. A biopolítica liga-se à noção de *máquina*¹⁴ de guerra deleuzo-guattariana que age exterior ao aparelho de Estado, a *máquina de guerra*¹⁵ quando não reproduz os valores do Estado torna-se um contrapoder.

A definição de biopolítica d’*O circuito dos afetos – corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* (2015), do filósofo Vladimir Safatle, também nos é válida. Biopolítica aparece enquanto “vida como errância”. Ao analisar *O normal e o patológico* (2001), de Georges Canguilhem, que foi professor de Foucault, Safatle aponta novos caminhos para a compreensão das estruturas de poder, defende que o foco tem sido constantemente nas sujeições sociais, havendo certa cristalização na concepção do que seja biopolítica.

Safatle diz que essa analogia entre o biológico e o social em Foucault que aponta para uma “biologização da política” e uma “judicialização da vida”, ou seja, a normatividade vital existente no corpo político-social está para a normatividade social do corpo biológico. Mas o termo “normatividade vital” em Canguilhem aponta para uma “mobilidade normativa” do existente, residindo aí a necessidade de pensarmos a

¹⁴ A concepção de máquina que utilizaremos é a de Deleuze e Guattari (1996), máquina para os autores não é uma metáfora, mas sim uma realidade, diferentemente de um sentido mecanicista, máquina, maquinaria ou arranjos maquinicos são corpos que movem-se por força própria. Ao passo que não necessitam da ação de qualquer outro elemento para que os animem, acabando com a ideia de relação causal entre força e corpos. As máquinas são potencialmente capazes de realizar conexões infinitas.

¹⁵ Máquina de guerra, no vol. 5 de *Mil Platôs*, fica sendo definida potência ligada a um fazer nômade e que se contrapõe ao aparelho de Estado. Detalhes sobre esse conceito aparecerão mais adiante.

noção de “errância”, pois só assim poderá haver uma “recompreensão das potencialidades inerentes às articulações entre o político e o biológico” (SAFATLE, 2015, p. 419).

A vida é uma atividade marcada pela errância, sendo esta a renovação do conceito de vida para Canguilhem: “E porque sou vivente que devo procurar na vida a referência da vida” (CANGUILHEM, 1983 *apud* SAFATLE, 2015, p. 416). Nesse trecho encontra-se a necessidade de revestirmos o conceito de vida de “potência produtiva autônoma”, pois dessa forma podemos chegar à pergunta sobre as possibilidades de uma política que admita certa posição vitalista.

A “biopolítica vitalista” de Canguilhem se assemelha à “biopolítica produtiva” de Negri (2001), sendo ambas transformadoras, utilizando o conceito de vida com uma peculiar ontologia, e não apenas como objeto de uma “epistemologia genealógica” como em Foucault, pois nestes autores:

a vida não aparece como objeto reificado de práticas discursivas, mas também como a potência que produz conceitos [...] O biológico, ou seja, a dimensão da vida que provoca em nós o espanto cuja resposta é uma forma de arquitetura de conceitos, não aparece assim apenas como produto de um discurso. Ele aparece como experiência que produz discursos, principalmente discursos que nos voltam contra outros discursos e produzem em nós um profundo sentimento de limitação. (SAFATLE, 2015, p. 418)

Sr. Silva não escreve somente para se comunicar com os outros, a escrita para ele possui uma força autopoietica, uma vez que se configura através dela, fazendo parte de seu projeto de vida que é também um projeto de morte, a reinvenção de si pela linguagem ao visar a sobrevivência. O que se configura no asilo é também força revolucionária, que desestabiliza o biopoder e abre uma fresta para resistência. Como as cartas, que assina com um pseudônimo, destinadas à D. Marta, uma senhora do lar, afirma:

e eu contava-lhe que escrever aquelas cartas me parecia como escrever sobre mim. aquelas cartas eram sobre mim e ajudavam-me a pensar. ajudavam-me a transformar em literatura o que parecia nem ter verbalização possível. e por vezes não tinha mesmo. mas, semana após semana, procurando uma forma de explicar, sempre havia uma palavra, uma frase que chegava mais perto do que queríamos dizer e do que, afinal, estávamos a sentir. (MÃE, 2011, p. 148)

A entrada do ex-barbeiro para o asilo caracteriza-se por um exílio forçado, todavia em certo estágio do livro passa a ser um exílio poiético, no sentido de abertura

para produção, adaptação e revisão do que viveu pela criação da escrita de suas vivências. A resignação acabou o levando a produzir uma potência de resistência em meio à dor sentida. Por meio da escrita de cartas endereçadas à D. Marta e da sua autobiografia, está em Sr. Silva a vontade de resistir e fazer ser lembrado o padecimento dos portugueses pelo governo ditatorial.

Ao nos contar alguns esquemas oficiais, Sr. Silva critica os poetas portugueses como Almada Negreiros, Fernando Pessoa e Eugénio de Andrade. Por exemplo, Almada de ideal pré-fascizante, como apontou Eduardo Lourenço em *Almada: a cena do corpo* (1994), sua poesia traz uma apologia ao nacionalismo de modo romântico; em seu *Ultimatum futurista* (1917) diz: “Portugal é um país dos fracos. Portugal é um país decadente: 1) Porque a indiferença absorveu o patriotismo” e destila seu ideal sobre a guerra, a pátria e como os portugueses deveriam agir; sua ideia central de que é preciso criar a pátria portuguesa do século XX, pois como nação precisa possuir uma ordem que ao longo dos tópicos do manifesto estão ligados à religião e uma resolução que somente era possível como a que apoiou e com a qual trabalhou, a do governo de Salazar.

Reprova Eugénio de Andrade e seus livros por fortalecer a paciência e aceitação da miséria, como em *Os amantes sem dinheiro* (1950), aqueles que “tinham fome e sede como os bichos, / e silêncio / à roda dos seus passos” e mesmo assim eram felizes porque tinham o amor. O “romance açucarado”, afirma o velho, depositava a ilusão de que podiam ser pobres e não ter o que comer e vestir, mas mesmo assim serem felizes. Cultivar o valor da simplicidade por não lhes darem alguma dignidade.

Fernando Pessoa também é criticado, embora exista a polêmica de que tenha apoiado ou não o regime, o ponto central de crítica ao poeta em *a máquina de fazer espanhóis* (2011) está na pretensão que ele teve em dizer que o Esteves que encontra na tabacaria é “sem metafísica”, como podemos ler o trecho do poema a seguir:

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
Talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.
O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na
algibeira das calças?).
Ah, conheço-o; é o Esteves sem metafísica.
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e
viu-me.
Acenou-me adeus, gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o
universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o
Dono da Tabacaria sorriu.

(PESSOA, 2014, pp. 70-71, grifo nosso)

Reside nesse episódio a tese defendida por Lourenço Mutarelli na apresentação na aba do livro *a máquina de fazer espanhóis* (2011), a de que o livro é “um jogo de desarmar, desdobrar, ramificar” o poema *Tabacaria* (1928), de Pessoa (Álvaro de Campos), como se estivéssemos lendo a continuação do poema. Diz-nos o Sr. Esteves: “mas eu tenho muita metafísica, isto de os poetas nos roubarem a alma não é coisa decente, porque aquilo da poesia leva muita mentira” (MÃE, 2011, p. 51), criticando assim a desvalorização que um homem comum sofre por parte de Pessoa, que o eternizou como o homem sem profundidades, sem complexidades, enfim, sem metafísica.

Todas essas críticas aos poetas possui um propósito enfático na obra que é o de combater o reflorescimento de procedimentos fascistas diante da vida. Além desses citados anteriormente, Sr. Silva reflete sobre a posição da maior fadista portuguesa Amália Rodrigues (“a maior voz da desgraça e do engano dos portugueses”) que vivia a cantar como deve ser uma casa portuguesa: “Que o povo nunca desmente / A alegria da pobreza / Está nesta grande riqueza / De dar, e ficar contente”.

Além de exaltação da pobreza no trecho deste fado encontramos a valorização do ato de ajudar o outro, ora, se o governo não lhes davam benefícios e cuidados básicos, restava-se criar o valor pela responsabilidade social, que acabava por destituir o trabalho do Estado. Sobre o auxílio do barbeiro que Sr. Silva foi ajudante, fazendo-lhe ser mestre de uma barbearia própria, neste mesmo sentido Silva da Europa diz: “o estupor do regime tinha essas coisas, púnhamos-nos todos a olhar uns pelos outros” (MÃE, 2011, p. 92).

Ao desmistificar personalidades portuguesas que ajudaram a produzir uma passividade ao longo do governo totalitarista, Sr. Silva e os demais velhos fazem das suas conversas uma confluência criativa para discussão política. Ao lermos *a máquina de fazer espanhóis* notamos a posição crítica de VHM e da obra em meio à situação portuguesa atual em que as crises econômicas e políticas levam a (re)pensar a identidade portuguesa e possibilidades de superação do caos instalado.

Como informação sobre o alcance d'*a máquina de fazer espanhóis* (2011), sabe-se que ele foi o livro mais vendido em Portugal em 2010, teve duas adaptações livres para o teatro¹⁶ e foi bastante lido nas escolas. O vasto número de leitores, seja pelas

¹⁶ A primeira adaptação teatral da obra foi feita em 2014 pela Trigo Limpo teatro ACERT com o título de “o fascismo dos bons homens” e este ano aqui no Brasil tornou-se peça de encerramento do curso de

aberturas temáticas, seja pelas adaptações da obra ou pela linguagem acessível que não subestima seu leitor, teve acesso a um livro que coloca a política para além da maquinaria governamental, contribuindo para a compreensão dos mecanismos de poder contemporâneos.

Se prestarmos atenção às práticas ou, para utilizar um vocabulário cerceaniano, aos “modos de fazer” que aparecem, podemos ver a amizade como exercício político, que fortalece a superação das dificuldades que surgem no asilo e na velhice. O conversar e o escrever contribuem para os velhos burlarem regras. Como exemplos, temos: o dia em que, durante a noite, sem poder saem dos quartos para explorar o lar e acabam vivenciando alguns acontecimentos insólitos; quando realizam a humanização da estátua de Nossa Senhora de Fátima e como afronta à morte desrespeitam o túmulo de Laura, despedaçando as flores, entre outros. Infringem regras como pequenas práticas antidisciplinares, que os fazem de algum modo resistir ao biopoder.

A escrita de Sr. Silva apresenta uma oportunidade para sermos contemporâneos não somente do “tempo-de-agora”, mas igualmente das personalidades nos textos e nos documentos do passado. Ser contemporâneo de Camões (séc. XVI) a Fernando Pessoa (séc. XX) e deixar coabitar-se com os sentimentos próprios das épocas distintas. Na construção desta ficção, o passado pode sempre ser apagado e reescrito; “a história não é toda a realidade: existem dimensões do real, inclusive do homem, que escapam à história” (PANIKKAR, 2005, p. 15). São nesses aspectos que escapam que a lacuna surge e com ela as possibilidades múltiplas de preenchê-la.

Em *O espírito da política* (2005), Panikkar discorre sobre o metapolítico e diz que ele “é o ponto de encontro entre a dimensão política e o homem em sua totalidade” (p. 15). O aspecto antropológico da política é constantemente trazido pelo autor, ao passo que o metapolítico é “um pensamento sobre a atividade política, desde que esta atividade, pelo próprio fato de ser humana, já é consciente, e, por isso, aberta à reflexão e à crítica” (p.19). O prefixo “meta” pode ligar a noção de metapolítico à de biopolítica, pois se “todo homem forja seu próprio destino no campo do político, quando descobre o sentido metapolítico de sua atividade humana” (PANIKKAR, 2005, p. 13), a autopoiesis, ou autoprodução da nossa vida é perpassada por aspectos potentes. Nosso narrador descobre seu sentido metapolítico através da escrita.

Se a nadificação das vontades no período inicial no asilo e o ressentimento ao longo da sua vida foram fortes, foi pelo fato do ex-barbeiro constatar que “vivemos uma época sem futuro. A espera do que está por vir já não é uma esperança, mas angústia” (Simone Weil *apud* Panikkar, 2005, p. 44), cuja procura por um algo novo é experimentado na literatura com tonalidade histórica, pois através da rebeldia nas palavras, desconstrói as relações de poder, abrindo uma fenda de criação e resistência, embora “a vida tinha sido, e havia comprovadamente de continuar a ser, um rol de violências sobre as quais ergueríamos infindáveis noites de insônia” (MÃE, 2011, p. 97).

A ideia de “fim do futuro” citada acima conecta-se ao risco do niilismo¹⁷ na contemporaneidade. O fim das utopias e a era da globalização acentuam este sentimento. A presentificação, entendida aqui como voltar-se para o presente, é uma das características advindas do “fim do futuro”, não se vive voltado para um tempo por vir, esta espera não guia mais o presente, o que há é o esvaziamento das utopias. Sobre o niilismo em nossa época falaremos mais adiante ao falarmos da resistência e combate na escrita de Sr. Silva. Para isso, a noção de “avesso do niilismo”, de Peter Pál Pelbart será basilar. A escrita enquanto *máquina de guerra* traz um caráter de luta, ela torna-se uma instância que interpela o real e procura lhe dar novas conexões de significado. Comprendemos o real como no trecho abaixo:

Para Lacan, o real é o que não é passível de simbolização, é o que escapa da rede protetora que os sujeitos tecem com os símbolos em sua relação com o mundo. O real – longe de ser o mais concreto, o mais passível de ser conhecido e apreendido; longe de ser algo que possui uma verdade que poderia ser conhecida – seria o que escapa à compreensão. *O real seria a vida pura, a vida crua, seria o informe; seria o que sempre aparece construído precariamente; seria o doloroso caos em que podemos nos atolar e nos perder; seja a desterritorialização absoluta, o coração selvagem da existência.* (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 45, grifo nosso)

A escrita e a biopolítica possuem camadas de discursos que se contestam dentro de si (como entre si), são os estratos como colocam Deleuze e Guattari, para não deixar que versões sobre o passado se solidifiquem. Discursos e refutações à memória dos heróis, dos grandes, dos poderosos. Para isso, Sr. Silva joga com os dados de que dispõe, o imaginário português, personalidades da arte, da religião, da política

¹⁷ “Esse termo – do latim *nihil*, nada – indica em geral uma concepção ou uma doutrina em que tudo o que é – os entes, as coisas, o mundo e em particular os valores e os princípios - é negado e reduzido a nada” (ABBAGNANO, 2007, p. 829).

governamental e do esporte relacionando-os com os demais personagens ficcionais da narrativa.

O jogo existente entre realidade e ficção nos ajuda a libertar nossa visão objetivista e cartesiana sobre a história, os leitores atentos dos livros de VHM tornam-se juntamente com Sr. Silva e os outros velhos, uma espécie de arqueólogos dos discursos sobre o passado e, somente assim, novos significados e sentidos sobre o nosso tempo presente podem sobreviver, permitindo-nos ser “arqueólogos do futuro”, como apontou Alfredo Bosi (2013), pois “o presente, no momento mesmo em que se dá, deseja ver a si mesmo como já histórico” (HARTOG, 1996, p. 137), como passado.

a máquina de fazer espanhóis (2011), portanto, é uma ficção que possui um funcionamento interventivo, através dos aspectos literários pensamos as múltiplas maneiras de exploração do biopoder. Pensa-se no caráter narrativo do tempo, o imbricamento entre a escrita do Sr. Silva e a realidade social e histórica que apontam para as renovações epistemológicas (no campo das subjetividades e historiografia, por exemplo) dos saberes produzidos pela literatura contemporânea.

CAPÍTULO 2 – “APRENDER A SOBREVIVER AOS DIAS”, OU A ESCRITA COMO RESISTÊNCIA

Logo após a perda da sua esposa a quem tanto amara e dedicara a vida, Sr. Silva é colocado pelos dois filhos no asilo ironicamente chamado pelo autor de “Lar da Feliz Idade”. Estes dois acontecimentos acabam por configurar um grande choque que divide a temporalidade de sua vida, como lê-se: “e uma enfermeira dizendo coisas simples, convencida de que a idade mental de um velho é, de facto, igual a uma criança. o choque de se ser assim tratado é tremendo e, numa primeira fase, fica-se sem reacção” (MÃE, 2011, p. 23). Nota-se a diferença de como passa a ser referido, produzindo um olhar sobre a identidade do velho, vendo o envelhecimento como uma espécie de “segunda infância”. No trecho citado anteriormente, fica claro um modo habitual de se ver/inscrever a velhice, realizando a conexão entre as faixas etárias, cuja infantilização é detestada pelo Sr. Silva.

Sutil e habilmente aparecem na narrativa questões relacionadas ao medo de perder o controle do próprio corpo, uma fragilidade fisiológica que se estende ao âmbito afetivo, sendo acentuada no isolamento. A ruptura dos laços afetivos é brutal na vida de um indivíduo, ainda mais quando passam a conviver com pessoas desconhecidas, embora haja um processo de superação, como exemplifica bem Sr. Silva. São diversos os motivos que fazem do material fabricado pelo velho uma fonte repleta de questões relacionadas ao contemporâneo e suas perturbações.

Portanto, é na velhice e dentro do espaço do asilo que se centrará nosso olhar neste capítulo, o lugar onde nosso narrador se move e ficará até o fim da vida. Então, o asilo representa um microcosmo em que aspectos do biopoder e da biopotência (biopolítica) são vivenciados, pois nesse exílio a que foi submetido, olhará para seu passado e para dentro de si, operando uma espécie de ajuste e acerto de contas ao buscar, por meio da escrita, reordenar seus sentimentos, suas ações e desestabilizar a ordem. Uma escrita complexa é aquela que está entre domínios de mudança e domínios de interação, ou seja, não é fechada/estática, mas errante em busca de novas relações.

Diante dessas considerações, as seções a seguir atrelam à escritura de Sr. Silva a experiência de envelhecimento para em seguida adentrarmos à escrita e resistência, tendo como centro a dupla instância do esgotamento e da criação, para somente então introduzirmos as questões sobre o combate ao fascismo.

2.1 Escrita complexa e a experiência do envelhecimento

Velho é uma palavra com caninos afiados – idoso é uma palavra banguela [...] Idoso pode ser apenas “ido”, aquele que já foi. Velho é – e está.

Eliane Brum

Vimos utilizando ao longo do nosso estudo a palavra “velho” pelo mesmo motivo apontado pela jornalista brasileira Eliane Brum em seu texto “Me chamem de velha” (2010), a cosmeticalização da linguagem acaba por roubar a velhice. Retirar do idioma palavras que remetam ao envelhecimento está conectado ao fato da juventude ser exaltada não como faixa etária, mas como vida inteira, bem como ao afastamento da morte¹⁸ do nosso cotidiano.

O crescente número de cirurgias plásticas para remediar o corpo enrugado e/ou flácido acontece pelo mesmo motivo que chamamos o asilo de casa de repouso, a velhice de terceira idade e o velho de idoso. Acredita-se que o eufemismo torna o envelhecer algo leve, logo, ele é visto como algo pesado e ruim. O que há é uma forte desvalorização da velhice, pois “ser velho é estar perto da morte. E essa é uma experiência dura, duríssima até, mas também profunda. Negá-la é não só inútil como uma escolha que nos rouba alguma coisa de vital” (BRUM, 2010), nos roubar a morte é nos roubar uma experiência última, já que a morte está contida na vida.

Neste mesmo sentido, a historiadora Tania Navarro-Swain em seu ensaio *Velha? eu? autorretrato de uma feminista* (2003), traz a experiência de seu envelhecimento para o cerne da indagação que faz sobre a velhice e as relações de poder a ela atrelada, em que o corpo do velho e sua depreciação o faz ser visto como decadente e doente, o contrário da vida. A historiadora visa, portanto desconstruir alguns estereótipos ampliar os limites do que compreendemos sobre velhice, como podemos ler abaixo:

A velhice não é, finalmente, senão uma categoria social. No quadro binário de construção do mundo, seu referente é a juventude, outra categoria instituída pelo social e hiper valorizada. Os corpos perdem força e vitalidade, é verdade, mas a “velhice” é uma representação social que polariza e hierarquiza o humano para melhor excluir, para melhor controlar, para melhor cindir as forças de resistência. (NAVARRO-SWAIN, 2003).

¹⁸ Para melhor compreensão sobre esse afastamento da morte no nosso cotidiano, mais adiante mencionaremos a pesquisa de Philippe Ariès sobre a morte no Ocidente.

Para Navarro-Swain “velhice” e “juventude”, são “palavras generalizantes, que fingem ter um sentido único, lá onde há apenas dispersão” (NAVARRO-SWAIN, 2003), ou seja, a experiência de envelhecimento não pode ser aprisionada na comparação à juventude. Sendo necessário devolver para a velhice a força como modo de resistir aos diversos modos de aniquilamento de sua vitalidade.

Se há essa desvalorização social, por outro lado, o capitalismo e seu cinismo junto à biomedicina capturam a velhice e transformam-na em lucro, “pois a indústria farmacêutica/cosmética auferem imensos benefícios com a venda de produtos anti-menopausa, anti-velhice, anti-rugas, anti-celulite, produtos viva-a-juventude!”(NAVARRO-SWAIN, 2003). A literatura é uma instância que pode nos fazer ver outros modos de sensibilidade e de produção em relação aos velhos.

a máquina de fazer espanhóis (2011) traz de modo sensível e intenso uma discussão sobre a experiência de envelhecimento. A velhice é um momento tão reduzido à irrelevância em nosso tempo, porém seu confinamento e esvaziamento na narrativa não é permitido, pois Sr. Silva e os outros velhos não se calam, exigem que devemos escutá-los. De diversos modos o reconhecimento da força do velho surge, seja pelo saber advindo das experiências de guerra e regime ditatorial, para que não se repita o ápice da desumanidade; seja pelo saber que advém das relações com os outros velhos, em que a vontade em realizar algo para o coletivo aparece.

Com *Velhice e sociedade* (1999), Guita Grin Debert visou organizar estudos que centrassem o olhar na construção e reconstrução da velhice. Se antes a velhice era vista como uma experiência homogênea, nas décadas 80/90 as pesquisas acadêmicas já apontavam para a heterogeneidade do sujeito e, por conseguinte, da experiência. Debert faz um levantamento de alguns marcos na transformação do olhar sobre a velhice. Na década de sessenta, pesquisas já defendiam que “a sociedade moderna não prevê um papel específico ou uma atividade para os velhos, abandonando-os a uma existência sem significado” (DEBERT, 1999, p. 42), a partir dessa colocação podemos dividir em duas tendências em relação a posição dos velhos: [1] que deve encontrar atividades compensatórias, permanecendo ativos e [2] que o desengajamento voluntário das atividades deve acontecer.

Estas duas vertentes vão sendo um pouco esquecidas, e outros aspectos vão sendo problematizados no interior da Gerontologia, como por exemplo, a noção de dependência e passividade nos velhos, tentar desconstruir a “visão do idoso como um ser doente, isolado, abandonado pela família e alimentado pelo Estado” (DEBERT,

1999, p. 43) é peça fundamental. Se entre os anos 1954 a 1960 a velhice era associada à pobreza, nos anos 1959 a 1967 era associada ao desamparo afetivo, expõe Debert. A ampliação do alcance da aposentadoria, que antes era um número restrito de trabalhadores, passou de algum modo a modificar a situação dos velhos. Mas ora, se o índice de pobreza diminuiu, o índice de desamparo do velho continuou, por isso projetos vão surgindo para que o olhar sobre essa faixa etária seja modificado.

Após estas colocações, Debert aponta para os desafios provenientes das mudanças que envolvem o crescimento da população de velhos. Assegurar ponderação na distribuição dos recursos e das oportunidades sociais é um dos pontos que a pesquisadora defende. A criação da Universidade Aberta à Terceira Idade em 1990, por exemplo, é uma das progressões da luta pelo lugar do velho na sociedade.

Desse modo, sabemos que ações de diversos contextos devem acontecer como dos setores político e científico. O aumento de informações e conhecimento sobre os limites dos velhos e seu corpo, bem como seus anseios permitiriam práticas sensatas em relações aos velhos. Se mais frágeis corporalmente, logo necessitam de atendimentos adequados às suas necessidades, somente assim algo efetivo lhes seria feito, pois são as promessas e hipocrisias em relação aos velhos que Sr. Silva rebate no trecho:

que se fodam. que se fodam os discursos de falsa preocupação dessa gente que sorri diante de nós mas que pensa que é assim mesmo, afinal, estamos velhos e temos de morrer, um primeiro e o outro depois e está tudo muito bem. sorriem, umas palmadinhas nas costas, devagar que é velhinho, e depois vão-se embora para casa a esquecerem as coisas mais aborrecidas dos dias. onde ficamos nós, os velhinhos, uma gelatina de carne a amargar como para lá dos prazos. que ódio tão profundo nos nasce. como incrivelmente nos nasce alguma coisa num tempo que já supúnhamos tão estéril. (MÃE, 2011, p. 22-23)

A velhice estudada através da união dos conceitos biológicos, psicológicos e sociais, fornece saberes e descobertas sobre diversos temas. Esclarecimento sobre este momento é fundamental, a título de exemplo chamar a velhice de “segunda infância” é prova de que não se sabe muito sobre ela. Pois como diz Sr. Silva: “e eu não ia para adulto, vinha de adulto” (MÃE, 2011, p. 114), acreditar que há um caminho próximo entre o do velho e da criança é inverter os tempos e demonstrar que não se sabe muito sobre a vida. As incongruências que costumeiramente sucede a esse grupo podem ser neutralizadas com o cultivo de empatia e ações por eles. Há no fragmento a seguir um relato sensível de Sr. Silva, como nos ensina a encarar a velhice:

um problema com o ser-se velho é o de julgarem que ainda devemos aprender coisas quando, na verdade, estamos a desaprendê-las, e faz todo sentido que assim seja para que nos afundemos inconscientemente na iminência do desaparecimento. a inconsciência apaga as dores, claro, e apaga as alegrias, mas já não são muitas as alegrias e no resultado da conta é bem-visto que a cabeça dos velhos se destitua da razão para que, tão de frente à morte, não entremos em pânico. a repreensão contínua passa por essa esperança imbecil de que amanhã estejamos mais espertos quando, pelas leis definidoras da vida, devemos só perder capacidades. a esperança que se deposita na criança tem de ser inversa à que se nos dirige. e quando eu fico bloqueado, tão irritado com isso sem dúvida, não é por estar imaturo e esperar vir a ser melhor, é por estar maduro de mais e ir como que apodrecendo, igual aos frutos. (MÃE, 2011, p. 33)

A clássica comparação entre a velhice e o fruto apodrecendo no trecho acima enfoca o aspecto biológico do ser. As debilidades próprias deste período angustiam os velhos, o descarte cruel que alguns sofrem acentuam suas fragilidades. O sociólogo Norbert Elias em *A solidão dos moribundos, seguido de "Envelhecer e morrer"* (2001), para refletir sobre a construção de velhice sob o aspecto de uma identidade majoritariamente marcada pela vulnerabilidade, e ceder apenas o “bastidor da vida social, o por trás da vida, isolamento” (ELIAS, 2001, p. 19) aos velhos tem a ver com uma não-identificação com a decrepitude do corpo e a aproximação com a morte, por isso a necessidade de se discutir, falar mais sobre a morte e a velhice, reaproximá-las.

Escrever paralelamente à experiência de envelhecimento para Sr. Silva é carregar todos os aspectos elencados nesta seção, portanto, é sentir-se fraco pelas condições corporais, mas ao mesmo tempo forte em relação ao que vivenciou e pode transmitir. Esquece o velho que escrever é uma forma de batalha, especificamente o que ele reflete em sua escrita. Eis o relato do lado difícil de enfrentar a fragilidade do corpo:

envelhecer é tornarmo-nos vulneráveis e nada valentes, pelo que enlouquecemos um bocado e somos só como feras muito grandes sem ossos, metidas dentro de sacos de pele imprestáveis que já não servem para nos impor verticalidade nem nas mais pequenas batalhas. (MÃE, 2011, p. 22)

N’*a máquina de fazer espanhóis* (2011) encontramos certa desordem da imagem do velho, estereótipos são descartados e a sexualidade, a perspicácia, a maldade e etc. aparecem no intuito de não infantilizar, vitimizar e desprover do velho aspectos básicos do humano. A sexualidade é trazida com certa comicidade, por exemplo: quando Sr. Anísio, amigo de Sr. Silva, se apaixona por uma velha do asilo e o grupo de velhos chega a brincar com a relação sexual dos dois; outro momento marcante é quando Sr. Silva relembra quando fazia sexo com sua esposa Laura e fala detalhes ao Sr. Pereira.

Já a “maldade” está no desrespeito à estátua de Nossa Senhora de Fátima, fruto de uma pequena travessura em que chegou a tirar as pombinhas dos pés da estatueta e sair pelo asilo fazendo piadas evocando o sentido sexual das pombas. Sr. Silva nesses momentos se sentiu vivo, se sentiu ainda potente, pois aquela pequena maldade lhe devolveia algo de vital, algo de humano como no excerto a seguir podemos ver:

gosto desta maldade, não podemos ficar velhos e vulneráveis a todas as coisas, temos de nos rebelar aqui e acolá, caramba, temos de estar a postos para alguma retaliação, algum combate, não vá o mundo pensar que não precisa de tomar cuidado com as nossas dores. (MÃE, 2011, pp. 73-74)

Essa revolta de algum modo tardia não foi aprendida nos tempos do regime, como se a perda da esposa e os filhos crescidos não mais o fizesse temer qualquer tipo de afronta à sua liberdade e dores. A mensagem que o livro passa sobre o amor é bem particular, “uma estupidez intermitente mas universal” (MÃE, 2011, p. 32) que nos paralisa e nos faz cegar, neste caso quem ama tem a temer o sofrimento ou o mal à pessoa amada também. O egoísmo advindo do cuidado é o que nos acovarda frente às situações grotescas ao coletivo. Uma definição um tanto pesada que vai sendo desconstruída, quando o amor de Sr. Silva pelos outros, para além do seu laço sanguíneo, vai aumentando e neste caso reside também no amor a força para combater qualquer tipo de injustiça.

A família molecular como centro do universo do Sr. Silva e seu egocentrismo nos remete ao fato de acharmos que nossos problemas são mais reais e urgentes que os dos outros. Servo de sua consciência, Sr. Silva não conseguia se importar autenticamente com os outros devido a conjuntura em que estava inserido, uma “corrida de ratos” provocada pela vontade de segurança financeira da sua família na época da fome e da repressão. E, deixa-nos claro a narrativa, é só através da consciência crítica, “porque a consciência ainda é dos químicos mais corrosivos, ou dos melhores detergentes, se quiserem” (MÃE, 2011, p. 249), que somos capazes de seguir em frente, buscando a ampliação e garantia dos direitos humanos adquiridos.

Ao reavaliar sua conduta e covardia no período ditatorial: “que cagão de homem fui, um burro sonso a remoer por dentro as agruras de aceitar e aceitar sempre calado” (MÃE, 2011, p. 179), Sr. Silva procura exteriorizar sentimentos negativos que lhe amarga e encorajar os outros a não deixarem de lutar por equidade e autonomia, a velhice então torna-se um período produtivo. Desta forma, vivencia este momento

humanamente, ao passo que não se fecha em uma imagem de velho sábio ou caduco, nem forte ou covarde.

Diante disso, a escrita de Sr. Silva é revestida de pensamentos e sensações que a tornam aberta e passível de várias conexões. Transformações e interações no interior da escrita que não deixa que a fechemos sobre um único traço, mas sim que induzamos a profusão de impressões. A noção de escrita complexa, quer-se dizer, escrita com numerosas relações que apresentam diversos aspectos da história, acontece aqui como uma espécie de produção desejante¹⁹, de outro modo ela não poderia ser, como fala o velho: “tinha sido só um modo de lhes contar a minha vida, o que me importaram as coisas e como tinha feito as minhas opções” (MÃE, 2011, p. 89).

Em seguida, analisaremos o caráter de resistência e combate que possui a escrita do velho. Chamamos de resistência a força que reconfigura aspectos mais internos e pessoais, já biopotência a força mais coletiva, levada ao comum. Os dois desígnios serão diferenciados ao nos determos detalhadamente ao texto, contudo se complementam, estes dois aspectos são coadunados e visam esclarecer os rumos de uma mentalidade democrática e necessidade de combate às posições conservadoras e suas práticas fascistas que fazem nos dias de hoje regressos destruidores nos direitos do humano.

2.2 Escrever/resistir: esgotamento e criação

*Está claro que estou suscetível a desaparecer
subitamente, de um instante a outro.
Não seria então melhor falar de minhas
possessões sem demora?*

Samuel Beckett

-

*Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.*

Cecilia Meireles

¹⁹ Produção desejante no sentido de Deleuze e Guattari e *O anti-Édipo* (2010, p. 11), na ordem do “sente algo, produz algo” esta produção por sua vez produz fluxos e cortes com o que se relaciona.

A escrita literária traz um campo de discussão que aponta para a outra face do esgotamento/biopoder como desmedida da dor e, por outro lado, a criação/biopolítica e biopotência como forma de reinventar a vida, mesmo que a julguem ser pouca, como a vivência da aproximação da finitude na velhice.

O conceito de biopolítica que aparece em 1976²⁰ no último capítulo de *História da Sexualidade I – A vontade de saber* (1999), de Michel Foucault, intitulado “Direito de morte e poder sobre a vida” é um amadurecimento de noções centrais sobre as tecnologias do poder já postas em *Vigiar e punir*. Uma de suas teses sobre o poder é de que ele é plural e relacional, produzido através de diversas práticas sociais.

Em “Direito de morte e poder sobre a vida”, Foucault defende uma passagem gradativa entre poder soberano (*causar a morte e deixar viver*) para o biopoder (*causar a vida e deixar morrer*), para explicar essa transformação dos mecanismos de poder soberano para o biopoder: “de incitação, de reforço, de controle, de vigilância, de majoração, e de organização das forças que lhe são submetidas, um poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e ordená-las mais do que a barrá-las, dobrá-las ou destruí-las” (1999, p. 128), quer dizer, trate-se agora de fazer viver, sendo a vida o centro desse novo modo de operação do poder.

Pois bem, se o poder assumiu a função de gerir a vida, Foucault ainda associa esse aspecto à desqualificação da morte, como bem estudou Philippe Ariès em *História da Morte no Ocidente* (2012), precisamente no capítulo chamado “A morte invertida: a mudança das atitudes diante da morte nas sociedades ocidentais”, em que a morte passa a ser silenciada e afastada da vida social. Isso porque “agora é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação; a morte é o limite, o momento que lhe escapa” (FOUCAULT, 1999, p. 130).

Por isso o asilo, lugar em que se está “sempre de luto, como um lar para velhos foi feito para estar” (MÃE, 2011, p. 145), um espaço fora da sociedade, no sentido de não possuir a mesma dinâmica, a morte está sempre se expondo aos seus moradores, o convívio com o sentimento de aniquilamento está constantemente lá. Contudo, todo esse cenário também está inserido na lógica do biopoder em que os velhos são excluídos e o espaço que lhes é reservado está no interior de uma regulamentação que visa manter os disfuncionais através de ações docilizantes, lógica esta disseminada sobre os corpos dos

²⁰ Em seu texto intitulado *Biopolítica* (Vida capital - ensaios de biopolítica, 2003), Peter Pál Pelbart diz que foi em uma Conferência em 1974 sobre o nascimento da medicina social que o termo aparece pela primeira vez em Foucault.

velhos; sobre a disciplinarização e docilização que passa no asilo diz-nos Sr. Silva sobre uma conversa entre o médico e sua filha:

o doutor bernardo, depois, trocava umas palavras com ela. seguramente alegravam-se os dois por o tolo do velho estar mais amestrado, amansado como convinha para não levantar problemas nem criar angústias grandes a quem tem ainda uma vida. (MÃE, 2011, p. 166)

Também em “Direito de morte e poder sobre a vida”, Foucault mostra o entrecruzamento da noção de corpo-máquina e corpo-espécie (ou homem-máquina e homem-espécie), em que “disciplinas anátomo-políticas” do corpo humano se coadunam às séries de investigações e controles reguladores, o que ele chama de “biopolítica” da população: “uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante mas que é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie” (2000, p. 289), ao passo que é da ordem do biopoder o controle de nascimentos, de mortalidades, de níveis de saúde, da duração da vida, da longevidade e de todas as instâncias que abarquem a população; ele possui formas e procedimentos múltiplos, em que o poder e o saber convergem para o controle e transformação dos processos da vida de uma população.

Ou seja, há “outro direito novo, que não vai apagar o primeiro, mas vai penetrá-lo, perpassá-lo, modificá-lo, e que vai ser um direito, ou melhor, um poder exatamente inverso: poder de ‘fazer’ viver e de ‘deixar’ morrer” (2000, p. 287). Dessa maneira, as disciplinas do corpo (a partir do séc. XVII) e as regulações da população (a partir da segunda metade do séc. XVIII) são os dois eixos da tecnologia política da vida, constituem os dois extremos que se unem para formular o poder sobre a vida, o biopoder.

Ele frisa o perigo das medidas maciças que podem ser tomadas a partir de estatísticas de intervenção que visam todo o corpo social ou grupos tomados globalmente, por exemplo, a facilidade para uma ação ligada à eugenia em que pelo bem de uma parcela social se decide aniquilar os tipos ruins. Nesse aspecto, Pelbart (2013) chega a afirmar que estamos sob o domínio da biossociabilidade (totalmente ligadas à politização da vida), composto por grupos de diabéticos, de hipertensivos, de soropositivos, etc. Controlando a organização e disposição global desses indivíduos há a facilidade e o sucesso de qualquer medida eugenista, uma vez que são vistos como seres imperfeitos que enfraquecem a espécie; ou seja, havendo o que ele chama de

distribuição dos seres vivos em domínio de maior utilidade, estes seres estão dispostos espacialmente para a facilidade de tal correção.

Para a boa gestão do que Foucault chama homem-espécie, a separação dos defeituosos para participar do conjunto de produção e em nome do progresso é fundamental. E o progresso, “que merda de palavra, o progresso. e o sucesso e tudo quanto o capitalismo usa para nos pôr a competir uns com os outros” (MÃE, 2011, p. 93). Os velhos, ou os que não se podem corrigir, possuem em um dado momento uma fase decadente e de inatividade que lhes são próprios, nascendo daí a “necessidade” de criação de um espaço em que eles sejam colocados/confinados para que não atrapalhem as pessoas que estão em seu derredor e em outro estágio.

Podemos encontrar no livro *Em defesa da sociedade* (2000), que constitui uma seleção de escritos no Curso no Collège de France (1975-1976), especificamente na *Aula de 17 de março de 1976*, aspectos que corroboram para a formulação, explicação e complementação dos conceitos de biopoder e biopolítica. Nessa aula, Foucault adiciona uma discussão sobre o nascimento do biopoder, que irá aprofundar anos depois nas suas aulas de 1978/79 (*Nascimento da biopolítica*) e traz uma série de exemplos de campos de aplicação dessas noções, dentre eles está o da institucionalização da velhice.

É em meio à estatização do biológico que os asilos para velhos serão criados, no momento em que “o problema da vida começa a problematizar-se no campo do pensamento político, da análise do poder político” (FOUCAULT, 2000, p. 288). A introdução pelo Estado de instituições de assistência, compondo um conjunto biológico e estatal de bio-regulamentação, a exemplo dos sistemas de seguro-velhice. Ainda sobre o lugar social dos velhos e sua inatividade, afirma:

acarretam também consequências análogas de incapacidade, de por indivíduos fora de circuito, de neutralização, etc. Será o problema muito importante, já no início do século XIX (na hora da industrialização), da velhice, do indivíduo que cai, em consequência, para fora do campo de capacidade, de atividade. (FOUCAULT, 2000, p. 291)

A velhice está próxima da morte e a morte “está do lado de fora, em relação ao poder: e o que cai fora de seu domínio, como também sobre o que o poder só terá domínio de modo geral, global, estatístico, como a morte e a mortalidade. E, nessa medida, é normalizado que a morte, agora, passe para o âmbito do privado e do que há de mais privado” (FOUCAULT, 2000, p. 296). Talvez essa aproximação da velhice com a morte a faça na maioria das vezes ser colocada pelos mecanismos do poder em

clausura, principalmente quando há velhos inativos e não “jovens idosos”, ou seja, para os velhos que ainda consomem e fazem parte de algum âmbito social há maior facilidade de serem ainda inseridos, porém os velhos que querem descansar e não consomem tanto, acabam sendo excluídos da dinâmica social, sendo em sua grande maioria abandonados e recolhidos no espaço do asilo.

Pensamentos como: “são velhos, já não dizem nada de jeito, deixa-os estar quietos” (MÃE, 2011, p. 121) são habituais dentro e fora do asilo, provenientes da insensibilidade para com os velhos, como se a juventude, tão valorizada nessa contemporaneidade, resumisse não somente uma fase da vida, mas toda ela. Os esforços para apartar a velhice e a morte para os bastidores da vida são incessantes. O asilo não é, portanto, uma simples casa de repouso, um lar da “feliz idade”, mas sim uma segregação do mundo.

A biopoder surge e se acentua com o crescimento demográfico e industrial, ao passo que ao poder de soberania muitas coisas escapavam do controle, pois foram funcionando de outro modo para poder dar conta da população dos *hominis oeconomicus*. Portanto, ganhou espaço uma forma de poder que regulamentariza a vida e seus modos, ligada ao neoliberalismo, como foi problematizado em *Nascimento da biopolítica*, ao mostrar como as formas de produção do capitalismo contemporâneo se inseriram nessa tecnologia do poder. No *Nascimento da biopolítica*, Foucault comprova ser necessário o estudo sobre o que seja o liberalismo (alemão) para compreendermos como surge o biopoder e, desse modo, compreender como o liberalismo constitui o quadro geral da biopolítica. À vista disso, o conceito de biopoder compõe uma ferramenta de reflexão sobre a política na modernidade e contemporaneidade. Os conceitos biopoder e biopolítica receberam ampliações e dentro desses alargamentos do conceito temos as reformulações de Giorgio Agamben, Peter Pál Pelbart e Antonio Negri, por exemplo.

Com a publicação em 1995 de *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I* (2002), Giorgio Agamben, ao analisar a biopolítica introduz um estudo a partir dos gregos sobre a vida humana e sua separação entre *zoé* (vida pura, nua e simples) e *bíos* (vida qualificada). Assim, mais que a vida natural, a *vida nua* é a vida exposta à morte daqueles que se enquadram na definição de “vida indigna de ser vivida”, que se torna objeto do biopoder (2002, p. 143). Tal retomada dos gregos e reformulação pode nos ajudar na compreensão da vida dos sujeitos contemporâneos, aqueles que vivem entre o direito e a violência no contexto da biopolítica.

Para o filósofo italiano, o conceito romano de vida reuniu em uma única palavra os referenciais semânticos tanto de *bíos* quanto de *zoé*; a vida qualificada, isto é, a vida que merece ser vivida e que deve ser protegida e incentivada; e a mera vida ou *vida nua*, que é desprovida de garantias e exposta à morte, havendo sempre a procura constante em transformar a *vida nua* em forma de vida, procurar o *bíos* da *zoé*.

O estado de exceção, outro conceito agambeniano, é o momento em que a *bíos* (vida politicamente qualificada), se converte em *zoé*, em *vida nua*, em que “são os corpos absolutamente matáveis dos súditos que formam o novo corpo político do Ocidente.” (AGAMBEN, 2002, p. 131). Em *homo sacer*; o filósofo italiano ainda aponta para o fato de cada vez mais o estado de exceção se torna a regra, seja pelas várias vezes em que ele é/foi declarado, ou pela sua forma e duração enquanto acontecimento.

Agamben nos faz pensar sobre a “função estratégica” que revestem os conceitos de vida ao longo do tempo no Ocidente, seus estudos sobre biopolítica mostram ainda que entre a democracia e o totalitarismo há poucas diferenças, pois não se alcançou em nenhum dos regimes políticos o que acreditavam os gregos, uma espécie de felicidade social coletiva. A descoberta de que uma mesma estrutura biopolítica perpassa tanto o fenômeno totalitário quanto as democracias liberais mostra que é preciso atentar para os modos de captação da *vida nua*.

Além das formulações elencadas acima presentes em seu *Homo sacer I* (*vida nua*, *zoé*, *bíos*, *estado de exceção*, etc.), Agamben pensa o *campo de concentração*: este é o lugar em que se decide qual vida merece ser ou não vivida, um lugar em que se colocam as pessoas e elas passam a ser tratadas como meros “sobre-viventes”, expostos à morte, localizados no espaço entre vida e morte. Como exemplo máximo, Agamben utiliza a figura do muçulmano²¹ na Segunda Grande Guerra.

A figura do sobrevivente reduzido à vida biológica, seres abjetos que não estão dentro nem fora da lei e acabam por se localizarem no limite da *vida nua*, é dimensionada também pela figura do estrangeiro, que não possui os mesmos direitos dos cidadãos nascidos (nacionalidade) no território: é quando vemos a separação entre

²¹ Em *o que resta de Auschwitz* (2008), Giorgio Agamben analisa a etimologia da palavra *muçulmano* (Mulsemann), se em um primeiro momento ela deriva de *muslim*, que significa quem se submete à vontade de Deus, na Segunda Guerra Mundial passa a designar os homens que possuíram a vida sequestrada pelo biopoder, aqueles que podiam ser mortos sem que esta morte fosse condenada. O muçulmano foi aquele que chegou ao fim, possuiu a vida reduzida às funções biológicas, destituído de quaisquer direitos “perdido qualquer vontade e qualquer consciência [...] homem-concha, isto é, dobrado e fechado em si mesmo” (AGAMBEN, 2008, p. 53), meros sobreviventes.

direito dos homens e direito dos cidadãos, estando o primeiro para os direitos humanos ligados à *vida nua* e o último a uma inscrição da vida natural na ordem jurídico-política do Estado-nação e, por isso, entre *zoé* e *bíos*. Isto posto, podemos localizar a figura do velho nesse mesmo âmbito.

A entrada no asilo carrega em si uma rejeição dos velhos, pois ao entrar naquele pequeno espaço de circulação, vivenciam um corte na ligação com a vida e uma aproximação com a morte, a morte social e a existencial. Mas “mesmo que apenas corpos à espera de nada” (MÃE, p. 121, 2011), os velhos do *Lar da Feliz Idade* driblam, produzem linhas de fuga²² nessa condição e conseguem reinventar a vida diminuta que lhes foi reservada.

Ser sobrevivente no *campo* é ser o-de-fora do espaço jurídico e ao mesmo tempo cooptado por ele, ou seja, numa posição jurídica contraditória na qual a lei extingue a lei ou se abole, por meio da lei, proteções e direitos individuais e/ou coletivos, colocando os cidadãos à ameaça da morte violenta e legalmente fundada. O “rio da biopolítica, que arrasta consigo a vida do *homo sacer*, corre de modo subterrâneo, mas contínuo” (AGAMBEN, 2002, p. 127).

Saibamos então que “o campo, como puro, absoluto e insuperado espaço biopolítico (e enquanto tal fundado unicamente sobre o estado de exceção), surgiu como paradigma oculto do espaço político da modernidade, do qual deveremos aprender a reconhecer as metamorfoses e os travestimentos” (AGAMBEN, 2002, p. 129). O *campo* é o lugar em que o controle total sobre a vida acontece, sendo preciso a luta constante contra a transformação em simples *vida nua*. Daí ser necessário realizarmos um caminho inverso, libertar a *zoé* e modificá-la em “forma-de-vida”, em *bíos*.

O campo é o asilo em nossa análise, que com sua arquitetura já deixa vislumbrar sua função. Sobre a ala esquerda em que residem os utentes mais velhos e frágeis, diz Esteves ao ser transferido para tal espaço: “isto aqui é só a gente saltar bem saltado e ficamos logo a dormir onde eles querem” (MÃE, 2011, p. 124), o vazio e a angústia se refletindo na própria disposição do lar e distribuição de seus moradores.

É no percurso oposto aos movimentos realizados pelos dispositivos do poder que buscam controlar os comportamentos e as opiniões dos sujeitos, que temos as

²² Linhas de fuga para Deleuze estão conectadas à distribuição dos possíveis (papeis, funções, desejos, atividades, gostos, etc.). A desordem é um corte no caos, desse modo, passa a ser enfrentamento, os vetores de desorganização são linhas de fuga. Sobre linhas de fuga, temos: “fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. [...] É igualmente fazer fugir, não obrigatoriamente os outros, mas fazer fugir algo, fazer fugir um sistema como se arrebeta um tubo... Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia” (DELEUZE, 1998 *apud* ZOURABICHVILI, 2004, p. 47).

possibilidades de resistência no biopoder. Em Agamben, e nos teóricos citados, encontra-se uma esperança em meio às tecnologias do biopoder, em que a vida humana possui possibilidades de vida, o que eles chamam de vida como potência, nietzscheanamente falando. A compreensão do que seja “forma-de-vida” está atrelada à noção de vida política, *bíos* orientada para a felicidade, porém tal vida só pode existir em comunidade e sendo impossível de captura. Sobre essa vontade de possível da vida, lê-se em Foucault (1999, p. 136):

o que é reivindicado e serve de objetivo é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. Pouco importa que se trate ou não de utopia; temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la. Foi a vida, muito mais do que o direito, que se tornou o objeto das lutas políticas, ainda que estas últimas se formulem através de afirmações de direito. O ‘direito’ à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades, o ‘direito’, acima de todas as opressões ou “alienações”.

É um contrabalanço aos modos de captura do biopoder quando a vida passa a ser centro das lutas sociais e políticas e, como introduzindo e/ou antevendo uma noção de biopotência, Foucault diz: “não é que a vida tenha sido exaustivamente integrada em técnicas que a dominem e gerem; ela lhes escapa continuamente” (1999, p. 134). A biopotência encontra brechas para profanar o poder em nome de uma recusa ao que lhe é submetido, defendendo uma biopotência do coletivo e sua produção imaterial, como diz ainda Pelbart: todos possuem uma “força-invenção, cada cérebro-corpo é fonte de valor”. É desse modo, com sua força de afetar e ser afetado, que o ser humano acaba por colocar em seu próprio horizonte a possibilidade de uma democracia no biopoder.

Mesmo dentro de tal contexto de confinamento, Sr. Anísio, o que incentivou nosso Sr. Silva a escrever, “tinha um discurso infinito e umas ganas obstinadas de dizer alguma coisa aos vivos” (MÃE, 2011, p. 209). A biopotência se dá na obra por vias da amizade e da escrita. Anísio com um livro de história e Sr. Silva através das suas memórias e cartas/poemas de amor. Os amigos ajudaram-no “a transformar em literatura o que parecia nem ter verbalização possível” (MÃE, 2011, p. 148).

Em contracorrente, tem-se o corpo e, por conseguinte, a vida, como uma potência em ação, como um ânimo para existir, e é nessa potência do corpo de ser afetado pelo que o cerca que reside “a tentativa de reversão a partir desse ‘mínimo’ que lhes resta, o corpo nu, e apontam [os esgotados] numa outra direção” (PELBART, 2002, p. 40). O afetamento do corpo e do ser está ligado ao aumento da capacidade de pensar,

sentir e existir. Fala-se de uma potência afetiva e da “biopolítica não mais como poder *sobre* a vida, mas como a potência *da* vida”, como defende Pelbart (2002).

A contramedida ao biopoder é a resistência, pois a vida reafirma suas forças e capacidade de criação em meio ao esgotamento. É esse meio de invenção e de subjetivação que desenhamos um contrapoder, ele pode se localizar nas mínimas ações. Neste caso, são a escrita e as relações afetivas com o outro o lugar de luta de Sr. Silva. Foi no asilo e no vazio da folha que buscou superar e escrever a dor e lutar contra o esquecimento da ditadura salazarista e abrir-se para novas relações que lhe foram sopros de vida em meio ao desespero, por isso afirma:

o salazar foi como uma visita que recebemos em casa de bom grado, que começou por nos ajudar, mas que depois não quis mais ir-se embora e que nos fez sentir visita sua, até que nos tirou das mãos tudo quanto pôde e nos apreciou amaciados pela exaustão. a maioria silenciosa terá de emergir um dia, dissera-me por outras palavras o estudante comunista. tudo era para que não praticássemos cidadania nenhuma e nos portássemos apenas como engrenagem de uma máquina a passar por cima dos nossos ombros, complexa e grande de mais para lhe percebermos o início, o fim e o fito de cultivar a soberba de um só homem. tudo contribuía para essa cidadania de abstenção, para que apenas a recebêssemos por título honorífico enquanto prosseguíssemos sem manifestação. [...] nós éramos gente exclusivamente por generosidade do ditador. portei-me como tal. um mendigo de reconhecimento e paz. fui, como tantos, um porco. (MÃE, 2011, p. 175)

Como colocamos previamente, pensaremos o asilo como espaço configurado dentro das tecnologias do poder e, ainda, como espaço inserido na lógica da segurança em revés de domínio sobre a vida, para gerir a vida. Falando assim, parece ser uma conspiração do “inimigo”, mas não podemos separar o que é amigo do que é inimigo. Em meio às relações de poder, só podemos nos relacionar com o poder numa associação da inclusão e exclusão, sempre essa ambivalência e seus matizes.

Todavia, é refletindo sobre o asilo dentro da conjuntura da cidade moderna (e contemporânea) que ele se torna um lugar de segregação e isolamento no interior da sociedade, pois no asilo não há possibilidade de encontros diversos e de uma maior interação com o social. Parte-se, assim, deste isolamento do velho, estado em que ironicamente tem-se mais necessidade dos outros, como sendo uma fraqueza da sociedade atual: a incapacidade de dar aos velhos a ajuda e a afeição de que mais precisam. É por isso que na narrativa nos debruçamos sobre o fato do Sr. Silva ser empurrado para trás das cenas da vida habitual, ainda vivo sentiu não ter mais significado para seus filhos.

É na valorização e preocupação pelo outro que se instala sua escrita repleta de relações alteritárias. Por isso, a obra analisada elabora uma visão poética do ser velho nos dias atuais, em que há uma rejeição da inatividade, da decadência e da morte. Tal confinamento dos velhos constrói uma preocupação em relação à qualidade de vida. O fato de entrar no asilo acaba constituindo uma situação-limite, principalmente para aqueles que dedicaram a vida aos que lhe abandonaram, gostavam de se relacionar e de ir e vir em liberdade. Na imagem abaixo da velhice criada por Sr. Silva notamos a profundidade e o cuidado com que o corpo do velho é tratado:

a velhice, pensei, é o cérebro que alui corpo abaixo, até ficar a atrapalhar o funcionamento dos outros órgãos. imaginem que o cérebro cai corpo dentro e depois se fixa, mal fixo, ali em cima do coração, escorregando lentamente, até cair para cima dos pulmões, mal fixo, e lentamente cair para onde está o intestino. e pelo caminho, que porcaria de caminho aquele, que ideias, haveria de fazer com que o coração hesitasse na batida e se esquecesse de amar, como faria com que os pulmões aceitassem parar de voar seduzidos pela matéria e o fulgor da terra, e depois o que restaria dos intestinos, pesados com o cérebro em cima, um cérebro aflito, fora de casa, aflito. eu pensei que a velhice era um cérebro a aluir e senti que me aluíam as ideias, desapareciam, e a clareza das coisas escurecia e eu não fazia mais lógica nenhuma no que sempre regulara o termóstato da minha febre. (MÃE, 2011, p. 173)

Além de possuírem um corpo ao revés de si mesmos, os velhos têm de lidar com questões além das físicas/biológicas. Terem a casa, a família e os amigos distanciados e ingressar no asilo aproxima psicologicamente o velho à morte. E, por mais que as condições do lar em que se encontram sejam boas, organizadas e limpas, a angústia por não fazer parte de um âmbito social maior é pesada, ainda que um velho goste da ideia de segurança, de um local de cuidados e preparado para atender suas necessidades, como gosta o personagem Silva da Europa, por exemplo, estes sentem também o quanto é diminuto o local que a sociedade lhes reserva.

Após essas colocações passemos ao outro momento da nossa análise, que é o da superação de Sr. Silva a todos estes sentimentos, superação esta que só foi possível após a um estágio que chamamos de esgotamento, aquele em que ocorre “um trabalho de construção, uma nova relação com a vida” (PELBART, 2013, p. 37), para que ele superasse os traumas, as rupturas e se reconectasse à vida.

Se o asilo é um espaço coletivo e dentro dele os espaços de socialização são restritos, a intimidade e privacidade parecem não existir, se não for através de táticas e esconderijos que possibilitem sorrateiramente o mínimo de convívio com os desejos

básicos de isolamento para uma vida íntima e particular de um indivíduo. Se por um lado pensamos o asilo como um âmbito de maior acessibilidade para os limites físicos dos velhos, por outro existem as práticas e técnicas de controle que produzem simulacros do mundo lá de fora dentro do lar, ao passo que o asilo torna-se uma cópia do mundo.

No *Lar da Feliz Idade* encontra-se uma representação no que diz respeito à disposição das cores e sua decoração, uma vez que o vazio e a tristeza se acentuam em meio à higiene do branco das paredes. Um branco que é bem ressaltado pelo autor para nos fazer sentir, na ausência de cor, o vazio e a dor estrutural presentes em Sr. Silva e a aproximação da morte. Sobre o branco nas intermediações do asilo, lemos:

no lar, por todo o lar, as paredes são brancas e entre o vazio mais intenso do céu e a candura das paredes não há diferença. sentimo-nos cegos. qualquer mancha ou imperfeição na planura do estuque já é uma exceção que aprendemos a observar e nos ajuda a quebrar o mesmismo abundante em nosso redor. um dia, havemos de esboroar-nos na luz. esta brancura é um estágio para a desintegração final. (MÃE, 2011, p. 25)

Tais detalhes compõem o desejo de gerir o ambiente para que sejam bem cuidados, para que vivam mais, especialmente se pagarem bem. Ou seja, a arquitetura planejada para uma melhor organização dos utentes não é nada ingênua, pois visa gerir as ações dos velhos.

Esse modo de vida leva à comparação dos velhos à figura do *muçulmano* raciocinado por Agamben, que conduz a vida humana para uma sobrevivida, uma *vida nua*. O asilo é o *campo de concentração*, as maneiras de se viver na sociedade contemporânea acabam por reproduzir a realidade posta por Agamben ao discutir, elevando ao alto grau de consequência, o que foram os campos de concentração nazistas e os mortos-vivos neles habitados. Neste caso, o *muçulmano*, aquele que se submete ao comando de um deus (Alá), é em situação geral todos aqueles que estão sendo submetidos ao biopoder, ou seja, todos nós.

Evidentemente há diferenças entre os velhos e os *muçulmanos* dos campos nazistas que compõem um exemplo extremo agambeniano. Porém, dispor da figura desse *muçulmano* como chave de leitura para se pensar as identidades do nosso tempo faz-se uma aplicação frutífera. Os velhos em questão são sensíveis à realidade e ainda pretendem viver à revelia da aproximação que têm com a morte, eles possuem esperança e procuram refletir sobre a condição humana. Portanto, para além de um feixe

de funções biológicas, como são os *muçulmanos* dos campos nazistas, no confinamento e na exposição máxima, os velhos produzem linhas de fuga.

O lar é como se fosse um território de cidadãos deportados, e se os velhos lutam pela dignidade dos portugueses em meio à falta de dignidade a que estão expostos (e que a própria natureza fisiológica teima em garantir com as bexigas incontrolláveis, por exemplo) eles são muito mais do que objetos ali colocados, são corpos afetados pela preocupação de que o passado ditatorial não se repita.

Ao ganhar esse lugar geográfico na cidade, os velhos possuem o ônus de perder o lugar social junto à vida dos seus familiares e amigos. A invalidez e a decadência configuram uma forma negativa através da qual o envelhecimento é representado, tendo a ver com esse medo de não pertencermos à lógica social que traz o rompimento dos laços fraternos, em que a ligação ao mundo exterior passa a ser mediada pelo asilo.

O isolamento da velhice leva ao esquecimento e ao silenciamento deste grupo, como numa espécie de entrelugar (entre o céu e a terra, a vida e a morte, o passado e presente e o dentro e o fora), os velhos estão exilados geográfica e simbolicamente. Esses contrastes são exemplificados pela disposição da arquitetura do local, em que à direita fica a ala dos velhos mais ativos, cujas janelas possuem a visão para um jardim; já a ala esquerda é habitada pelos utentes que já não andam mais e respiram/comem através da ajuda de aparelhos, cuja ala possui a vista para um cemitério.

Os velhos vivem numa zona intermediária, com uma vida que não é vida, pois está reduzida a suas mínimas condições (dormir, acordar, comer, dejetar), é uma vida diminuta, uma sobrevida. O lar na obra é estruturado por barreiras visíveis e invisíveis nas relações dentro do lar, a repressão de determinados atos, de determinadas falas, vários modos de coações para realização de comportamentos pré-determinados, uma forma de violência e dominação que muitas vezes aparenta ser sutil.

É com uma escrita proveniente da convivência “entre a derrota social e o comezinho do nosso lar” (MÃE, 2011, p. 157), que o velho elabora uma crítica ao retorno de certo conservadorismo e lugar ocupado por Portugal dentro da União Europeia. Somam-se aos questionamentos sobre a história e política as vivências individuais de cada velho que compõe o grupo de amigos do Sr. Silva. A amizade na obra surge como o acontecimento chave que desencadeou as melhoras no protagonista, ela mostra que é mais fácil para suplantar a dificuldade e a dor se nos unirmos uns aos outros, pois apenas assim superaríamos os estágios complicados que atravessa a existência.

Na obra nos deparamos com a ideia de que quando se pensa que é o fim, as pessoas nos acontecem, surgem em nosso caminho e nos fazem vivenciar coisas que julgávamos já não serem mais possíveis. Pois despir-se dos lugares anteriormente utilizados para ocupar tão pouco espaço (um quarto, um corredor, um banco no jardim do asilo) requer um passo dificultoso para o velho, o abandono do peso da bagagem que trouxe do viver lá fora. Foi justamente assim para Sr. Silva, que via no sangue a simbologia do seu amor, ou seja, acreditava que o amor e a luta por ele só eram possíveis em prol das pessoas que possuíssem um laço sanguíneo. Porém, no asilo ele construiu uma família afetiva e aprendeu que é provável termos amor em relação a qualquer um.

Para que essa abertura aos outros ocorresse, Sr. Silva mostrou-se pático, ou seja, possuir “um poder de ser afetado, de mudar de estado, de transir” (PELBART, 2013, p. 37), estando aberto para sentir e se modificar, sendo capaz de alterar sua condição de sofrimento. O velho, após o abalo existencial que experienciou ao confinamento, acabou por ingressar na experiência da matriz esgotamento/criação, cujo par é analisado por Peter Pál Pelbart em *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento* (2013).

Nosso narrador fala: “disse que não. que não estaria disposto a receber a minha família porque precisava de tempo para esquecer a perda da Laura e a necessidade de deixar a minha casa, não queria sentir que tudo prosseguia sem mim” (MÃE, 2011, p. 35). Nesse discurso, percebemos como uma realocação da vida ocorre, a ligação com o social foi de alguma maneira rompida e, desse modo, a entrada de Sr. Silva ao asilo lhe causa muita tristeza e ressentimento, embora no decorrer da narrativa haja a transformação de tais sentimentos.

É no momento dessa crise que ele se dá conta da existência de uma força distinta em seu ser. Explicando esse momento, assegura Pelbart (2013, p. 37): “a crise é uma espécie de decisão, não o resultado de uma série, mas antes o começo, uma origem, que cria um espaço e um tempo próprios”, conseqüentemente, o velho percebe que mesmo na adversidade as transformações surgem, embora isso possa parecer impossível, mas é justamente aí que reside a oportunidade.

Ao se depararem com o nada, ele e os outros velhos que se encontram na posição de “mendigos sobretudo de quem haviam sido” (MÃE, 2011, p. 47). Uma mudança peculiar acontece na vida destes velhos, como, por exemplo, a partir da angústia do Sr. Silva ao se tornar um estranho para a família, novos modos surgem, certa frieza e distância se instala na relação do velho com sua filha e netos, uma

angústia proveniente da ilusão que todos nós carregamos, pois “quem vive lá fora e tem saúde não fica à espera que uma coisa destas lhe aconteça” (MÃE, 2011, p. 48), não esperam serem levados para um asilo.

Sente que “pouco importava tudo isso porque tão na extremidade da vida eram todos a mesma coisa, um conjunto de abandonados a descontar pó ao invés de areia na ampulheta do pouco tempo” (MÃE, 2011, p. 28) e que são homogeneizados enquanto velhos que se despem do que foram no passado. Conta-nos Sr. Silva como se deu o primeiro encontro:

assim que entraram no meu exíguo quarto, as portadas abertas para mostrarem que vivemos em profunda claridade, fizeram fila no correr do roupeiro e permaneceram esticados como para revista de tropas. verifiquei que estavam de gala, todos adomingados para me verem e eu imaginava bem a elisa a dar ordem precisas sobre isso. quero-vos arrançados porque vamos ver o avô. e eu senti-me um idiota por ter julgado algum dia que as suas visitas iam ser constantes, coisa do quotidiano, para que eu acreditasse ainda na união da família. que idiota fui, de facto, assumindo ali diante deles que se punham embonecados no disparate de acharem que assim devia ser para irem ver quem outrora viam todos os dias. era como transformarem-me num passeio aborrecido, igual a meterem-se no obsoleto jardim zoológico e obedientemente não alimentarem os animais, porque lhes estragariam a dieta e os ajudariam a adoecer. (MÃE, 2011, p. 46)

Se compreendermos o asilo como uma fatia do real enclausurada, em que resíduos do passado e da vida que levavam fora do lar vão surgindo, esta narrativa evoca a ideia de que o asilo, na obra, é um lugar em que se excluiu alguém do convívio em sociedade, um lugar ocupado por pessoas que já não têm mais espaço na dinâmica social, como se estivessem rejeitados pela lógica em que vivemos: a de permanente produtividade. Todavia, ao mesmo tempo, o asilo é um microcosmo que, por mais que retire os velhos do convívio geral, se torna uma extensão do social, ainda que num espaço limitado.

Sr. Silva descreve o local onde passa a dormir no asilo: “o quarto pequeno é todo ele uma cela, a janela não abre e, se o vidro se partir, as grades de ferro antigas seguram as pessoas do lado de dentro do edifício” (MÃE, 2011, p. 23). O retrato que ele mostra nos faz focar em como o ambiente é disposto de tal maneira para ser de fácil controle e docilização dos corpos, embora nessa faixa etária seja comumente tida como enfraquecimento dos corpos e mentes, pode-se dizer que Sr. Silva e seu grupo de amigos acabam formando uma fenda no pensamento esperado. Ainda sobre a ordenação espacial do asilo, lemos:

o lar não suporta mais do que noventa e três pessoas, e, para que uma entre, outra tem de sair. a saída é dolorosa mas rápida. rodam-se alguns velhos pelos quartos fora. eventualmente um que esteja acamado vai para a ala esquerda, já muito vizinho dos mortos, e outro entrará de novo no quarto vago com vista para o jardim. [...] é frequente que, nas primeiras semanas, alguém rejeite o novo residente, como se a urgência de este entrar operasse no cosmos um pressa em tirar a vida ao outro, e é como se isso fosse culpável. (MÃE, 2011, p. 27)

A prática da medicina dentro do lar surge na trama através de um incêndio em que três utentes acabam morrendo, acontecimento que passa a ser o mistério que perpassa o livro, uma subtrama que nos deixa sem respostas. Sr. Pereira, amigo de Sr. Silva, acredita que tal incêndio foi causado pelos próprios trabalhadores do lar, uma vez que foram os velhos em estado vegetativo e que não pagavam mais a estadia que morreram. Tal aspecto acentua o lugar social da velhice, os velhos são *homo sacer*. Sobre a causa do incêndio Sr. Pereira diz:

eles têm de despachar estes velhos para meterem aqui outros com maior pagamente. muitos destes velhos perdem as fortunas e ficam abandonados, não vai ser por caridade que alguém lhes enfia os tubos para respirarem e lhes muda os lençóis [...] não seja tolo, senhor silva, não seja tolo, que eles aqui ficam todos à espera que não pensemos, mas se deixarmos de pensar estamos enterrados. (MÃE, 2011, p. 55)

Sr. Silva encontra no outro a esperança para ainda continuar vivendo, ele afirma sobre a relação que criou com um enfermeiro do lar, Américo Setembro: “e era como eu achava que as minhas forças se esgotavam. segurava na mão dele e era ínfimo o gesto mas tremenda a energia” (MÃE, 2011, p. 36). São essas relações afetivas que lhe aconteceram nesse momento final que abre um campo de possíveis em meio ao *campo de concentração*.

O momento de reversibilidade primeiro é marcado pela quebra da mudez de Sr. Silva, que durou seis dias, pois nosso velho retornou à vida quando parou com o regime de silêncio: “primeiro é a língua que desaparece [...] afinal, a linguagem é o domínio do possível” (PELBART, 2013, p. 40). Desse modo, a comunicação que se dava com os outros velhos e com a escrita, constituem seu desejo de ainda viver. Porém, isto não aconteceria sem que seu amigo Anísio Franco lhe afetasse com sua vontade: era “uma vontade de [...] deixar nos livros aquilo que se descobre, porque um livro, com o que contém, pode ser uma fortuna eterna” (MÃE, 2011, p. 91).

A escrita e relação de alteridade são os dois eixos de criação e esforço de reconstrução da vontade de potência de Sr. Silva. Por isso, quanto esgotado teve que “produzir o vazio ou fazer buracos, afrouxar o torniquete das palavras, secar a

ressudação das vozes, para se desprender da memória e da razão” (PELBART, 2013, p. 40), passar pela gestação de um possível em meio da impossibilidade. Tal momento de lucidez e esperança nos homens é evidente no capítulo vinte e um, intitulado *precisava deste resto de solidão para aprender este resto de companhia*.

Se para existir a criação de um possível, algum acontecimento deve desencadear tal criação, neste caso, foram a amizade e a escrita, cuja vivência no lar permitiram a reflexão sobre suas experiências, no tom de urgência e na vontade de contar que subjaz em sua escrita o dever de deixar para a posteridade alguns saberes advindos do que viveu e descobriu. Pois, “há uma tarefa que se impõe sempre, apesar da destruição em curso: a da criação” (PELBART, 2013, p. 38). Sr. Silva cria uma espécie de responsabilidade social que desagua na sua vontade de viver a despeito de todo sofrimento que passou pelas incidências cruéis do biopoder e/ou pelos acontecimentos catastróficos existenciais.

Se “é esgotando o possível que o criamos” (PELBART, 2013, p. 46), é buscando novos começos quando achamos que se findaram as alternativas que damos origem às linhas de fuga, táticas, brechas que trincam a superfície do sofrimento e nos faz ver o outro lado, outra possibilidade que já estava ali. *a máquina de fazer espanhóis* nos ensina, tal qual afirma François Tosquelles citado por Pelbart, indicia que a angústia do ser não é o fim, contudo o avesso, um novo início. O livro termina, quando Sr. Silva diz:

só acredito nos homens. finalmente, só acredito nos homens, e espero que um dia se arrependam. bastava-me isso, que um dia genuinamente se arrependessem e mudassem de conduta para que fosse possível acreditarem uns nos outros também. mais do que isso, sinto apenas angústia. a enfermeira entrou, aproximou-se de nós, perguntou, o que sente, sr, silva. e eu repeti, angústia, sinto angústia. (MÃE, 2011, p. 250)

Enfim, foi através da discussão formulada sobre biopoder e biopotência pelos teóricos supracitados e da recorrência do binário esgotamento/criação que percebemos como a narrativa ficcional selecionada acaba coincidindo e reformulando tais perspectivas sem perder de vista os efeitos sobre o corpo e a mente dos velhos, atentando para o fato da sociedade e seu fluxo não acompanharem pacientemente o processo de envelhecimento, reservando um cruel descarte social desses velhos e, como o asilo passa a ser uma instituição para o gerenciamento estratégico da velhice, não tão preparado para lidar com a fragilidade do ser velho, atentando para as múltiplas formas de convivência que existem, com menos desumanização.

CAPÍTULO 3 - “O FASCISMO AINDA ESTÁ CÁ DENTRO”, OU A ESCRITA COMO COMBATE

As mudanças proporcionadas pela Revolução dos Cravos de 74 e pela transição do século XX para o XXI trouxe um embate à literatura portuguesa, passar de uma limitação das expressões nas práticas artísticas devido à censura para uma abertura à liberdade de se escrever e produzir o que quiser. Alguns teóricos, como Eduardo Lourenço e Carlos Reis defendem que foram devagar e calmamente que ocorreram as maiores transformações nos textos literários portugueses contemporâneos.

Com o término da ditadura, os autores não sabiam muito bem o que os esperava, levou-se um tempo para que motivos tão caros à literatura portuguesa atual fossem engendrados. A pós-colonialidade, o pós-ditadura e o sujeito fragmentado foram adentrando as obras literárias e junto aos temas existenciais uma revisão histórica do literário foi tomando forma. Compreender um pouco sobre a revolução de 74 contribui para o entendimento do quão importante foi o fim do regime ditatorial e a entrada para uma democracia mesmo que meio embaçada e/ou não absoluta.

Este capítulo desagua nessas considerações e realça discussões sobre a nossa relação com a democracia e o biopoder enquanto indivíduos inseridos numa contemporaneidade marcada pelo consumo. Questionamentos sobre o estado sócio-político em que Portugal mostram a semelhança com o Brasil e os demais países do globo. As duas seções intituladas *Biopoder e biopotência: as relações do lar como marcas do mundo contemporâneo* e *O propósito democrático do livro, ou a máquina de retirar o fascismo dos homens*, mostram como a escrita de Valter Hugo Mãe denuncia e busca combater os múltiplos fascismos que o homem contemporâneo cultiva e com isso o risco ao niilismo e involução da democracia.

“Não esqueçamos o agora”, nos diz a narrativa, pois nossos dias são marcados por práticas autoritárias que estão em nós, na nossa casa, em quase todos os lugares, fortalecendo o apagamento das diferenças e cultivando o preconceito, o ódio ao outro e o medo. É preciso encarar o combate, avisa-nos Sr. Silva.

3.1 Biopoder e biopotência: as relações do lar como marcas do mundo contemporâneo

*Lutar
Quando é fácil ceder
Romper
A incabível prisão
Voar
Num limite improvável*

Chico Buarque

*Quem tem consciência para ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa a contra-mola que resiste*

João Apolinário

Novas formas e temas adentram a produção artística de Portugal após a Revolução 1974, essa ruptura colocou em reciprocidade o impulso para a democracia e a criação de novos estilos literários. Após essa mudança houve também o sentimento finissecular que causou perturbação nos autores portugueses. Esses dois momentos históricos foram decisivos para encontrarmos a literatura portuguesa como está hoje. Como afirma Carlos Reis em seu ensaio panorâmico sobre os autores portugueses:

a abertura política trouxe consigo consequências diversas, quase sempre constituindo um potencial de tematização literária que a ficção muitas vezes acolheu: a liberdade de expressão e a descolonização permitiram rever ficcionalmente os dramas individuais e coletivos da guerra colonial; paralelamente foi tomando corpo uma cada vez mais evidente consciência pós-colonial. (REIS, 2004, p. 16)

valter hugo mãe faz parte do grupo de escritores que se apropriam desta atual abertura política para refletir sobre assuntos voltados ao social, mas por via de um outro tipo de emergência histórica, a de fazer notar que não há um ambiente efetivamente democrático. Se em meados da década de 70 do século passado, próximo ao fim da ditadura portuguesa, acreditava-se que com a chegada da democracia a maioria dos problemas sociais seriam solucionados e que com a entrada na até então Comunidade Europeia ficaria fácil para o país realizar avanços notáveis e favoráveis, atualmente,

essa antiga esperança não passou de uma onda de benefícios que logo decaíram e resultaram em fortes crises.

Com Portugal redemocratizado e entrando na União Europeia em 1986, pensou-se que a modernização e industrialização finalmente colocariam o país em nível econômico próximo aos dos demais países do grupo europeu. É fato que algumas melhorias ocorreram e que houve um auge financeiro, mas em 2001 a primeira baixa no orçamento anual aconteceu e também em 2012 a crise econômica voltou em elevada proporção. Dívidas e corrupções destes últimos anos corroboraram no atual índice de desemprego, pobreza e emigração dos jovens.

Esta situação crítica leva um número de pessoas acharem que a volta do regime militar é que traria uma ordenação financeira ao país. Querer que algum presidente restaure uma suposta arrumação é o mesmo que acreditar numa mudança de aspecto messiânico/milagroso, isto tem a ver com a ilusão de que não precisamos fazer muito e que as coisas se ajeitam por força de uma pessoa e um grupo mínimo, passo para um regime totalitário.

Em *a máquina de fazer espanhóis* (2011) encontramos uma crítica ao regime militar, mas, sobretudo ao perigo da covardia e abstenção em trabalhar por causas sociais coletivas e melhoria das condições atuais. Durante o salazarismo, Sr. Silva se escondia e se acovardava, no tempo presente ele condena suas práticas antigas como a propor a todos os outros que ajam e não permitam que seus direitos lhes sejam retirados. Em seus escritos vemos outra noção de política, ela como forma de experiência comum, ou como diz Jacques Rancière, uma “re-partição política da experiência comum” (RANCIÈRE, 2009, p. 24), isto sim seria democracia, fala-se ainda de democracia por falta de outra palavra que designe uma alternativa à dominação oligárquica do poder.

Esta “re-partição” equivale à distribuição de atividades para o benefício comum, sendo esta uma das chaves efetivas para se chegar ao bem-estar social, segundo Rancière. O filósofo diz mais, pôr em prática a capacidade de qualquer um, a ideia de igualdade não pode ser um fim a atingir, mas um processo que não cessa e se constrói concretamente em todos os domínios da vida.

A batalha não pode se limitar à igualdade no âmbito do consumo, pois, diz-nos Sr. Silva, o trabalho e desgaste físico de alguns para sustentar a lógica mundial em nome do progresso econômico é nociva à maioria das pessoas. Se nas manchetes dos jornais antigos vinha estampado: “25 de abril. O futuro começou” (AUGUSTO, 2011,

p. 87), não previam que hoje, o futuro daquela época, a democracia não se efetuou tão bem assim.

A tese de doutoramento de Jorge Pais de Sousa (2011) intitulada *O Fascismo Catedrático de Salazar: Das Origens na I Guerra Mundial à Intervenção Militar na Guerra Civil de Espanha (1914-1939)*, traz o conceito “fascismo de cátedra”, de Miguel de Unamuno para atribuir ao percurso de Salazar ao poder. Associar a carreira académica do ditador ao pensamento político que estruturou seu governo é essencial para Souza, pois Salazar foi professor de economia e finanças na Universidade de Coimbra, desde a Primeira Guerra Mundial e Guerra Civil Espanhola veio traçando projetos que culminaram em sua forma de administrar o país.

Tal associação entre o Salazar professor e o Salazar ditador, trouxe características distintas ao fascismo português, um ditador mais introspectivo que valorizava a quietude e pacificação dos portugueses em detrimento do espetáculo, como o fascismo na Itália e hitlerismo, por exemplo. Por isso, o temor de Salazar pelas manifestações populares, como o futebol e as rodas de fado, sendo necessária a apreensão sutil destas expressões pelo regime. Eis a cena elucidativa da época:

ai as glórias de salazar, eram tão grandes as pontes e longas as estradas, eram tão bonitas as criancinhas a fazerem desporto e a cantarem letrinhas patrióticas. pareciam um grande cenário de legos, pobrezinhos mas tão lavadinhos por dentro e por fora, a obedecer. (MÃE, 2011, p. 134)

Em nome de uma ordem e limpeza restrições aconteceram, contudo para o engano e apaziguamento dos portugueses, obras urbanas foram feitas e um avanço superficial possibilitou a instauração do regime cada vez mais opressivo. Fernando Rosas em *O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo* (2001) elenca sete mitos fortalecidos pelo Estado Novo para iludir os portugueses, são eles: [1] *o mito palingenético*, em nome de uma Renascença portuguesa, que visava a regeneração da nação em detrimento da “decadência” nacional; [2] *o mito central da essência ontológica do regime*, que era o novo nacionalismo; [3] *o mito imperial*, e tentativa de fortalecimento das colônias na África; [4] *o mito da ruralidade* em que a crítica à industrialização e desconfiança técnica valorizava a vocação rural da nação; [5] *o mito da pobreza honrada, o aurea mediocritas*, para cultivar o valor de ser pobre para não desesperar os portugueses frente a alta taxa de pobreza e fome; [6] *o mito da ordem corporativa*, a ideia de que uma hierarquização social é naturalmente estabelecida; [7] *o mito da essência católica da identidade*

nacional, que buscava inculcar os ideais acima através da religião e propaganda. O quinto mito acontecia pela:

promoção da beleza de se ser pobrezinho. é o casamento perfeito. o político que gosta dos pobrezinhos e os mantém pobrezinhos, com a igreja que gosta dos pobrezinhos e os mantém pobrezinhos. mas, quer o político, quer a igreja, dominam ou podem dominar o fausto. não é brilhante. isto inventado seria mentira. ninguém teria cabeça para inventar tal porcaria, só sendo verdade mesmo. (MÃE, 2011, p. 137)

Em um dos seus famosos discursos, Salazar afirmou que “Deus e a virtude”, “Pátria e a sua História”, “Autoridade e o seu prestígio”, “Família e a sua moral” e o “trabalho e o seu dever” são indiscutíveis, e mais: “não reconhecemos liberdade contra a Nação, contra o bem comum, contra a família, contra a moral” (1934). A tentativa de conduzir os portugueses ao modelo de homens propícios à sujeição tornavam valores moralizantes e ideologias políticas do governo salazarista um sistema mergulhado no cotidiano das pessoas, das propagandas nas cartilhas escolares às missas, valorizava-se esta forma de domínio, como a seguir podemos ler:

Um peculiar casamento dos valores nacionalistas de matriz integralista e católica conservadora com as influências radicais e fascizantes recebidas da guerra civil de Espanha e do triunfal ascenso dos fascismos e do hitlerismo na Europa, ainda que esta segunda componente se possa sentir, como adiante se verá, menos ao nível da dogmática dos conteúdos, mas sobretudo no tocante à definição dos alvos, dos instrumentos, dos métodos e da iconografia que acompanhavam o seu enunciado e inculcação. (ROSAS, 2001, p. 1033)

No trecho acima fica clara a diferença entre as campanhas fascistas do salazarismo e hitlerismo, por exemplo, enquanto o primeiro era mais dogmático, talvez pelo aspecto “catedrático” e católico que falamos anteriormente, o segundo estava para a espetacularização e força de alcance da mensagem. Se a força coercitiva era evidente e forte nos dias do regime, hoje podemos dizer que elas são invisíveis, virais, de dentro, trata-se do biopoder.

Olhar para a escrita biopotente²³ não é romantizar a resistência ao biopoder, mas sim repensar a vitalidade social dos sujeitos e sua potência no centro da dominação. Colocações pertinentes ao reflorescimento do fascismo provêm do “autoposicionamento” e “autoexistencialização” dos velhos no asilo, nesta afirmação

²³ Escrita biopotente corresponde à escrita de Sr. Silva que está atrelada à resistência e ao combate dentro das relações do biopoder.

existencial reside uma política de emancipação, como defende Maurizio Lazzarato em *Signos, máquinas, subjetividades* (2014). O ato de resistência nasce de novas formas de vida, relocalizações de ações advindas de uma consciência crítica de si mesmo e do lugar que ocupa no mundo.

A preocupação que ronda o dia-a-dia de Sr. Silva e dos seus amigos os mobilizam de diversas maneiras. A de Sr. Silva é escrever, meditar sobre o que lhe habita, sobre o medo e a fragilidade em viver situações-limite. A violência e a morte que rondam seus últimos dias estremece sua aparente e antiga segurança. A dor e o desejo tornam-se a dinâmica do gesto de escrever do velho. A angústia era intercalada pelo querer viver, residindo em momentos simples como o de tomar banho de sol e conversar com seus amigos, a vontade de existir conforme podemos reparar no fragmento abaixo:

eu sabia bem o que isso era. o que era ultrapassarmos as dores até que os dias, só por si, nos comessem a parecer valiosos o suficiente. até chegarmos a um momento em que a luz do sol nos parece uma dádiva inestimável e vale a pena viver apenas para fazermos a fotossíntese das tardes, melhor ainda com uma conversa despreocupada com os colegas. (MÃE, 2011, p. 146)

a máquina de fazer espanhóis (2001) configura uma poética da relação com o outro. A capacidade de criar vínculos e não viver somente a serviço de si mesmo é o modo de contrapor-se ao egoísmo contemporâneo. Através das relações entre si, os velhos são capazes de vivenciar momentos últimos de forma plena, as pequenas coisas e situações levam às vivências transformadoras que colocam no próprio humano a potência e responsabilidade de mudanças. Os modos de brincar, de conversar no lar devolvem aos velhos um espaço de criação que no confinamento e controle contínuo lhe são retirados.

Combatendo sutilmente, Sr. Silva dialoga para resistir às práticas viciosas e repetitivas que o impossibilitam de relacionar-se em diversas dimensões com o outro. A autoanálise operada pelo velho não se constitui um fechamento em si, mas numa abertura ao diferente por pensar o que estamos fazendo uns com os outros, pois a alteridade na narrativa é a base para pensarmos em democracia ou em sistemas políticos alternativos que não se fechem numa visão limitadora das diferenças.

Discutir sobre política e não odiá-la, para não esvaziar a ação coletiva é uma orientação que encontramos nas conversas dos velhos, pois estes de forma desarmada expõem seus pensamentos e os problematizam. As distintas opiniões não são motores de

ojeriza ao outro, mas sim de produção de conhecimentos abertos sobre o passado e a atualidade.

A recusa de regras pré-estabelecidas corrobora no processo de singularização dos velhos, práticas no lar que são experiências de vida acabam modificando as maneiras de importar-se com o outro, possibilitando emergir as diferenças e os distintos valores de vida, que sejam bem nossos e não traçados pelas formas de dominação, eis o devir-revolucionário do livro, instituir às relações humanas uma potência outra, para além da utilidade mercantil, por exemplo. São os lampejos de vida que nascem no cotidiano que devem ser reconhecidos, do jeito que sente Sr. Silva:

era uma novidade que, sobretudo no meu estado para morto, continha uma energia de vida radical e inesperada. caramba, com oitenta e quatro anos um homem ainda pode ficar deslumbrado e todo incrédulo, como se viesse para criança pasmar diante de um gelado. (MÃE, 2011, p. 51)

O mundo contemporâneo de pessoas meio inertes frente à enxurrada de consumo de artefatos para entretenimentos vazios tornam os outros modos de sentir uma reserva ativa à tirania do capitalismo. Como a gentileza e a solidariedade que amplia o raio de alcance de assistência aos outros, embora haja “uma crueldade do deve e haver da vida. uma crueldade do comércio afetivo de que somos capazes. incapazes de conservar tudo e todos, incapazes de sermos por tudo e de sermos por todos” (MÃE, 2011, p. 102). Preocuparmo-nos com as questões referentes ao humano e ao social é manter viva e expansiva a vontade de resistência. Pois,

hoje é possível reviver o fascismo, quer saber. é possível na perfeição. basta ser-se trabalhador dependente. é o suficiente para perecer o que é comer e calar, e por vezes nem comer, só calar. vá espiar esses padrões por aí fora. conte pelos dedos os que têm no peito um coração a florescer de amor pelo proletariado. que porra de conversa comunista. mas não é possível deixar de ter conversas comunistas enquanto não se largar a merda das ideias do capitalismo de circo que está montado. um capitalismo de especulação no qual o trabalho não corresponde a riqueza e já nem é mérito, apenas a um fardo do qual há quem não se consiga livrar. em quem podemos ter esperança. [...] é que somos estupefatos por todo o lado, pagamos o mesmo que a europa paga por qualquer coisa, mas ganhamos três vezes menos. temos salário de rato. salário de humanos de segunda. porque os nossos governos não têm tomates suficientes para ler a bola e ordenar que o benfica seja campeão. porra, o que é que se passa. a maior fábrica de futebol nacional não produz resultados à altura há muito tempo, e ninguém faz nada. vocês já perceberam que se o benfica fosse campeão o país até se começava a levantar da letargia. (MÃE, 2011, pp. 155-156)

Em “somos estupefatos por todo o lado, pagamos o mesmo que a Europa paga por qualquer coisa, mas ganhamos três vezes menos”, fica evidente a alusão à relação de Portugal e a União Europeia. Como consequência do vinte e cinco de abril de 1974 esta adesão permitiu modificações estratégicas, porém a zona do euro gerou certo impasse econômico e incapacidade de Portugal competir aos moldes dos demais países do grupo europeu.

Já em “porra, o que é que se passa. a maior fábrica de futebol nacional não produz resultados à altura há muito tempo, e ninguém faz nada. vocês já perceberam que se o Benfica fosse campeão o país até se começava a levantar da letargia”, o futebol é retomado nas conversas dos velhos, o jogo que é proposto entre método que auxilia a resignação ou que auxilia um levante para se sair da inércia coloca o futebol num jogo duplo de união ao Estado.

Neste trecho as condições mínimas de dignidade, como o trabalho, a alimentação e lazer são trazidas como armadilhas para retornarmos a um estado despótico de se fazer política. A “letargia” que os velhos mencionam é proveniente da descrença que paralisa as pessoas ao invés de mobilizá-las para fins melhores a todos.

Se o niilismo está imobilizando parte das pessoas por não crerem em alguns valores, o risco dos fanatismos e fundamentalismos dos que creem e realizam práticas perversas em nome das suas crenças é também preocupante. Essas divisões confirmam a ânsia por uma política revolucionária em meio à “articulação de fluxos econômicos, tecnológicos e sociais com a produção de subjetividade” (LAZZARATO, 2014, p. 14). A subjetividade de que fala Lazzarato é a que está colocada no centro de uma complexidade de instituições e discursos, é esta subjetividade que conectada à subjetivação política afeta a existência, ou seja,

Toda subjetivação política acarreta uma mutação e uma reconversão da subjetividade que afeta a existência. [...] A mutação subjetiva é fundamentalmente uma afirmação existencial e uma apreensão de si, dos outros e do mundo. E é sobre a base dessa cristalização não discursiva, existencial e afetiva que novas linguagens, novos discursos, novo conhecimento e uma nova política podem proliferar. (LAZZARATO, 2014, p. 20)

A apreensão de si, dos outros e do mundo é o meio para que novas práticas políticas surjam, porém tal possibilidade não vislumbramos bem, talvez por conhecermos somente uma liberdade, a alfandegária, mas para além da liberdade

comercial, pode haver uma nova organização que favoreça as pessoas e ressentir-nos não é o caminho mais adequado.

No capítulo “O ressentimento como sintoma social”, do livro *Ressentimento* (2014), de Maria Rita Kehl, vemos este sentimento conectado à política no mundo contemporâneo, e não precisamente às religiões como em Nietzsche na *Genealogia da moral*. Neste caso, “o ressentimento não se confunde com a revolta silenciada nem com a resignação forçada que se produz sob regimes totalitários ou em sociedades fortemente estratificadas” (KEHL, 2014, p. 21), mas sim como a imobilização da sociedade que espera melhorias e felicidade advindas da política formal, então na contemporaneidade,

o ressentimento na política produz-se na interface entre a lei democrática – antecipação simbólica de igualdade de direitos – e as práticas de dominação paternalistas, que dispõem a sociedade a esperar passivamente que essa igualdade lhe seja legada como prova do amor e da bondade dos agentes do poder. (KEHL, 2014, p. 23)

Agir contra o que nos torna menores requer coragem, mas “a coragem tem falhas sérias aqui e acolá. e nós, que não somos de modo algum feitos de ferro, falhamos talvez demasiado, o que nem por isso nos torna covardes, apenas os mesmos de sempre. os mesmos vulneráveis e atordoados seres humanos de sempre” (MÃE, 2011, p. 102). E parafraseando Peter Pál Pelbart, é preciso que sejamos fortes para admitirmos que somos fracos, o autoconhecimento ainda é a melhor forma para compreendermos nossos destinos viáveis. É o que Sr. Silva percebe ao tentar compreender a si mesmo, e por consequência o humano e o mundo.

“A felicidade sem deslumbre, numa dimensão possível” (MÃE, 2014) é uma busca executável e urgente que aponta para novas formas de vida, relações e sistemas de interesse. Não romantizar o passado achando que ele era melhor, nem superestimar o presente acreditando que ele é mais satisfatório que antigamente. Sr. Silva e seus amigos do asilo olham para o agora e percebem suas fragilidades e problemas, remexem-no para encontrar interrogações generativas de condições outras e melhores.

3.2 O propósito democrático do livro, ou a máquina de retirar o fascismo dos homens

Não há sol a sós.

Arnaldo Antunes

-

*Não há justiça se há sofrer
Não há justiça se há temor
E se a gente sempre se curvar*

Metá Metá

A cada morte na narrativa um medo é retirado-exterminado. Não tiraram a metafísica do Sr. Esteves, VHM problematizou o poema *Tabacaria* (1928), escrevendo uma continuidade, um novo estágio. O espanhol Sr. Enrique de Bandajoz, personagem que entra no asilo, tornou-se português e a máquina de fazer espanhóis é, portanto, Portugal e suas mulheres que dão luz a cidadãos que queriam nascer no país vizinho e mais digno que o seu, a Espanha. E, do Sr. Silva retirou-se a covardia. Três máquinas surgem no livro: [1] a máquina de roubar a metafísica a um homem, [2] a máquina de fazer espanhóis e [3] a máquina de retirar o fascismo dos homens. Essas máquinas na obra são alimentadas pelo medo que os velhos possuem, cada um tem a máquina específica correspondendo às aflições da vida de cada um.

As máquinas surgem no sentido mecanicista do termo, são engenhocas médicas, mas, ao mesmo tempo são prolongamentos advindos de fluxos e desejos (como para Deleuze e Guattari) dotadas de projetos que num movimento contrário: [1] compõe Sr. Esteves de transcendência e complexidade; [2] através de Sr. Enrique de Bandajoz, atribui aos portugueses a vontade de ser de Portugal e melhorá-lo e [3] retira o fascismo de Sr. Silva.

Essas três maquinarias e outras mais possíveis surgem no quarto de transferência para a ala esquerda, a ala dos utentes em estágio vegetativo ou com alguma debilidade física que mereça atenção. “O antigo quarto do esteves era usado para as experiências mais bizarras de quem inventava *máquinas* para fins que aceleravam a morte dos utentes” (MÃE, 2011, p. 235). O leitor escolhe o caminho a traçar, se são ilusões/conspirações dos velhos ou se há mesmo uma pressa em fazer-lhes morrer quando adentram a ala esquerda próxima ao cemitério. Acontece que ser transferido

significa que a morte está irreparavelmente próxima, com podemos ver na descrição da situação de Sr. Medeiros:

geme muito baixinho, como se o corpo dele fosse um poço profundo e ele estivesse longínquo a tentar chegar cá acima. subitamente suspira. um suspiro muito fraco, muito triste, e deve ser como sente respirar subido dessa profundidade. parece que está agarrado por dentro do corpo para não cair. a trepar por dentro do seu próprio corpo. (MÃE, 2011, p. 125)

Essa resistência do Sr. Medeiros à morte amedronta qualquer velho que venha lhe fazer companhia no quarto. Sr. Esteves, Sr. Enrique e Sr. Silva são três exemplos da agonia que é estar ao lado do Sr. Medeiros e ainda passar por experiências científicas na madrugada, em que uma equipe de médicos e enfermeiros irrompem ao quarto com objetos de metais, seringas e uma grande *máquina* para testes nos velhos: “esses homens iam para ali com ar de cientistas secretos, dos quais ninguém sabia nada, e montavam uma tremenda *máquina* de transformar portugueses em espanhóis” (MÃE, 2011, p. 235), um toque de sci-fi digamos.

Tais máquinas são alimentadas por três medos, que são eles: o niilismo, a expatriação e o fascismo. O medo do fascismo é um estágio de lucidez na narrativa, ele leva a algum tipo de ação. Mas seu oposto acontece, o medo pode calar e imobilizar, nos deixando viver sob um ditador que engana em troca de segurança, de prosperidade e de ordem. A alegoria dessas maquinarias culmina no biopoder que a narrativa apresenta. E tais maquinarias são institucionalizadas, organizadas e agem com autoridade. Neste caso, pode-se dizer que fazem parte da conjuntura do Estado.

As oposições que até aqui trouxemos, como: o esgotamento e a criação; o biopoder e a biopotência; o aparelho de Estado e a *máquina de guerra* são termos que se contrastam, contudo não estão em oposição absoluta um ao outro. Ocorre o que Deleuze e Guattari chamam de “relação oblíqua ou diagonal”, como dito por Michael Hardt nas abas do livro do vol. 5 de *Mil Platôs* (1997): “ao analisarmos cada par mais de perto, descobrimos que nenhum termo é realmente puro, ou exclusivo de seu outro [Estado sempre contém internalizada uma *máquina de guerra* institucionalizada]”. Desse modo, se “as fronteiras que separam os termos emparelhados são, vagas e continuamente em fluxo” os opostos elencados anteriormente não podem ser aplicados de forma simples, como fórmulas a se seguir. Pois,

A complexidade e as distinções flutuantes, oblíquas não necessariamente paralisam a ação política — por medo de que possamos ser impuros,

cúmplices de nossos inimigos. Isto significa apenas que o pensamento político e a ação política não podem prosseguir ao longo de uma linha reta. A política de Deleuze e Guattari é melhor concebida como um ziguezague que se move em diferentes ângulos de acordo com as contingências locais e em mudança. (HARDT, 1997 *apud* DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 2)

Postas essas considerações, podemos afirmar que o par de oposição democracia/fascismo é o propósito geral da narrativa, pois é a ele que todas as demais oposições e questões retornam e entrecruzam. *a máquina de fazer espanhóis* (2011), poderia ter como *slogan*: “This machine kills fascists”, tal qual Woody Guthrie colou em seu violão, pois “a escrita e a música podem ser máquinas de guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 202); no sentido de que se é contra, mas se tenta mostrar e modificar minimamente a onda conservadora atual nos países europeus.

Disse Sr. Pereira ao Sr. Silva: “essa pode ser a sua forma de praticar a cidadania, dizia o silva da europa. pense bem, deixar um livro cheio de poemas que fiquem para sempre a comunicar com quem lhes pegue, é como deixar uma voz amiga de toda a gente” (MÃE, 2011, p. 159). Os poemas não são deixados, contudo uma forma mais simples como seus relatos autobiográficos forjam a “voz amiga” que fala das suas experiências de vida para que quem o leia observe a prudência que é lutar diariamente contra os microfascismos que nos cercam e estão dentro de nós.

Refletir sobre o lugar que o livro ocupa nas múltiplas leituras feitas dele, e ocupou no momento que foi escrito é ter em mente que não há como determinar o destino de tal livro, mas saber que ele faz críticas fundamentais ao contemporâneo. Uma espécie de livro-*máquina de guerra* que provoca um embate com outra *máquina de guerra* [institucionalizada], que pode vir a ser máquina de abolição, o fascismo. Para isso, a concepção adotada do que seja fascismo e totalitarismo será a de Deleuze e Guattari no vol. 3 de *Mil Platôs* (1996), precisamente no texto “Micropolítica e segmentaridade”, em que:

Diremos, da mesma forma, que o fascismo implica um regime molecular que não se confunde nem com os segmentos molares nem com sua centralização. Sem dúvida, o fascismo inventou o conceito de Estado totalitário, mas não há por que definir o fascismo por uma noção que ele próprio inventa: há Estados totalitários sem fascismo, do tipo estalinista [...] Mas o fascismo é inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação, antes de ressoarem todos juntos no Estado nacional-socialista. Fascismo rural e fascismo de cidade ou de bairro, fascismo jovem e fascismo ex-combatente, fascismo de esquerda e de direita, de casal, de família, de escola ou de repartição: cada fascismo se define por um microburaco negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central generalizado. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 84)

Para se compreender a definição acima é preciso que entendamos o que eles denominam por *segmentariedade molar* e *segmentariedade molecular*; esta última “opera no detalhe e passa por pequenos grupos” (1996, p. 86), sendo amplamente funcional em todo campo social como a molar é. Sobre segmentariedade, temos: “somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. O homem é um animal segmentário. A segmentariedade pertence a todos os estratos que nos compõem. Habitar, circular, trabalhar, brincar: o vivido é segmentarizado espacial e socialmente” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 76). Essa fragmentação das atividades humanas, esses modos de fazer se mesclam em círculos extensos. É um silva que é barbeiro, pai, esposo e delator.

Atentemos que é “uma potência micropolítica ou molecular que torna o fascismo perigoso, porque é um movimento de massa: um corpo canceroso mais do que um organismo totalitário” (ibidem, p. 85). É o fascismo “de bando, de gangue, de seita, de família, da aldeia, de bairro, de carro e que não poupa ninguém. Não há senão o microfascismo para dar uma resposta à questão global: por que o desejo deseja sua própria repressão, como pode ele desejar sua repressão?” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 85); é o “fascismo dos bons homens” (MÃE, 2011, p. 10), aquele que advém quando menos esperamos e se sobrepõe através de ações violentas e desiguais e nos faz falar e defender valores torpes, ainda,

As organizações de esquerda não são as últimas a secretar seus microfascismos. É muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 85)

O fascismo molecular se desenvolve em uma zona de invisibilidade, quando nossa mente ainda acostumada aos binarismos de aparências maniqueístas se depara com as linhas de articulação entre a democracia e o fascismo, por exemplo, notamos que as forças irradiam onde não imaginávamos. “Os grupos e os indivíduos contêm microfascismos sempre à espera de cristalização. Sim, a grama é também rizoma. O bom o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17). No trecho a seguir podemos ver esse embaralhamento:

mas em mil novecentos e cinquenta as coisas não estavam ainda tão definidas, é isso que tento dizer. o certo e o errado eram difíceis de discernir.

pois o benfica ainda não se fizera glorioso, nem salazar parecia ainda o estupor que o povo pudesse reconhecer cabalmente. Não sabíamos nada. havíamos passado ao lado da guerra e parecia que a vida se protegia no país das quinas, igual a termos uns muros nas fronteiras, um peito viril erguido contra malandros estrangeiros. [...] cheios de vivacidade e entrega ao futuro num país que se punha de orgulhos e valentias. quando as crianças daquele tempo estudavam lá la ri lá lá ela ele eles elas alto altar altura lusitos lusitas viva salazar viva salazar, toda a gente achava que se estudava assim por bem, e rezava-se na escola para que deus e a nossa senhora e aquele séquito de santinhos e santinhas pairassem sobre a cabeça de uma cidadania temente e tão bem-comportada. assim se aguentava a pobreza com uma paciência endurecida, porque éramos todos muito robustos, na verdade, que povo robusto o nosso, a atravessar aquele deserto de liberdade que nunca mais acabava mas que também não sabíamos ainda contestar. havia uma decência, com um tanto de massacre, sem dúvida, mas uma decência que criava um porreirismo fiável que incutia em todos um respeito inegável pelo coletivo, porque estávamos comprometidos em sociedade, por todos os lados cercados pela ideia de sacrifício, pela crença de que o sacrifício nos levaria à candura e de que a pureza era possível. íamos ser todos dignos da cabeça aos pés. (MÃE, 2011, p. 82)

Se os microfascismos são mais perigosos, porque não nos damos conta de seu estágio e espalhamento, há que se compreender que em oposição está o totalitarismo, pois os autores defendem que o totalitarismo é assunto do Estado (guerra) e o fascismo, uma *máquina de guerra* [institucionalizada]: “quando o fascismo constrói para si um Estado totalitário não é mais no sentido de uma tomada de poder por um exército de Estado, mas, ao contrário, no sentido da apropriação do Estado por uma máquina de guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 104). O Estado totalitário que tenta aprisionar todas as linhas de fuga possíveis é o distinto do fascismo, pois este constrói-se justamente numa linha de fuga intensa, transformando-a em linha de destruição, de abolição.

Desta forma, diz-nos ainda Deleuze e Guattari (1996, p. 104): “no fascismo, o Estado é muito menos totalitário do que suicidário. Existe, no fascismo, um niilismo realizado”. É com essa diferenciação entre fascismo/totalitarismo e aproximação entre esquerda/direita; democracia/ditadura, que nosso olhar junto à narrativa construirá uma percepção sobre o estado das coisas atuais, no que diz respeito às crises políticas e econômicas. Diante disso, sobre a dicotomia entre bom e mau, temos: “há um lado errado em todos nós. não há o que se lhe fazer, existe manifesta-se de vez em quando” (MÃE, 2011, p. 111), nessa percepção sobre o humano, uma crueldade, uma violência lhe é inerente e às vezes aparece, todavia o ódio fácil anda em voga, e é ele, a principal forma de banalização do mal, que tem de ser frequentemente combatido.

No livro, um simples barbeiro português tem muito que nos ensinar, é o que VHM implicitamente diz, seus personagens ordinários, como: a criança, (*o nosso* reino);

a diarista, o imigrante operário (*apocalipse dos trabalhadores*); o camponês, a prostituta, a bruxa (*o remorso de baltazar serapião*), para citar alguns exemplos, falam de problemas para além de seu grupo, não os desprezando e/ou limitando. Falam sobre todas as questões possíveis, não são silenciados. A política ganha uma dimensão para além da econômica, como estamos habituados a fazer compreender, ela perpassa a circulação de saberes e de afetos, em que o corpo se torna, ele mesmo, um feixe dos devires dessa circulação.

No contato com os outros velhos no asilo, Sr. Silva reformula o que *sente, vê e é*; tal reformulação se estende às suas ações. Ele profere proposições que aludem a todo mundo, nos fazendo habitar um lugar comum em que qualquer um, qualquer pessoa poderia estar.

O fascismo não deixará de querer aprisionar as linhas de fuga, ele é uma *máquina de guerra* que não delinea mais linhas de fuga mutantes, porém uma pura e fria linha de eliminação. O fascismo aparece como fruto de uma educação rígida que aprendemos quando criança e vez ou outra surge e vai para fora, como podemos ler em:

o fascismo dos bons homens. [...] mas é um sentimento que fica escondido, à boca fechada, porque sabemos que talvez não devesse existir, mas existe porque o passado, neste sentido, é mais forte do que nós. quem fomos há de sempre estar contido em quem somos, por mais que mudemos ou aprendamos coisas novas. (MÃE, 2011, p. 117)

O livro é uma *máquina de guerra* que luta contra a máquina de abolição em potencial que é o fascismo. A “máquina literária entretém com uma máquina de guerra, uma máquina de amor, uma máquina revolucionária etc.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11). Neste caso, a *máquina* literária analisada está ligada e funciona como uma *máquina* política, biopotente. Um livro rizomático, uma escrita rizomática que multiplica, evolui e (in)flui, no trecho a seguir pode-se ver o ideal de livro para Deleuze e Guattari (1995, p. 16-17):

O ideal de um livro seria expor toda coisa sobre um tal plano de exterioridade, sobre uma única página, sobre uma mesma paragem: acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais.

A escritura do velho é nômade em oposição ao sedentarismo do aparelho de repressão. Um dos objetivos da escrita é o movimento em pensar o contemporâneo e a emergência em viver relações que ampliem os limites das forças do comum. Para isso, a

escrita está em constante transformação, não podendo ser aprisionada em um único significado, mas sim abri-la para outros novos. N'a *máquina de guerra* que é o livro de Sr. Silva, “cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14), não havendo um centro, uma mensagem a decodificar, um sentido único a apreender. O livro-rizoma é antigenealogia, ele é geologia, mistura, espalhamento, encontro de fluxos.

Escrever, para o velho é estender suas linhas de fuga e construir uma ação política, compreendendo que a escrita como um “mapa aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21). Deleuze e Guattari, ainda em *Mil Platôs* vol.1, dizem que é preciso que a história seja escrita pelos nômades, estes estão em polo oposto à escrita da história pelos sedentários em nome de um aparelho de Estado. A essa escrita nômade chamam, Nomadologia, ela é o avesso de uma história oficial inativa.

Se a escrita de Sr. Silva gera uma *máquina de guerra* e linhas de fuga, ela desestabiliza determinados camadas do Estado. O nosso narrador aponta para uma “servidão voluntária”²⁴, a mesma citada por Clastres (ao estudar La Boétie) que é referido por Deleuze e Guattari. Perguntemos então, como pode as pessoas desejarem um estado de servidão? A força do livro e sua potência de mudar a partir das reflexões visam uma inteligência emocional frente ao possível retorno do fascismo em nível catastrófico e esvaziamento político. O corpo do livro e o corpo de velho do Sr. Silva estão submetidos à desmedida do biopoder, contudo buscam

liberar a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante; alastrar a ação, o pensamento e o desejo por proliferação e disjunção (e não por hierarquização piramidal); liberar-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, a castração, a falta), investindo o positivo, o múltiplo, o nômade; desvincular a militância da tristeza (o desejo pode ser revolucionário); liberar a prática política da noção de Verdade; recusar o indivíduo como fundamento para reivindicações políticas (o próprio indivíduo é um produto do poder) etc. (PELBART, 1997, p. 3)

O esvaziamento político atual evidencia a necessidade de se repensar as ações políticas mais concretamente. Tal esvaziamento conecta-se ao risco do niilismo e do

²⁴ Os termos aparentemente opostos colocam em cheque a possibilidade de liberdade do ser humano. Afinal, até que ponto é preciso abdicar nossas vontades em nome da vontade de um [grupo] só?

fascismo entre nós, pois destitui do indivíduo a vontade de reivindicar, bem como a não se interessar por questões políticas, para somente assim facilitar a instauração de práticas autoritárias. Os problemas sociais conferem o desinteresse das pessoas por assuntos políticos.

São evasões fiscais, manobras comerciais e fluxos ilícitos que configuram a arquitetura global. No caso particular de Portugal, Cavaco Silva, o atual presidente do país, é um ex-integrante da PIDE, a aproximação de Cavaco Silva com Salazar vem sendo feita. O atual presidente também estudou economia e finanças, visando somente a parte econômica de Portugal, equilibrar as contas/saldar as dívidas e não endividar externamente.

O presidente Cavaco Silva falou sobre o Dia da Raça Portuguesa e sua conjuntura política proibiu protestos na Ponte 25 de abril. Investimentos na educação e saúde são baixos e o índice de desemprego aumentou com a falência de indústrias privadas. A conexão é inevitável, pois neste momento de crise, o nome de Salazar readquiriu poder, associado a uma vontade de ordem e de um salário fixo, ainda que escasso. Os cidadãos portugueses parecem desejar uma figura que lhes lidere e lhes guie para um bom caminho. Porém, com a política formal em crise “os partidos políticos já não possuem qualquer visão; a perda de confiança na política e nos governantes atingiu um nível perigoso; as eleições estão reduzidas a um carnaval de trivialidades destituídas de conteúdo” (RIEMEN, 2012, p. 50).

Residindo aí o perigo, Sr. Silva e os outros velhos, que viveram em tempos claramente totalitários e experimentaram a banalidade do mal, conseguem antever tal disposição das situações. A desumanização no presente produz a noção de vida que não vale à pena ser vivida. Adentro aqui ao avesso do niilismo, a escrita é linha de fuga, momento de reterritorialização, é quando o homem ordinário se apropria da linguagem, produzindo dobras.

Sua linguagem reinventa a noção de vida e a noção de humano, através de personagens velhos; sem falar que o narrador, no seu exercício de rememorar, cria, em termos foucaultianos, a ascese, a coragem da verdade. VHM realiza a mesma operação que Saramago em *Memorial de um Convento*, quando conta:

Vão outros Josés, e Franciscos, e Manuéis, serão menos os Baltasares, e haverá Joões, Álvaro, António, e Joaquina, talvez Bartolomeus, mas nenhum o tal, e Pedros, e Vicentes, e Bentos, Bernardos e Caetanos, tudo quanto é nome de homem vai aqui, tudo quanto é vida também, sobretudo se atribulada, principalmente se miserável, já que não podemos falar lhes das

vidas, por tantas serem, ao menos deixemos os nomes escritos, é essa a nossa obrigação, só para isso escrevemos, torná-los imortais, pois aí ficam, se de nós depende, Alcino; Brás, Cristóvão, Daniel, Egas, Firmino, Geraldo, Horácio, Isidro, Juvino, Luís, Marcolino, Nicanor, Onofre, Paulo, Quitério, Rufino, Sebastião, Tadeu, Ubaldo, Valério, Xavier, Zacarias, uma letra de cada um para ficarem todos representados, porventura nem todos estes nomes serão os próprios do tempo e do lugar, menos ainda da gente, mas, enquanto não se acabar quem trabalhe, não se acabarão os trabalhos, e alguns destes estarão no futuro de alguns daqueles, à espera de quem vier a ter o nome e a profissão. (SARAMAGO, 1982, p. 162)

São os nomes dos múltiplos trabalhadores explorados e as corrupções relacionadas à construção do monumento e à Igreja Católica que são criticadas. Os que compõem a Igreja são “uns filhos da mãe, a igreja é uma instituição pançuda que se deixou confortavelmente sentada ao lado de salazar. como sempre, dizia anísio, sempre do lado dos opressores porque toda a lógica da igreja é opressora” (MÃE, 2011, p. 115), este é o modo de verificação da história de Saramago e VHM.

“Não há mais metafísica no mundo senão chocolates. / Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria”, o niilismo apontado nestes versos da *Tabacaria* (1928) constitui uma forte desconstrução à educação jesuíta portuguesa. Porém, por mais que haja reformas, há a dificuldade em desenraizar tais dilemas, a educação religiosa e suas amarras fazem-se presente cultivando um altruísmo interessado. Sobre a ditadura Sr. Silva diz: “foi só o triste acaso de sermos miseráveis num país de miséria que não esperava de nós mais do que o brio e o sacrifício mudo” (MÃE, 2011, p. 84). Todas as discussões histórico-políticas que nossa análise e a obra produzem são justificadas pelo fato da

literatura do presente que envolve uma noção muito maior do que a noção de contemporâneo é aquela que assume o risco inclusive de deixar de ser literatura, ou ainda, de *fazer com que a literatura se coloque num lugar outro, num lugar de passagem entre os discursos.* (SCRAMIM, 2007, p. 16, grifo nosso)

A literatura é um ato, como afirma Derrida, e como aponta Scramim. E, considerarmos que a função da literatura e da escrita aqui designada é compreender a experiência trazida e os múltiplos discursos a ela agregados. O corpo político da escrita do Sr.Silva, a crítica instalada no seu pensamento-potência é indiciária de como o conceito de escrita é político, porque desdobra-se,

O político na literatura passa a ser tarefa de algo que lhe é exterior no mesmo momento em que procura criar o efeito de interioridade, isto é, criar o efeito de fazer-nos sentir como se estivéssemos no seio de uma calorosa família

quando na verdade nos encontramos num campo de refugiados. (SCRAMIM, 2007, p. 30)

Em *Políticas da escrita* (1995), Jacques Rancière, ao estudar a relação da estética com a política, nos diz que “o ato de escrever é uma maneira de ocupar o sensível e de dar sentido a essa ocupação” (p. 7). A escrita muda e falante demais, como afirma, está posta num jogo para o leitor. Nesse sentido, “qualquer um pode, então, apoderar-se dela, dar a ela uma voz que não é mais ‘a dela’, construir com ela uma outra cena de fala, determinando uma outra divisão do sensível” (RANCIÈRE, 1995, p. 8), é o que opera Sr. Silva.

O filósofo francês discorre também sobre o excesso democrático das palavras e a presentificação sensível do sentido de comunidade, já que “a escrita que reordena a metaforicidade poética e a metaforicidade política” (RANCIÈRE, 1995, p. 18) não se limitando ao saber dos letrados e nem a arte dos escritores, mas sim a uma orfandade, uma dispersão, que é própria do gesto de escrever.

Em meio às reflexões fragmentárias e do “sobre o que pode e o que não pode a linguagem”, a emergência de um “nacional sem nacionalismo”, de uma maneira de ressignificar as tradicionais ideias de pertencimento e tentativa de conseguir enxergar e escutar o caos que nos cerca. Ainda sobre a escrita, temos: “a doença da escrita: doença da circulação desses corpos incorporais que devolve à própria contingência qualquer posição legítima de fala e qualquer ordem das funções do corpo comunitário” (RANCIÈRE, 1995, p. 10), este sentido comunitário está presente na escrita do velho.

A necessidade de se combater a solidariedade seletiva e a resolução dos problemas no fato de acreditar nos homens talvez seja: que “sonhar um mundo é correr riscos ainda maiores. É ser-se ambicioso perante o que já é impossível” (MÃE, 2011, p. 53). Panikkar, Agamben, Deleuze e Guattari, Peter Pál Pelbart e Rancière acreditam “que as democracias atuais são uma farsa oligocrática” (PANIKKAR, 2005, p. 198),

porque não existe dualismo, não existe dualismo ontológico aqui e ali, não existe dualismo axiológico do bom e do mau, nem mistura ou síntese americana. Existem nós de arborescência nos rizomas, empuxos rizomáticos nas raízes. Bem mais, existem formações despóticas, de imanência e de canalização, próprias aos rizomas. Há deformações anárquicas no sistema transcendente das árvores; raízes aéreas e hastes subterrâneas. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 30)

Além dos teóricos supracitados, podemos, em um dado limite, colher as contribuições de Rob Riemen em *O retorno do fascismo* (2012). Utilizando da metáfora criada por Albert Camus em *A peste* (1947), Riemen compara o fascismo ao “bacilo da peste que não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nas caves, nas malas, nos lenços e na papelada” (RIEMEN, 2012, p. 12), com isto, ele defende a ideia de que na democracia liberal encontramos o fascismo, não adiantando suavizar seu nome, pois mesmo que ele seja nomeado como extrema-direita, conservadorismo radical ou populismo, embrionariamente quer-se dizer que o fascismo vive. No excerto abaixo, para lembrarmos como se dispunha o fascismo no período ditatorial, vê-se como se dá a sobrevivência dos indivíduos:

éramos todos livres de pensar as coisas mais atrozes. isso não nos impedia de sermos vistos pela sociedade como bons homens e de sairmos à rua dignos como os melhores pais de família. um homem havia de ser medido pelos seus atos, pouco importando se dentro de casa era feito daquela mariquice de acreditar em deus ou da macheza cretina de se ligar aos malfeitores, estejam eles escudados numa igreja ou num governo. éramos por igual todos cidadãos da mesma coisa. a andar para a frente com os instintos de sobrevivência a postos como antenas. eis a emissão certa, a propaganda que não podíamos dispensar, sobreviver, segurarmo-nos, e aos nossos, e abrir caminho até morte dentro. essa é que era a essência possível da felicidade, aguentar enquanto desse. (MÃE, 2011, p. 118)

Ser bom homem era ser fascista, portanto, defender o orgulho pela nação e pela raça, entre outros ideais igualmente aniquiladores dos diferentes, fazia parte da necessidade de sobrevivência no tempo do regime. Pouco importava que praticassem a violência e maldade, ter respeito à igreja e às leis de Salazar já os faziam bons. Em certo momento da narrativa, Silva da Europa, diz: “não nos hão de convencer que volte a censura, qualquer tipo de censura, isso seria uma desumanidade e agora somos europeus. qualquer iniquidade do nosso peculiar espírito há de ser corrigida pela Europa, para sempre” (MÃE, 2011, p. 11). Este personagem representa a esperança na Europa de que as coisas em Portugal se ajeitem, a supervalorização das condições europeias é muitas vezes posta em debate entre os velhos.

Riemen faz uma espécie de levantamento bibliográfico sobre o fascismo e nota que desde 1812, com Goethe e em 1831, com Alexis de Tocqueville, antes mesmo da publicação de *Pais e Filhos* (1862) de Turguêniev, onde o niilismo é pela primeira vez

trazido à tona e assim nomeado; os autores já apontavam para um vazio e uma violência peculiares que estavam em foco.

O teórico holandês ainda recorre à concepção de “sociedade de massa”, de Ortega y Gasset (1930), o indivíduo que “já nada é absoluto à exceção da liberdade, a liberdade de viver desenfreadamente os seus impulsos. Por conseguinte, o homem passará a ser conduzido pela sua vontade de poder e tudo lhe será permitido” (RIEMEN, 2012, p. 19); o homem de massa de Ortega y Gasset é o homem democrático e indivíduo consumidor para Rancière (2014).

O niilismo ocupa na maior parte a discussão do retorno do fascismo, ele é “o perigo de todos os perigos: nada mais ter sentido”, desse modo, há a perda dos valores espirituais absolutos em troca da satisfação de todos seus desejos, do hedonismo; e se tal satisfação não acontecer ele torna-se violento. Mas é a agressão subjacente à prosperidade lembrada por Nietzsche que leva ao paradoxo da era democrática.

Pois, mesmo havendo a libertação do jugo da tirania da Igreja, da aristocracia e do sistema feudal, Riemen aponta para a oportunidade histórica que é rejeitada pelo homem democrático; como afirma Sr. Silva: “a ignorância é que nos pacifica. a paz está toda metida na ignorância, pronta para levar as pessoas à felicidade. e isto era a receita do regime. igualzinho. hoje podemos ver mas não há quem queira ver” MÃE, 2011, p. 154). Esses homens consumidores visam a igualdade material, o “todos devem poder ter tudo” e quem não possui esse tudo ressentido, criando-se assim uma cultura do ressentimento que afeta a liberdade e implica a troca por uma segurança de rebanho. No fragmento adiante, podemos perceber certo estágio de lucidez sobre o passado na fala do Sr. Silva:

arrependia-me do fascismo e de ter sido cordeiro tão perto da consciência, sabendo tão bem o que era o melhor valor, mas sempre o ignorado, preferindo a segurança das hipocrisias instaladas. eu precisava de gritar dizendo que queria morrer português, queria ser português, com a minoridade que isso tivesse de implicar, porque fui um filho da puta, e merecia ser punido, fiz do meu país um lugar de gente desconfiada, nenhum povo unido. eu precisava que me deixassem morrer inteiro. um monte de peles e carnes derrubadas, mas inteiro, com a vergonha de ter sido conivente e o orgulho de ter percebido tudo. porque eu precisava de morrer consciente, recordando cada minuto do tempo com minha lura, recordando como a vida se fizera em torno dela e da família, como me terá parecido que assim devia ser um homem, como assim me havia bastado a cidadania. (MÃE, 2011, p. 248)

A segurança reside na pacificação de seguir um líder, constituindo-se assim “a forma reacionária de política que defende que tudo era melhor antigamente e que

voltará a melhorar quando o povo for depurado dos elementos estranhos que arruinam sempre tudo” (RIEMEN, 2012, p. 33-34). Como defende Menno ter Braak, a nossa democracia costuma “nutrir confiança ilimitada num líder que nunca deu prova dos seus talentos de liderança” (BRAAK *apud* RIEMEN, 2012, p. 34). Tal ponto de vista casa-se com o de Rancière em *Ódio à democracia* (2014) que traz o *daimon* de Platão e a metáfora do pastor perdido para exemplificar essa lacuna instalada no poder.

“O fascismo bate às nossas portas” alerta Riemen, num tom um pouco aborrecido, que acaba esquecendo as potências nos milhares de homens ordinários e as brechas por eles abertas. A dica que ele dá é para resolver tal problema, de não sermos amargos e insensíveis, para amar a vida, pois não amá-la é o segredo do fascista. É preciso então, redescobrir nosso amor pela vida, somente assim o vazio do pensamento, do sentimento e da ação não terá mais vez.

Associado a esta lição, juntamos mais outras cinco que são de Michel Foucault em “Introdução à vida não-fascista” (*Por uma vida não-fascista* – 2014), quando começa apontando, assim como o feito por Deleuze e Guattari, para as formas de fascismo, principalmente para “o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora” (FOUCAULT, 2014, p. 5). Seguem as lições resumidas abaixo:

1. Libere a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante;
2. Faça crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, mais do que por subdivisão e hierarquização piramidal;
3. Prefira o que é positivo e múltiplo; a diferença à uniformidade; o fluxo às unidades; os agenciamentos móveis aos sistemas. Considere que o que é produtivo, não é sedentário, mas nômade;
4. Não imagine que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável;
5. Utilize a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como um multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política;

Faz-se fundamental “a perseguição a todas as formas de fascismo, desde aquelas, colossais, que nos rodeiam e nos esmagam até aquelas formas pequenas que fazem a amena tirania de nossas vidas cotidianas” (FOUCAULT, 2014, p. 7), tudo isto Sr. Silva aprendeu e contou-nos, cabendo a nós a interpretação e atenção às suas palavras. Por hora, fica a força na associação ao outro e o cultivo da generosidade (ao invés da agressão), pois é isto que está realmente ligado à noção de plural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de valter hugo mãe perfaz emergências do tempo presente. Um dever ético do combate é traçado: lutar contra estereótipos da velhice, contra o individualismo excessivo e fascismos do humano, significa também lutar a favor de melhores relações e diálogos com o outro, a favor do movimento do pensamento e da ação concreta em torno da democracia ou o que nos resta dela.

Esta dissertação se propôs a pensar na necessidade de olharmos para práticas cotidianas e notar os (micro)fascismos que cultivam o mal aos outros. A obra traz sentimentos como a gentileza, a empatia, o respeito e a união como contraponto à lógica do ressentimento, narcisismo e egoísmo que marcam o contemporâneo.

Tais aspectos fazem notar que o autor não se sente liberto da necessidade de falar sobre uma desesperança peculiar, a da descrença nas utopias que remetiam a um futuro, portanto, essa narrativa manifesta uma urgência em nos preocuparmos com o agora. Propondo uma reflexão sobre como a escrita literária revestida de uma potência crítica faz surgir ranhuras nas visões autoritárias e devolvendo ao humano a possibilidade e responsabilidade em agir contra o que aflige seus direitos.

Na análise da obra, refletimos sobre a escrita tecida pelo velho Sr. Silva dentro do asilo. Carregando o peso de seus rancores, a transformação proporcionada pela escritura de seus pensamentos e anseios resulta numa autobiografia que enseja um alerta sobre a situação política e inércia dos portugueses. O que é da ordem pessoal/individual se mescla ao que é do coletivo, afetos que lhe são próprios estão conectados à disposição geral das coisas. Desse modo, o medo e o ressentimento que sente fazem parte de sensações comuns à nossa época.

A escrita do velho constitui um local de resistência ao poder sobre a vida. Quando julgamos não haver mais vontade de potência, a vida se desdobra e escapa. Tal qual uma *fita de Moebius*, não dá para separar o dentro e o fora do biopoder. Porém, quando menos esperamos, vemos um outro lado, a vida em sua força afirmativa. É nas práticas cotidianas que as astúcias dos homens comuns liberam modos de existir distintos dos traçados pelo biopoder.

Todo esse percurso esquematizado do nosso estudo visou focar no que fala através de Sr. Silva, que também é o que fala através de nós. Ora, mas o que fala através

de nós é provisório, dessa maneira, tentou-se analisar a escrita do velho em ato e em movimento e como ela possibilita liberdade na clausura do asilo.

Vimos que em *a máquina de fazer espanhóis* (2011) a relação com o passado (salazarismo) do tempo presente (Portugal na União Europeia) acontece para elucidar circunstâncias similares e problematizar a escrita da história. É através do conceito *metaficção historiográfica*, de Hutcheon (1991), que a relação entre os tempos na escrita sobrevém à análise e este [o tempo] se desenha como não sendo linear, de sucessivas causas-efeitos.

Logo após, viu-se que na presentificação da escrita, ou seja, nas discussões sobre o contemporâneo, a biopolítica atrelada à experiência de envelhecimento constitui uma espécie de escrita complexa que se estabelece na interação/relação como os outros e está em fluxo permanente, o que impossibilita que a fechemos em um único sentido, pois somente assim há a emergência das diferenças.

Seguindo adiante, entendemos que há uma mudança do biopolítico no pós-moderno (Negri, 2001; Safatle, 2015) e que o biopolítico está para a biopotência e ambos reagem ao biopoder. Com o conceito de *máquina de guerra* (Deleuze e Guattari, 1997) mostrou-se como a escrita de Sr. Silva denuncia e busca combater os fascismos que o homem contemporâneo cultiva. Nesse ínterim, risco ao niilismo e involução da democracia são motivos da angústia do Sr. Silva.

Ademais, o que foi conquistado pela Revolução dos Cravos (1974) ou não chegou a se cumprir ou está perdendo a força. A democracia tão almejada nos quarenta anos de regime ditatorial precisa ser ressignificada e não odiada (Rancière, 2015). As condições econômicas de Portugal em meio à zona do euro trazem impasses, como a falta de dignidade e realização das necessidades básicas e, “a partir do momento em que falta o emprego, em que falta o dinheiro, falta imediatamente humanidade” (VHM, 2014), logo, o reflorescimento de práticas fascistas ganham alcance.

A recusa do modelo de vida homogeneizante que aponta para um empobrecimento existencial, encontra na singularização e na alteridade maneiras de valorizar o coletivo e crer nas potencialidades do ser humano. É por essas veredas que *a máquina de fazer espanhóis* (2011) move-se, num compromisso com o nosso tempo, em falar sobre o que nos acontece.

Por fim, cresce a vontade de descobrir outros caminhos a partir deste estudo e adentrar outras obras de valter hugo mãe. Seus livros possuem ambientes e realidades terrificantes em que um gesto delicado desencadeia novos afetos e comportamentos. Os

personagens de VHM provocam e sugerem modos de existência, sempre ligados à retomada da vitalidade que nos teimam roubar da vida, em outras palavras, no seio da própria captura da vida há uma réstia de possibilidade que não seja aterradora, nos fazendo então, pensar e sentir de outro modo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: SC: Argos, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado - Ensaios de teoria da história**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

AUGUSTO, Claudio de Farias. **A revolução portuguesa**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BIRMINGHAM, David. **História concisa de Portugal**. Trad. Daniel M. Miranda. São Paulo: EDIPRO, 2015.

BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEBERT, Guita Grin; NERI, Anita Liberalesco (orgs.). **Velhice e Sociedade**. Campinas/SP: Papyrus, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Rizoma. In: **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Trad. Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 11- 37.

_____. Micropolítica e segmentaridade. In: **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 3**. Trad. Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 5**. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 3, 1997.

_____. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia.** Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos, seguido de Envelhecer e morrer.** Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Trad. M. Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976).** Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **O nascimento da biopolítica.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Por uma vida não fascista.** Disponível em: < <https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2011/08/foucault-por-uma-vida-nao-facista-pdf.pdf> > Acesso em: 22 jul. 2014.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia.** Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

GÓES, Walder de. **Revolução em Portugal.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do Império.** Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARTOG, François. **Tempo e história: Como escrever a história da França hoje?** In: Revista História Social. Campinas – SP, nº 3, 1996, p. 127-154.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção.** Rio de Janeiro: Imago Ed. 1991.

JAMESON, Fredric. **O romance histórico ainda é possível?** Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/nec/n77/a09n77.pdf> > Acesso em: 16 out. 2014.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas e subjetividades.** Trad. Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Edições Sesc São Paulo: n-1 edições, 2014.

LOURENÇO, Eduardo. **A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MÃE, Valter Hugo. **o nosso reino**. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **o remorso de baltazar serapião**. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **apocalipse dos trabalhadores**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

_____. **a máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

_____. **O filho de mil homens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

_____. **A desumanização**. Porto: Porto Editora, 2013.

_____. **O paraíso são os outros**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MARQUES, Carlos Vaz. **As palavras não se afogam ao atravessar o Atlântico**. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2015.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2013.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **Velha? Eu? Autorretrato de uma feminista**. Disponível em: < <http://www.tanianavarroswain.com.br/brasil/anahi1.htm> > Acesso em: 5 out. de 2015.

NEGRI, Antonio. **Exílio, seguido de Valor e afeto**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

NUNES, Benedito. O trabalho da interpretação e a figura do intérprete na literatura. In: **A clave do poético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PANIKKAR, Raimon. **O espírito da política (homo politicus)**. Trad. Mercês Rocha. São Paulo: TRIOM, 2005.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

_____. Biopolítica. In: **Vida capital - ensaios de biopolítica**. São Paulo. Iluminuras, 2003.

PESSOA, Fernando. **Poesias**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

PISSARRA, José J. **Barbearias e cabeleireiros de homens da Baixa e Chiado**. Disponível em: <http://geo.cm-lisboa.pt/fileadmin/GEO/Imagens/Fotos_Baixa_Chiado/1deMaio2009/BarbeirosNet.pdf> Acesso em: 13 abr. 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org., Editora 34, 2009.

_____. **Políticas da escrita**. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

REIS, Carlos. **A ficção portuguesa entre a Revolução e o fim do século**. In: Revista Scripta, Belo Horizonte, vol. 8, n. 15, p. 15 - 45, 2004.

RIEMEN, Rob. **O eterno retorno do fascismo**. Trad. Maria Carvalho. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2012.

ROSAS, Fernando. **O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo**. In: Análise Social, vol. 35, n. 157, 2001, p. 1031 – 1054.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SARAMAGO, José. **Memorial do convento**. Lisboa: Editorial Caminho, 1982.

_____. **História do cerco de Lisboa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCRAMIM, Susana. Abertura: historiar o presente. In: **Literatura do presente: história e anacronismo de textos**. Chapecó: Argos, 2007.

SOUSA, Jorge Pais de. **O Estado Novo de Salazar como um fascismo catedrático fundamentação histórica de uma categoria política**. Disponível em: <http://www.intellectus.uerj.br/Textos/Ano12n2/artigo_jorge_pais.pdf> Acesso em: 23 mai. 2015.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro, 2004.